



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Alberto Alvadia Filho

**Que papo é esse? : uma abordagem sociológica do projeto Papo de
Resposta, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2012

Alberto Alvadia Filho

Que papo é esse?: uma abordagem sociológica do projeto Papo de Resposta, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. João Trajano Sento-Sé

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

A472 Alvadia Filho, Alberto.
Que papo é esse?: uma abordagem sociológica do projeto
Papo de Resposta, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro
/Alberto Alvadia Filho. – 2012.
117 f.

Orientador: João Trajano Sento-Sé.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Rio de Janeiro (RJ) – Polícia – Atitudes – Teses. 2. Polícia
- Teses. I. Sento-Sé, João Trajano de Lima. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

CDU 351.74(815.31)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alberto Alvadia Filho

Que papo é esse? : uma abordagem sociológica do projeto Papo de Resposta, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração:

Aprovada em: 21 de dezembro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Trajano Sento-Sé (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. José Ignacio Cano Gestoso
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Anderson Moraes de Castro e Silva
Instituto Nacional de Propriedade Industrial

Rio de Janeiro

2012

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é resultado d minha pesquisa como aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em que contei com uma bolsa de estudos concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Inicio meus agradecimentos recorrendo a uma frase que ouvi pela primeira vez há muito tempo, quando ainda estava na graduação. De fato, ela pode ser aplicada em diversos momentos e em diversos campos da nossa existência. Trata-se de: *é fácil chegar, mas difícil é sair*. Na graduação já tinha experimentado um pouco do sabor desta sentença, visto que, entre algumas idas e vindas, passei bons anos dividindo meu curso noturno com um emprego necessário à minha subsistência e morando distante. Situação pela qual muitas pessoas passam e que torna, em escalas distintas, a tarefa da conquista do diploma algo fruto de esforço e perseverança. No percurso, vi companheiros traçando seus caminhos, uns abandonando a carreira de cientista social, outros seguindo rumo ao mercado da área e/ou rumo à pós-graduação. Essa combinação foi a que se apresentou a mim e o binômio trabalho-estudo cada vez mais se mostrou indissociável. Desde os tempos que em trabalhava no escritório de uma empresa privada, sempre desejei uma atividade profissional na qual eu estivesse envolvido para além de uma carga horária formal.

Volto à frase que enunciei nas primeiras linhas para dizer que, no trajeto que hoje concluo, o de aluno de mestrado de um programa de pós-graduação, ser aprovado no processo seletivo e realizar a matrícula são apenas passos que não só não garantem o título, como trazem consigo desafios que envolvem muitas dimensões da vida do estudante, para além daquela estritamente ligada à leitura de textos e à frequência às aulas.

Nominalmente, gostaria de agradecer a algumas pessoas importantes nesse percurso, que começa bem antes de minha entrada na universidade, quando era um jovem vindo do interior do Estado sem muita clareza da opção que tinha feito ao escolher o curso de ciências sociais na inscrição para o vestibular. A despeito da maturidade que o avanço da idade e as ditas experiências da vida supõem nos trazer, esta graduação nos põe em contato com pensamentos e ideias que indelevelmente transformam a forma de enxergar a realidade e o mundo ao nosso redor. Despedimo-nos daquilo que tínhamos certeza conhecer para tomar contato com algo que jamais conheceremos por completo.

Agradeço primeiramente, como não poderia deixar de ser, aos meus pais Alberto e Regina, e aos meus irmãos Márcia e Luis Alberto, pelo de me oferecer a melhor educação que seus limites materiais e pessoais puderam alcançar.

Aos muitos companheiros de jornada, tanto na esfera pessoal quanto profissional, com os quais travei contato em diferentes momentos e que, por alguma afinidade mais forte que as contradições, permanecem próximos em laços de apoio e de ajuda-mútua.

Ao meu orientador, parceiro profissional e amigo João Trajano Sento-Sé, pelos valiosos ensinamentos e pela inesgotável compreensão e solidariedade nos momentos difíceis.

Às queridas professoras Helena Bomeny e Silvia Ramos, por terem aceitado o convite de integrar minha banca de qualificação, colaborando com observações importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos companheiros do LAV: Professores Ignácio Cano e Doriám Borges, Andréia Cidade, Cintia Barros, Cristiane Martins, Eduardo Ribeiro, Eleutério Nhantumbo, Juliana Veríssimo, Rosana Ribeiro, Tatiana Guimarães, Thais Duarte.

Aos demais professores do Departamento de Ciências Sociais da UERJ, que muito contribuíram para minha formação pessoal e profissional em uma dimensão que eu jamais serei capaz de traduzir em palavras: Carlos Eduardo Rebello de Mendonça, Cristina Maria Parahyba Dias, Felícia Picanço, Luitgarde Barros, Luis Eduardo Soares, Mario Henrique Heckscher, Ronaldo Castro, Valter Duarte e Valter Sinder.

Aos companheiros do CESeC, que me receberam de braços abertos e me proporcionam cotidianamente grandes oportunidades de aprendizado: Ana Paula, Barbara Soares, Carolina Wagner, Julita Lemgruber, Leonarda Musumeci e Marcia Fernandes.

Aos inspetores da Polícia Civil Marco Pedra, Roberto Chaves e Wagner Ricardo, membros do projeto Papo de Resposta, pelo apoio e incondicional para a realização desta pesquisa.

Aos agentes de projeto do AfroReggae Zico e Chinaider.

Ao saudoso amigo Renan Almeida de Souza, que infelizmente não pode estar presente materialmente neste momento, mas para o qual contribuiu de forma inestimável.

Aos amigos Rosane Cristina de Oliveira, Max Rebello, José Maria Ferreira, Jô Argonauta, Elisangela Barbosa, Gabriel Lopes e Frederico Guerra, Diogo Queiroga, Rodrigo Lychowski, Neuder Bastos, Thiago Ganso, Catia Trindade, Ana Rosa Igreja, Patrick Swan, Andre Orsolon, Daniel Fortes, Johana Pardo, Ricardo Souza e Silva, Victor Amaral, Homero Fraga, Andre Quintas, Isaac Jerez, Ramez Maloouf, Tadzio Peters.

Este trabalho é dedicado a todos os que, ao longo de toda a história da humanidade, devotaram seus esforços e suas vidas, sempre na medida de suas capacidades e de suas visões históricas de mundo, à causa da emancipação humana diante da opressão, seja ela de que natureza tenha sido.

E você ainda acredita
Que é um doutor
Padre ou policial
Que está contribuindo
Com sua parte
Para o nosso belo
Quadro social....

Raul Seixas

RESUMO

ALVADIA FILHO, Alberto. **Que papo é esse?** : uma abordagem sociológica do projeto Papo de Resposta, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

A proposta do presente trabalho é acompanhar as atividades de um projeto intitulado Papo de Resposta, hoje desenvolvido em parceria por duas instituições, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro e o Grupo Cultural AfroReggae, ao longo de 9 meses, de janeiro a setembro de 2011. O Papo de Resposta consiste em uma iniciativa que compreende visitas a escolas, Igrejas, associações de moradores, congressos, universidades e empresas, feitas por duplas de profissionais, sendo um policial civil e um membro do AfroReggae, em que são promovidas palestras e debates – ou na linguagem que dá nome à ideia, *papos* – nos quais são desenvolvidos temas como consumo de álcool e drogas, violência e criminalidade, entre outros, a partir da experiência de cada um dos participantes, com o objetivo de abrir e estabelecer canais de comunicação entre atores que possuem entre si um histórico de estigmatização e preconceito, com foco na prevenção da violência. O objetivo desta dissertação é contribuir na reflexão sobre as transformações nas representações sociais que se constroem a partir da interação entre estes diferentes grupos, suas estratégias e práticas, a partir da perspectiva da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. Mais que qualquer tipo de avaliação sobre mudanças provocadas pela atuação do projeto, o propósito aqui é analisar e apresentar quais são suas potencialidades em matéria de produção de canais de contato, estratégias de prevenção da violência e desafios a serem enfrentados dentro e fora da instituição policial.

Palavras-chave: Polícia. Justiça. Direitos humanos.

ABSTRACT

ALVADIA FILHO, Alberto. **Que papo é esse?**: uma abordagem sociológica do projeto Papo de Resposta, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. 117 f. Dissertação. Mestrado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

The purpose of this study was to follow and observe the activities of a project entitled “Papo de Resposta” over nine months, from January to September 2011. The project, which is developed jointly by the Civil Police of Rio de Janeiro state and the NGO “Grupo Cultural AfroReggae”, consists of visits to schools, churches, neighbourhood associations, conferences, universities and companies, in which are promoted lectures and debates – or, in the language that gives name to the idea, chats. The visits are made by pairs of professionals, a police officer and a member of AfroReggae, who talks about issues such as alcohol and drugs, violence and crime, among others, considering the experience of each participant. Thus, focusing on violence prevention, the project intend to open and establish communication channels between actors (police officers and young people) who have a history of stigmatization and prejudice among themselves. The aim of the dissertation is to reflect on changes in the social representations that are constructed from the interaction between these different groups, as well as to observe their strategies and practices, from the perspective of the State Civil Police of Rio de Janeiro. More than an evaluation about possible changes caused by the action of the project, the purpose here was to analyze and present what are their potentialities in terms of promoting contact channels, working as strategies to prevent violence and challenges to be faced within and outside the police institution.

Keywords: Police. Justice. Human rights.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	SEGURANÇA, DIREITOS HUMANOS E VIOLÊNCIA	18
1.1	O contrato civil e a questão da segurança	18
1.2	Iluminismo e Direitos Humanos	19
1.3	Algumas iniciativas de destaque	21
1.4	Juventude e violência letal	24
2	O PAPO É ESSE!	29
2.1	Civilzinho: da tragédia do cotidiano à intervenção	36
2.2	A mudança do nome	39
2.3	O primeiro contato	42
2.4	A entrada do AfroReggae e o encontro de Búzios	43
2.5	Grupo Cultural AfroReggae: “da favela para o mundo”	47
2.6	Natura Cosméticos S.A.	49
3	DE PAPO COM O PAPO	51
3.1	Um Papo preventivo	56
3.2	Onde o Papo aconteceu em 2011	58
3.3	Um Papo com a instituição	63
3.4	“Entre nós” ou entre muitos	68
3.5	Um Papo com a arte	70
3.6	A metáfora do espelho: “qual polícia a sociedade quer?”	73
3.7	O poder simbólico do uniforme: aqui o Papo é outro	75
3.7.1	<u>Encontro de discursos: o carisma como estratégia</u>	80
3.7.2	<u>Superando estigmas, pra dentro e pra fora</u>	82
3.8	No cárcere: a experiência no Talavera Bruce	89
3.9	Outros Papos a caminho	91
	FIM DE PAPO	94
	REFERÊNCIAS	98
	ANEXO A - Logotipo	101
	ANEXO B - Capa do livro "O livro de todas as vozes"	102
	ANEXO C - Gandola	103

ANEXO D - Pérolas.....	104
ANEXO E - Rap do Papo.....	105
ANEXO F - Agenda de 2011.....	108
ANEXO G - Resolução de instituição do Programa na Polícia Civil.....	116

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata de um projeto denominado Papo de Resposta. Um objeto polêmico e complexo, já que, não obstante pertencer à Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro – representante de um tipo de instituição pública que historicamente pautou sua conduta pela prática repressiva, com pouco diálogo com outros setores da sociedade – congregou, na sua trajetória, uma parceria com uma organização não governamental com atuação por meio da participação de egressos do sistema prisional, o Grupo Cultural AfroReggae. Além disso, conta, desde 2008, com o apoio financeiro de uma empresa privada, a Natura Cosméticos. Essa relação entre o poder público, uma ONG e a esfera privada se inscreve em um movimento que ganhou força no Brasil no início dos anos 1990, em que privatizações, terceirizações e parcerias deram nova dinâmica à atuação governamental.

O Projeto objetiva atuar no campo da prevenção da violência, propondo a realização de encontros em que são apresentadas e debatidas questões como violência, criminalidade, consumo e comercialização de drogas. Apesar de comparecer sem distinção a uma gama de locais diversos, é nas escolas, com os jovens, o *locus* principal de sua atuação. Jovem, que é um dos nós para a segurança pública, uma vez que o histórico da relação entre este segmento social e a polícia de maneira geral guarda episódios de dificuldade de diálogo e conflitos, conforme será apontado no texto com base em recentes pesquisas realizadas no Brasil e em especial no Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, penetrar a relação de alteridade intergrupos de policiais, egressos e jovens, é um fator importante para entender dimensões como pobreza, criminalidade, violência e vulnerabilidade de determinados grupos sociais. Ao encontro de algo presente no discurso oficial das forças de segurança pública nos últimos anos, o Papo, na pequena escala que lhe cabe, segue no sentido de estabelecer mecanismos de quebra da lógica da guerra, em que se considera o opositor como alguém a ser eliminado, e da animosidade histórica intergrupos. Atua como uma espécie de relações públicas da instituição policial, pretendendo produzir canais de comunicação e alternativas para a ruptura de estigmas estabelecidos¹.

Em todos os momentos, desde o início da pesquisa, tive plena liberdade de acesso aos locais de visita do Projeto, assim como a todos os seus membros, fatores que foram determinantes para compartilhar momentos diversos, antes, durante e depois da realização de cada Papo. É importante ressaltar que no texto poderá ser observada a preponderância de falas

¹ Uma comparação recorrente é feita do Papo de Resposta com o Proerd, um programa federal de combate às drogas, desenvolvido nas escolas, todavia os integrantes do projeto das Polícia Civil frisam que tratam-se de iniciativas distintas. Esse ponto será abordado no capítulo “O Papo é esse!”.

citadas, assim como de referências feitas, relativas ao inspetor Roberto Chaves, o que se justifica pelo fato de este ter sido o principal interlocutor, além de estar presente desde o momento de idealização do Projeto em 2003, quando ainda se chamava Civilzinho. Os outros dois inspetores integrantes do Projeto ao longo da pesquisa de campo, Marco Pedra e Wagner Ricardo, iniciaram sua atuação no Papo em 2009.

Embora este trabalho não tenha sido minha primeira experiência em pesquisas com a Polícia, em outras oportunidades restringi-me ao papel de entrevistador, aplicando questionários. Nas atividades exigidas para esta dissertação, houve novos contornos, com características etnográficas, já que foi necessária a convivência continuada, com a partilha de momentos diversos, tomando contato com a linguagem do policial, do egresso, do jovem, ouvindo e tecendo comentários, observando e sendo observado. Vivenciando a rotina do trabalho do Papo, utilizei-me da perspectiva de Malinowski, na introdução da obra ‘Argonautas do pacífico ocidental’², sobre a coleta de informações e observação de fatos, em que o autor frisa a importância da presença do pesquisador no fazer do objeto, a fim de que conheça os recursos linguísticos utilizados e registre os pontos de vista e as expressões dos agentes em cena.

Este trabalho se inscreve no campo de estudos sobre a polícia e suas práticas de prevenção da violência. O objetivo não é o de avaliar o Projeto no sentido de lhe conferir legitimidade, tampouco pretende ser um relatório que preste contas de resultados, mas sim apresentar uma análise a partir das propostas, das articulações e das resistências encontradas. A pesquisa tem como propósito contribuir para sua compreensão e seu desenvolvimento, sem, no entanto, deixar de apontar desafios endógenos e exógenos, tanto em relação à própria instituição à qual pertence quanto em relação ao contexto social em que se realiza. A intenção é dialogar com uma determinada prática perpetrada por um segmento da Polícia Civil, durante muito tempo marginal à estrutura da instituição, mas advogando representá-la, um fazer aprendido no dia a dia, em que em muitas ocasiões conciliam sua atividade repressiva e o trabalho no Papo, com perspectivas sociológicas que abordam os temas e práticas por eles conduzidos.

Sem a pretensão de ser conclusivo, já que está situado em um momento de transição na concepção da segurança pública no Estado, o presente trabalho não tem o objetivo de proceder qualquer tipo de mensuração do impacto do Projeto, tendo a finalidade de compreender as estratégias adotadas por este, construídas e reconstruídas a partir da prática e

² MALINOVSKI, Bronislaw. Argonautas dos Pacífico ocidental. Editora Abril. São Paulo, 1978.

do aprendizado dos inspetores da polícia em diálogo com o público e com a instituição ao longo dos anos. Para os próprios inspetores, o processo também é de aprendizado contínuo, composto de descobertas e ressignificações de conceitos, de continuidades e adaptações, avanços e retrocessos. A pesquisa consistiu muito mais em compreender como começou, por onde esteve e para onde caminha, capturar como se move, do que estabelecer como é. Desvelar essa dinâmica é a tarefa à qual essa pesquisa se destina. A proposta de abordagem foi, em síntese, fazê-la a partir da polícia, da perspectiva de seus inspetores, desde a gênese da ideia, sem desconsiderar, com isso, os outros atores que constituem o projeto e os atores com quem dialoga.

O texto começa com uma abordagem sobre temas que circunscrevem a pesquisa, que são o pano de fundo para sua discussão e dão suporte ao recorte metodológico adotado. O capítulo intitulado “Segurança pública, direitos humanos e violência” apresenta um breve retrospecto sobre a importância da segurança, com ênfase no período desde a constituição dos Estados Modernos, recuperando alguns dos principais documentos sobre direitos humanos promulgados desde então; no Brasil, destaque para o período de redemocratização a partir do início da década de 1980. No país, são elencadas algumas iniciativas importantes em matéria de políticas públicas nos últimos 20 anos que, com problemas e discontinuidades, despontam como um anúncio, ainda que muitas vezes frágil e incipiente, de mudanças na concepção da promoção da segurança e da salvaguarda dos direitos por parte do Estado. Seguem-se dados estatísticos de pesquisas sobre o fenômeno da violência, principalmente a letal, com jovens no Brasil, em um comparativo com números de outros países.

A parte substantiva, na qual o objeto da pesquisa é tratado, inicia com o capítulo “O Papo é esse!”. Aqui o Projeto é apresentado, com suas principais características e abordagens utilizadas. Também estão presentes a metodologia utilizada, os recortes e escolhas feitas ao longo do trabalho, além dos referenciais teóricos de apoio. Na sequência, o capítulo seguinte busca traçar um retrospecto do Papo de Responsa desde seus primeiros passos em 2003 em uma escola privada em Olaria, um bairro localizado no subúrbio da capital do Estado do Rio de Janeiro, em que apenas um inspetor atuava de forma espontânea e intuitiva e chegando aos primeiros contatos com a Chefia de Polícia Civil e com o AfroReggae. O item esclarece, ainda, como é feita a agenda semanal de atividades do Projeto.

Nos capítulos seguintes, são descritos dois momentos importantes na trajetória do Projeto: a mudança de nome de Civilzinho para Papo de Responsa, proposta em 2008, por um oficial de cartório policial civil que integrava o gabinete da Chefia de Polícia, em um momento em que esta cogitava integrar o Projeto a um amplo programa da instituição

denominado Escola Segura, que acabou não se realizando; e a chegada de mais membros, tanto por parte da Polícia Civil, quanto por parte do Grupo Cultural AfroReggae, em uma parceria sedimentada em um seminário na cidade de Búzios, patrocinado pela empresa Natura Cosméticos, que posteriormente se tornaria também patrocinadora. No fim deste segundo item, para contextualizar as duas instituições, dois boxes com o histórico do AfroReggae e da Natura contêm seus retrospectos institucionais, com ênfase em iniciativas ligadas à temática social. Na sequência, o relato de meu primeiro contato com o Projeto, a partir de uma experiência profissional como pesquisador do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes, do Rio de Janeiro, para um concurso denominado Polícia Cidadã, ocorrido no ano de 2009, em que o Papo de Resposta concorreu.

“De papo com o Papo” mostra a estrutura material com que conta o Projeto; a constituição das apresentações e como se dão os papéis de cada ator; uma abordagem preliminar, a partir da fala dos inspetores, do contexto social em que o Projeto se encontra; as estratégias de uso de mídia para estreitar o contato com seus interlocutores, como a presença nas páginas de relacionamento Facebook e Twitter; e a publicação de divulgação, intitulada “O livro de todas as vozes”, seu processo de concepção e seus propósitos³.

“Um Papo preventivo” mostra o argumento de propósito do Projeto de atuar na prevenção da violência, em que são analisados quais os traços com esse caráter podem ser identificados em sua práxis, abordando a perspectiva criminológica moderna, dividida em primária, secundária e terciária. Na sequência, um inventário dos locais onde o Papo esteve no ano de 2011, com uma distribuição por municípios do Estado Rio de Janeiro e ainda pelos bairros da capital. Nesse mesmo ano foi implementado um livro de registros de presença para o público.

Com a proposta de mostrar a perspectiva do Projeto para dentro da instituição policial, que tem o horizonte de colaborar, nas palavras dos próprios inspetores, para uma mudança na cultura interna da Polícia, “Um Papo com a instituição” traz relatos dos próprios inspetores acerca da dificuldade da Polícia Civil em se comunicar com o cidadão e da seletividade dessa comunicação. O item mostra ainda um momento importante do Projeto, em que a Chefia da Polícia propôs a transferência da tarefa de prospecção e marcação de agenda das atividades aos delegados titulares de delegacias distritais, em uma operação em que estes ficariam incumbidos de repassar uma programação previamente estabelecida aos integrantes do Projeto. Nessa parte do texto, os inspetores destacam o quanto valorizam o fato de serem

³ O título deste trabalho vale-se inclusive da expressão disposta na capa do livro: “Que Papo é esse?”

reconhecidos por seus pares como “operacionais”, o que, do seu ponto de vista, lhes garante legitimidade para a consecução de suas tarefas no Papo. No horizonte, a institucionalização que traz consigo a expectativa de transformar o Projeto em um Programa dotado de maior estrutura e com previsão orçamentária.

O item “Entre nós ou entre muitos” retrata a metodologia adotada pelo Projeto, composta por seis etapas de trabalho, que possibilita uma adaptação a diferentes espaços e diferentes públicos, e começa com encontros com a coordenação pedagógica e com os professores, antes de chegar às salas de aula. “Um Papo que inspira a arte”, que vem em seguida, consiste em duas entrevistas realizadas com indivíduos que estiveram presentes em Papos e transformaram suas experiências em composições musicais, uma em forma de *rap* e outra em ritmo de MPB. O item trata da perspectiva da transformação social pela ação e evoca uma célebre citação do dramaturgo alemão Brecht sobre a realidade como processo histórico, refletido à luz do traço de cordialidade presente no povo brasileiro, de acordo com o pensamento de Sergio Buarque de Holanda.

Para o Papo, o exercício do poder simbólico a partir da condição de policial, expressa pelo uso do uniforme, a estratégia discursiva traduzida na busca por uma linguagem que se identifique com a do jovem e a busca pela superação de estigmas, compõem um conjunto analítico importante de itens que são os pontos centrais do projeto. A proposta é pensar um modelo de exercício da autoridade articulado com o investimento em um novo tipo de comunicação, com a criação de canais de contato com a juventude e com o desejo de contribuir para a aproximação das pessoas, superando valores pré-concebidos.

Os dois itens seguintes têm conteúdos que se encontram, já que “No cárcere: a experiência no Talavera Bruce” e “Outros Papos a caminho” abordam experiências novas e sobre possibilidades de trabalho que se abrem. Se a primeira já aconteceu, em dois Papos realizados em novembro de 2010 e o segundo em maio de 2011 na Penitenciária Talavera Bruce, no Rio de Janeiro, onde mulheres cumprem pena em regime fechado; há outras no horizonte. Em 2012, chega ao fim a parceria com o AfroReggae, o que impõe um redimensionamento das atividades, ao passo em que foi mantida a apresentação em duplas, o quadro de integrantes reduzido pela metade. Além disso, na perspectiva da relação policial/egresso do sistema prisional, encerra-se a condição de operar com a quebra de estigmas por meio da atuação e da presença de ambos trabalhando cooperativamente. A institucionalização, como um núcleo de prevenção lotado na Delegacia de Combate às Drogas, garantirá maior estrutura e reconhecimento institucional, o que para os integrantes do Projeto, significa, antes de tudo, a consolidação e uma garantia de continuidade e crescimento.

Estão em negociação parcerias com outras delegacias especializadas em atividades correlatas aos temas abordados pelo Projeto, como a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, a Delegacia de Proteção ao Meio Ambiente e Delegacia de Proteção Contra Crimes na Internet. Já há contatos com instituições privadas como a Unisuam, a Firjan e a Faetec, para o encaminhamento de jovens aos seus centros de formação educacional, como forma de incentivo e oferta de oportunidades. Está em andamento o firmamento de uma parceria com a Polícia Militar, para atuação do Papo de Resposta nas comunidades onde estão instaladas Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), como forma de colaborar como um fator a mais na aproximação da polícia com o morador. Estados como o Ceará e o Mato Grosso já sinalizaram com o desejo de implantar a tecnologia do Papo de Resposta em seus Estados.

Novas pesquisas poderão dar conta da continuidade de todo este processo, mas neste momento, segue uma tentativa de abordá-lo a partir dos atores da instituição que o originou, em uma fase em que o voluntarismo e a espontaneidade falaram mais alto. Entre elogios e críticas, avanços e refluxos, criações e reinvenções, estas duas características talvez tenham sido as que o possibilitaram completar 10 anos de existência.

1 SEGURANÇA, DIREITOS HUMANOS E VIOLÊNCIA

1.1 O contrato civil e a questão da segurança

É preciso considerar a questão da segurança pública como um campo que se ocupa de aspectos centrais da vida do cidadão, dizendo respeito ao exercício da liberdade e de acesso a direitos. Apesar de áreas como saúde, educação, transporte e moradia serem fundamentais para o bem-estar da população, a preocupação com a questão da segurança tem ganhado cada vez mais espaço no debate público. Como um exemplo próximo, temos visto, no Brasil, que unidades habitacionais do projeto “Minha Casa, Minha Vida”⁴, do governo federal, têm sido negociadas por setores ligados às milícias no Rio de Janeiro, grupos que também controlam setores do transporte alternativo no Estado. Além disso, há registros de escolas invadidas e tendo seus bens roubados; desde merenda escolar a computadores e aparelhos eletrônicos. Esses são exemplos de que se a segurança não é garantida, outras dimensões da vida ficam expostas e vulneráveis. Nesse sentido, é nas áreas menos favorecidas economicamente e menos assistidas pelo poder público que se registram os maiores problemas. Sob esse ponto, todavia, é importante atentar para a concepção que liga organicamente o crime e a violência à condição social, o que reforça a estigmatização de certos grupos e legitima a ação policial seletiva para determinados grupos.

A preocupação com a garantia de sua própria segurança e liberdade não é uma novidade da contemporaneidade. Se fizermos um recorte temporal recente a partir do fim da era moderna, com a queda do antigo regime na Europa e o advento de Estados Nacionais Modernos, temos marcada a preocupação do Homem sobre como organizar o tecido social de modo a estabelecer pactos que tornassem possível a sociabilidade em um regime civil, de direitos. Naquele tempo, com a deposição dos regimes monárquicos justificada pela busca de igualdade de direitos, foi preciso elaborar teses que contemplassem essa dimensão e servissem de sustentáculo à nova ordem que estava sendo erigida. Estabelecer a forma de governo a ser adotada, o caráter da propriedade, os direitos e os deveres dos cidadãos, questões sobre as quais se debruçaram importantes atores do período. A declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada na França em 1789, dispõe sobre essas questões já em seus dois primeiros artigos: Art.1.º Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As destinações

⁴De acordo com o endereço eletrônico <http://www.cidades.gov.br>, o Programa, de âmbito nacional, “tem por objetivo promover a produção ou aquisição de novas unidades habitacionais, ou a requalificação de imóveis urbanos, para famílias com renda mensal de até R\$ 5.000,00”.

sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum. Art. 2.º A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão.

Nesse sentido, no movimento de constituição da nova ordem, propostas conservadoras se encontraram com propostas progressistas, como por exemplo, nas teses de Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e Jean Jacques Rousseau (1712-1778), representantes de uma escola de pensamento que passou a ser conhecida como contratualista, termo que alude à assunção da necessidade do estabelecimento de pactos e contratos entre os indivíduos, que operam com as dimensões de cessão de liberdade e preservação de direitos. A importância dessa escola reside no fato de seu legado para as democracias modernas do mundo atual, visto que alguns dos principais temas sobre os quais se debruçaram constituem as bases desses regimes, como a liberdade individual, a representação política e a propriedade privada.

1.2 Iluminismo e Direitos Humanos

Dois séculos antes dos contratualistas, na segunda metade do século XIV, surgiu na Itália um movimento estético, literário e filosófico denominado Humanismo. Este movimento se caracterizava pela valorização do Homem como ser dotado de capacidade de construir e determinar seu próprio destino. O movimento foi um aspecto fundamental do Renascimento e do Antropocentrismo, no qual o Homem é reconhecido em sua totalidade e em diálogo com a natureza e com a História. Contemporaneamente, o Humanismo é compreendido como um conjunto de valores cujo fundamento é a figura humana, seus interesses e seus limites. Os direitos humanos guardam estreita relação com estes valores e tem neles a inspiração de sua expressão moderna, tal qual a conhecemos. A primeira declaração dos direitos humanos que se tem conhecimento é a Declaração dos Direitos da Virgínia em 1776, que, por sua vez, exerceu influência na Declaração dos Direitos Humanos da Declaração da Independência dos Estados Unidos da América, no mesmo ano. Treze anos depois, em 1789, foi a vez da França, no processo revolucionário que apregoava igualdade, da liberdade e da fraternidade, aprovar e promulgar, por meio de sua Assembleia Nacional, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, documento que teve grande influência nos levantes sociais que eclodiram no século seguinte, marcado por mudanças profundas na base econômica, política e social.

O século XX conheceu duas guerras acontecidas no seio do continente onde tanto o Humanismo quanto o Iluminismo floresceram, o que fez com que o ideal de emancipação humana prometida por meio do domínio do Homem sobre a natureza e sobre a técnica fosse colocado em questão. Regimes como o Nazismo, o Fascismo e o Stalinismo, para citar apenas alguns dos maiores expoentes de regimes totalitários deste século, mostraram ao mundo como a ciência e o desenvolvimento técnico podem ser manipulados para propósitos que vão de encontro ao respeito à vida e aos direitos anunciados mais de um século antes. Após o fim da segunda grande guerra (1939-1945), com um saldo de aproximadamente 70 milhões de mortos – na primeira grande guerra (1914-1919) a estimativa é de 19 milhões –, é criada a Organização das Nações Unidas (ONU), que publica, em 1948, a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, cujo artigo I proclama: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos, são dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”. A entidade, com sede nos Estados Unidos da América, foi:

“fundada após a 2^a Guerra Mundial para manter a paz e a segurança no mundo, fomentar relações cordiais entre as nações, promover progresso social, melhores padrões de vida e direitos humanos. Os membros são signatários da Carta da ONU, um tratado internacional que enuncia os direitos e deveres dos membros da comunidade internacional”⁵.

Na segunda metade do século XX são promulgadas cartas exclusivamente dedicadas aos Direitos Humanos, tais como: 1950 em Roma, na Itália, a “Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos Humanos e das Liberdades Individuais”; 1977 em Argel, na Argélia, a “Declaração Universal dos Direitos dos Povos”; em 1981 na África, a Organização de Unidade Africana assina a “Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos”; em 1990 em Paris, França, a “Carta de Paris”⁶; e em 1992, na Costa Rica, a “Convenção Americana sobre os Direitos Humanos”⁷.

Por Direitos Humanos entendem-se os direitos fundamentais que todo ser humano tem desde seu nascimento, independentemente de cor, classe, credo, orientação sexual ou política. São considerados fundamentais porque, sem eles, uma pessoa não adquire condições de desenvolvimento e de participação plenos na vida em sociedade. Destacamos entre eles os

⁵ <http://www.onu-brasil.org.br/>

⁶ Celebrada pela Conferência sobre “A Segurança e a Cooperação na Europa”.

⁷ Também conhecida como o “Pacto da Costa Rica”.

direitos à vida, à saúde, à moradia, à alimentação e à educação. No Brasil, a experiência democrática pós-ditadura militar, o quadro de conquistas e de garantias de efetivação dos Direitos Humanos ainda não superou problemas como a dificuldade do cumprimento, na prática, das determinações previstas na lei.

A partir da constituição de 1988, as tensões institucionais, a falta de recursos, o aparelho judiciário ineficiente e as dificuldades de estabelecer diálogo com os diferentes segmentos da sociedade, ainda são desafios que precisam ser combatidos e superados. A morosidade e a seletividade da justiça, aliadas as práticas de violência e corrupção ainda atingem considerável parcela da população, que ainda não conquistou plenamente o gozo dos direitos previstos nas leis. Como exemplos dessa contradição, ligados às áreas de segurança pública e juventude, pode-se citar, respectivamente: a Lei de Execuções Penais, instituída pela lei 7.210, de 11 de julho de 1984, cuja finalidade “é proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado”⁸; e o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069, de 13 de julho de 1990, cujo objetivo é estabelecer regras para a “proteção integral à criança e ao adolescente”⁹.

1.3 Algumas iniciativas de destaque

Nos últimos anos, no âmbito federal, o Ministério da Justiça implementou algumas iniciativas importantes como exemplo:

1) Desde 2006, a Rede de Altos Estudos em Segurança Pública (RENAESP)¹⁰ oferece oportunidades de formação continuada, através de convênios com Instituições de Ensino Superior, por meio de cursos gratuitos de pós-graduação *lato sensu* sobre diferentes temas ligados a área da Segurança Pública para policiais civis, policiais militares, bombeiros militares, profissionais de perícia forense, guardas municipais e outros profissionais que atuam na área.

2) Criou em 2007 o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), instituído em 2007 pelo governo federal, com um orçamento de R\$ 6,707 bilhões a serem investidos até o fim de 2012 e com o objetivo de reduzir a criminalidade no país, fomentando o planejamento e a execução de políticas de segurança pública e ações sociais,

⁸ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm

⁹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm

¹⁰ <http://portal.mj.gov.br>

com base no investimento em profissionais da segurança pública e jovens de 15 a 24 anos à beira da criminalidade¹¹. No Programa, à medida que o governo federal assumia o papel de indutor de políticas, as comunidades locais ganhariam um novo papel, assim como a valorização profissional de segurança pública, o investimento em repressão qualificada por meio de ações de inteligência e ações articuladas Municípios, Estados e União. Em termos de prática policial, as ações do Programa são pautadas por conceitos como a prática do policiamento comunitário, do policiamento de proximidade e do policiamento direcionado à resolução de conflitos.

3) Realizou, de 27 a 30 de agosto de 2009, a I Conferência Nacional de Segurança Pública, que reuniu, em Brasília, cerca de dois mil representantes das polícias, dos governos e da sociedade civil de todo o Brasil. Com base no debate de questões como cidadania, participação popular, prevenção da violência, repressão à criminalidade, respeito aos direitos humanos, criação de uma cultura de paz, qualificação e melhoria de remuneração dos profissionais da segurança pública, o objetivo foi o de “definir princípios e diretrizes orientadores da Política Nacional de Segurança Pública, com participação da sociedade civil, trabalhadores e poder público como instrumento de gestão, visando efetivar a segurança como direito fundamental”.¹²

No Estado do Rio de Janeiro, com base nas políticas mais recentes como a introdução dos Conselhos Comunitários de Segurança e o advento das UPP, temos um movimento institucional no sentido de aproximar as forças de segurança pública da população.

Os Conselhos Comunitários de Segurança, vinculados às Áreas Integradas de Segurança Públicas (AISP), têm por objetivo congregar atores diversos como “representações de associações de bairro, de clubes de serviço, de sindicatos, do comércio, da indústria, de bancos, de estabelecimentos de ensino, dentre outras entidades públicas e privadas, além dos cidadãos que residem, trabalham ou estudam na localidade”¹³, no sentido de identificar demandas e promover a integração entre a sociedade e as polícias.

Desde o final de 2008 temos em andamento também na cidade do Rio de Janeiro o projeto das UPP, cujo objetivo é retomar o controle armado de determinados territórios e possibilitar que moradores, agentes públicos e privados possam interagir de forma livre e pautada pelas regras do Estado Democrático de Direito. As UPP, gestadas no governo de

¹¹ <http://www.brasil.gov.br/Pronasci>

¹² <http://www.scribd.com/doc/25098935/Relatorio-Final-1%C2%AA-CONSEG>

¹³ <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=223>

Sergio Cabral Filho, foram implantadas em primeiro lugar no morro Santa Marta e até julho de 2012, com a inauguração das UPP dos Complexos do Alemão e da Penha, contam, até o fim de julho de 2012, com 28 unidades espalhadas pelo município, atendendo a 144 comunidades, em um espectro estimado de 400.000 pessoas beneficiadas. O diferencial está no fato de que agora essas ações policiais não são mais pontuais, porém compreendidas como de caráter de proximidade e como etapa primeira de um planejamento de longo prazo que abarque outras ações como serviços de saúde, saneamento básico, pavimentação e urbanização, aliado a programas de estudo, formação, capacitação profissional e de emprego para os moradores, sobretudo os jovens.

Para contribuir nesse processo, o governo estadual criou em 2010 o Programa UPP Social¹⁴, ligado à Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos para elaborar e colocar em prática ações sociais nas comunidades ocupadas por UPP, fomentando a criação de programas sociais e articulando a entrada tanto dos setores públicos municipal, estadual e federal, quanto do setor privado e da sociedade civil, no atendimento às necessidades de cada local. Em 2011, o Programa foi transferido para a prefeitura do município do Rio de Janeiro e passou à coordenação do Instituto Pereira Passos, com três objetivos principais, dispostos em seu endereço eletrônico:

- 1) contribuir para a consolidação do processo de pacificação e a promoção da cidadania local nos territórios pacificados;
- 2) promover o desenvolvimento urbano, social e econômico nos territórios;
- 3) efetivar a integração plena dessas áreas ao conjunto da cidade.

No terceiro setor, no Rio de Janeiro e em São Paulo, tivemos no ano de 2009, respectivamente a 1^a e 5^a edições do Prêmio Polícia Cidadã, cujo objetivo é reconhecer e dar visibilidade a iniciativas desenvolvidas por policiais cujo objetivo seja a intervenção por meio de estratégias de não letalidade e valorização dos direitos humanos e do exercício da cidadania. As escolhas das ações contempladas ao final do concurso foram feitas por um colegiado composto de profissionais de segurança pública, gestores públicos e pesquisadores das áreas de segurança pública e direitos humanos. Nesse segmento também aparece o Grupo Cultural AfroReggae, que, entre outros projetos com foco na prevenção da violência juvenil com base na arte e na cultura, mantém, desde 2008, o Projeto Empregabilidade, onde:

¹⁴ <http://www.uppsocial.org>

“através da iniciativa, pessoas de comunidade, mas especialmente egressos do sistema penitenciário, têm a oportunidade de conquistar um emprego com carteira assinada, benefícios trabalhistas garantidos e resgate da cidadania e auto-estima”.

Segundo dados do Grupo em seu endereço eletrônico, por meio de convênios com organizações não governamentais e empresas privadas, até o fim do ano de 2010 a iniciativa resultou no encaminhamento de cerca de 1.200 pessoas ao mercado de trabalho, sendo 680 entre egressos do sistema prisional ou indivíduos que tiveram algum tipo de envolvimento com a criminalidade.

1.4 Juventude e violência letal

No Brasil, como em geral acontece nos países subdesenvolvidos, as taxas de criminalidade são altas e a violência letal é um componente alarmante de uma característica endêmica que podemos considerar constituinte de nações marcadas historicamente pela carência de condições dignas de vida para o conjunto de sua população. No país, há duas principais fontes de dados relativos a homicídios, a Polícia e o Ministério da Saúde (Sistema de Informações sobre Mortalidade [SIM], criado pelo Ministério da Saúde no ano de 1975 com a finalidade de reunir as informações sobre mortalidade no País). A primeira fonte utiliza os boletins de ocorrência policial e a segunda os atestados de óbito. A título de informação, ambas possuem problemas de registro dos dados, o que, por sua vez, gera problemas na coleta.

De acordo com os dados do SIM, de 2006, a taxa brasileira de homicídios naquele ano foi de 26,6 por 100 mil habitantes, o que colocou o Brasil entre os países com as mais altas taxas de homicídio em todo o mundo. Se for considerada a taxa de homicídios de jovens negros com idades entre 21 e 23 anos, a taxa salta para 170 por 100 mil.

Segundo dados da ONG Observatório da Cidadania, em 2009 o Brasil foi o sexto país do mundo com o maior número de homicídios, com uma taxa em torno de 27 por 100 mil habitantes, o que equivale ao quantitativo de algo em torno de 50.000 assassinatos por ano¹⁵. Para traçarmos um paralelo com outros países como ferramenta de auxílio para a visualização desses dados inscritos na cena mundial, vemos que nos Estados Unidos o mesmo índice é de apenas seis homicídios por 100 mil habitantes, na França e em Portugal é de 0,7 e 1,6, respectivamente, e no México, que é um país com características semelhantes de desenvolvimento econômico e problemas sociais semelhantes ao Brasil, de 9,3, ou seja, pouco

¹⁵ Ibase – Observatório da cidadania, 2009. Edição especial.

mais de um terço da nossa. Se tomarmos os homicídios de jovens de 15 a 29 anos, a taxa brasileira de 51,7 por 100 mil leva o país à terceira posição em um ranking composto por 84 países¹⁶. No decênio de 1997 a 2007, o número total de homicídios foi de 512,2 mil pessoas, superando países que passaram por guerras civis, como a Chechênia (1994-1996), a Guatemala (1970-1994) e El Salvador (1980-1992).

De acordo com o artigo “De olho nas eleições 2010: Há solução para a segurança pública?”, publicado em julho de 2010 no site do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), um ponto importante no entendimento do fenômeno da violência letal no Brasil é a sua distribuição “geossocial”. Segundo essa interpretação, “esta violência possui uma dimensão racial, territorial, etária e de gênero. Esta característica mostra que as vítimas da violência letal são, em maior número, homens, jovens, negros. Outro ponto a ser notado é que estes vivem em localidades onde há baixo exercício da cidadania e a presença do poder público é quase nula”¹⁷. Na mesma linha, a socióloga Silvia Ramos, coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), em uma entrevista concedida ao Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) em abril de 2009¹⁸ revelou: “a distribuição dos homicídios é caracterizada pela sua extrema concentração entre jovens, do sexo masculino, com baixa escolaridade e renda, negros e moradores de favelas e periferias dos centros urbanos”.

Nas últimas décadas do século passado, notamos uma mudança no perfil das mortes de jovens no Brasil. Mudaram as características das mortes, com o surgimento do que se convencionou chamar de “novos padrões da mortalidade juvenil”, e se anteriormente eram as epidemias e as doenças infecciosas as principais causas de mortalidade entre os jovens, o quadro foi mudando paulatinamente e dando lugar às chamadas “mortes por causas externas”, onde figuram entre os principais óbitos aqueles provocados por acidentes de trânsito e homicídios. Fazendo um breve retrospecto até o ano de 1980, vemos, com base nos dados do SIM, que já naquele ano houve um crescimento considerável das causas externas como motivo de óbito entre os jovens de todo o país em relação às décadas anteriores, ficando a taxa na casa dos 53%. De lá até o último censo, essa porcentagem saltou para 72%, ou seja, passa a ser a causa de quase três a cada quatro mortes de jovens no Brasil. Tomando a mesma fonte, no ano de 1994 o número 32.603 homicídios registrados, passando a 48.374, dez anos

¹⁶ Pesquisa feita pelo Whosis/OMS.

¹⁷ www.inesc.org.br

¹⁸ www.Ibase.com.br

depois, apontando um aumento de quase 50%. Comparando esse mesmo percentual entre a população em geral e a população jovem, também veremos um crescimento de 38,4% para 42,8%.

Com dados mais recentes, o “Mapa da Violência 2012 – A cor dos homicídios no Brasil, Anatomia de Homicídios no Brasil”, lançado pelo Instituto Sangari, que considerou o conjunto da população brasileira entre os anos de 2002 e 2010, apresenta, em seus resultados, que as taxas de homicídio entre jovens são o dobro ou mais da população total. A taxa de homicídio entre jovens de cor branca no período regrediu 30,3%, caindo de 40,6 para 28,3, diante de um aumento de 3,5% entre jovens negros, indo 69,6 para 72,0. A conclusão do relatório é que “a vitimização de jovens negros, que em 2002 era de 71,7% no ano de 2010 pulou para 153,9% – morrem, proporcionalmente, duas vezes e meia mais jovens negros que brancos”. No Mapa da Violência de 2010 – Anatomia de Homicídios no Brasil, o responsável pela pesquisa, Julio Jacobo Waiselfisz, já dizia que “pode-se afirmar que a história recente da violência que resulta em homicídio, no Brasil, é a história do crescimento dessa violência entre jovens. Uma não terá solução sem a outra”.

O relatório da pesquisa que estabeleceu o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) publicado em 2009, produto de uma parceria do Laboratório de Análise da Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com o Observatório de Favelas, que analisou dados de 267 municípios do país - alerta para fatores de risco relacionados às qualificações de idade, sexo e raça quando se trata da ocorrência da violência letal nas grandes cidades. É importante destacar que o jovem é tradicionalmente mais exposto à violência, tanto enquanto autor quanto vítima. Segundo este relatório, em cidades com mais de 100.000 habitantes, o risco de um adolescente morrer vítima de homicídio é 33 vezes maior que de uma criança. Na faixa etária dos 19 aos 24 anos, o risco é o maior dentre todas as faixas, sendo o dobro que o de um adolescente. Esse risco vai declinando e só volta a ser inferior ao da adolescência após os 40 anos. Em acordo com isso, o Mapa da Violência de 2010 estimou que entre os 12 e os 15 anos de idade, a cada ano de vida, praticamente duplicam o número e as taxas de homicídio entre adolescentes. Ainda segundo esta pesquisa, no ano de 2007 os maiores índices de homicídio estão centrados entre os 15 e os 24 anos – sendo o ápice entre os 20 e os 21 anos. Nesse recorte, mesmo que os jovens representem apenas 18,6% da população do país em 2007, eles concentram 36,6% dos homicídios; morrem proporcionalmente 2,6 jovens para cada não jovem. O Mapa de 2012 mostra que há um incremento nas taxas tanto entre os brancos quanto como entre negros, sendo que, para estes, o aumento é maior: entre os 12 e os 21 anos de idade, a taxa branca passa de 1,3 para 37,3 em

cada 100 mil, um aumento de 29 vezes. Entre os negros, a mesma taxa vai de 2,0 para 89,6, aumentando de 46 vezes.

Os jovens com rendas menores são os mais afetados pelos diversos efeitos e manifestações que a concentração de renda provoca como a favelização, a carência de saneamento básico e de serviços públicos, a falta de oportunidades no mercado de trabalho, o abandono dos estudos e a exposição à ações violentas tanto da polícia quanto de criminosos.

Em sua amostra, o relatório do IHA concluiu que o risco de morrer para um adolescente homem foi de aproximadamente 12 vezes mais que o de uma adolescente mulher. Em 144 municípios (em um universo de 267, ou seja, em mais da metade), não houve mulheres assassinadas. Segundo o Mapa da Violência 2012, a taxa de homicídio de brancos caiu de 20,6 para 15,5 a cada 100.000 habitantes, representando uma queda de 24,8%, ao passo que entre os negros, houve um aumento de 5,6%, crescendo de 34,1 para 36,0. O relatório apresenta que “a vitimização negra na população total, que em 2002 era 65,4 – morriam assassinados, proporcionalmente, 65,4% mais negros que brancos, no ano de 2010 pulou para 132,3% – proporcionalmente, morrem vítimas de homicídio 132,3% mais negros que brancos”.

Há teorias como a da atividade rotineira e a dos estilos de vida que abordam questões como o estado civil, o grau de instrução e o fato de ter filhos ou não como variáveis de potencialização do risco de vitimização por homicídio, porém as pesquisas que tomamos como base nesta análise não contemplaram esses aspectos. Para ilustrar o que queremos dizer, vamos usar as informações encontradas pela pesquisa “Meninos do Rio”, publicada no boletim 13 do CEsEC, de dezembro de 2009, que, embora seja relacionada à cidade do Rio de Janeiro, acreditamos que ofereça um parâmetro adequado para representar a situação de vitimização dos jovens no País, visto que na cidade estão presentes os fatores que sujeitam estes jovens ao risco. Nele, encontramos que a taxa de homicídio para jovens com idades entre 15 e 24 anos chegou, em 2006, a quase 100 por 100 mil habitantes. Ao desagregar os dados, temos um pico de 228 entre 20 e 24 anos. Para jovens negros entre 22 e 24 anos o valor pode alcançar impressionantes 380 por 100 mil habitantes. Segundo ela, se fosse possível em sua pesquisa desagregar os dados também por áreas da cidade, para os jovens de favelas e áreas menos privilegiadas, o índice seria ainda maior. Segundo a pesquisadora, no estudo:

“se cor ou raça puder ser tomada como variável proxy para classe social, escolaridade e local de moradia, teremos, então uma concentração extrema de violência letal no Rio de Janeiro entre jovens moradores de bairros mais

desfavorecidos. A ideia de que a violência letal na cidade atinge em grande medida os jovens do sexo masculino, moradores de favela e dos bairros de periferia encontra, portanto, respaldo nos números de mortes e na sua distribuição”.

2 O PAPO É ESSE!

Antes de tudo, é importante apresentarmos o significado da palavra ‘papo’ e ‘responça’, que dão nome ao Projeto. Segundo o dicionário Aurélio¹⁹, papo quer dizer conversa agradável e troca de ideias. Em geral, é uma maneira informal, muito utilizada por jovens, de convidar alguém para uma conversa, para uma troca de ideias sobre alguma coisa ou alguém. Já responça é uma corruptela da palavra responsabilidade, tornando-se uma gíria falada em grande escala em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, para representar, informalmente, algo de valor, apreciado, dotado de virtudes. Assim, pode-se inferir que Papo de Responça quer dizer uma conversa verdadeira, eticamente conduzida e com bons propósitos.

Mesmo ciente da relevância de estarem envolvidos entes diversos como o Estado, o terceiro setor e a iniciativa privada, representados respectivamente pela Polícia Civil, pelo AfroReggae e pela Natura Cosméticos, meu interesse centrou-se e delimitou-se à esfera da Polícia Civil e seus inspetores, instituição onde o Projeto foi gestado. Isso se justifica pelo fato de que o Papo se inscreve em um contexto de mudanças na Polícia Civil nos últimos anos, onde a instituição tem adotado medidas para se modernizar e melhorar o diálogo com a sociedade. O Projeto, os inspetores fazem questão de salientar, é da Polícia Civil com o AfroReggae e não o contrário. Outrossim, mesmo reconhecendo que o Projeto percorre uma multiplicidade de espaços de natureza distinta, foram privilegiados, na pesquisa de campo, os de caráter educacional, regular e profissionalizante, *locus* da presença majoritária de jovens, onde se concentram a maior parte do conjunto de instituições em que o trabalho foi desenvolvido no período.

Minha pesquisa procurou refletir sobre em que medida os objetivos do Projeto vêm sendo alcançados com a metodologia utilizada e se tal proposta de trabalho tem realmente a capacidade de sensibilização esperada. No início, minha intenção era mensurar o impacto de mudanças produzidas nas visões sobre a polícia e sobre os egressos do sistema prisional por meio de entrevistas estruturadas com uma amostra do público com o qual o projeto dialoga: alunos, responsáveis de alunos e professores dos diferentes locais em que o projeto atua. Esse método logo se revelou inapropriado, pois: (1) não havia um livro de registro de presenças nas

¹⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

atividades, logo não era possível aferir números oficiais de “atendidos”²⁰, apenas estimativas; (2) percebi que os efeitos que o contato com o Projeto proporciona podem produzir reflexões e desdobramentos que ultrapassam o momento imediatamente posterior aos Papos. Para essa investigação, é necessário o acompanhamento ao longo de um recorte temporal ao qual este trabalho não se pretende.

A proposta trata, portanto, de conectar pontos, tal qual o encontro entre um conjunto de dados que se tocam e se friccionam, a partir dos quais, com o olhar do pesquisador, vão surgindo encaixes e formas. Estes inexoravelmente radicados no tempo, no espaço e em um contexto sócio-histórico-cultural, jamais serão absolutos ou terão caráter de verdade, sendo apenas um possível entre outros tantos, de acordo com a forma e o método pelo qual o fato, o objeto e a coisa são apreendidos.

Assim, um questionário estruturado pecaria por coletar dados muito reduzidos acerca de uma questão que, sobretudo para quem vive no Rio de Janeiro, envolve várias esferas de nossa subjetividade, como preconceito, estigma, violência, punição, desigualdade, perdão e mérito, entre outras. Para além das mensagens e dos depoimentos presentes, acredito que na mesma importância estão nessas dinâmicas que ele põe em movimento. Assim, tomei a decisão de combinar o estudo de caso exemplar com uma abordagem exploratória, acreditando que se tratava de um objeto complexo e dotado de especificidades que só ao longo do tempo seriam conhecidas.

Passei a questionar como foram e estavam sendo implementadas suas estratégias de atuação e porque determinadas estratégias foram eleitas ao invés de outras possíveis. Eu estava aplicando a metodologia de construção da minha pesquisa para compreender de que forma o próprio Projeto se constituía, vasculhando, nas informações que coletava, de que maneira o projeto fora pensado e como estava se desenvolvendo. Com base na realidade concreta da questão da segurança pública no Rio de Janeiro e no Brasil nos últimos anos, pus-me a investigar as conexões entre esta realidade e as intervenções que o Projeto propõe com suas práticas.

O contato frequente com o campo e com os atores proporcionou a construção de uma convivência regular, em que procurei manter em dia minhas anotações, sistematizando-as, ganhando confiança, credibilidade e avaliando os passos seguintes, na trilha do que nos

²⁰ Esse tipo de controle foi adotado posteriormente, conforme abordado no item 3.5.1.

disseram Roberto da Matta²¹ e Wright Mills²², transformando o exótico em familiar, esculpindo continuamente a forma de apreensão dos dados com que tomava contato. Para da Matta, “só há dados quando há empatia de lado a lado”; para Mills, o percurso do conhecimento de um fenômeno social guarda características de uma obra de artesanato, constituindo-se um processo que ele mesmo conceituou de artesanato intelectual, afinal “a tarefa do pesquisador social deve ser aliar criatividade e abertura a novas possibilidades, com método, rigor e imersão”.

Apesar de ter tido algumas experiências de trabalho realizando pesquisas com instituições policiais, nesta pesquisa eu iria mais fundo, convivendo regularmente por alguns meses com uma prática policial que estava além daquelas formais, com as quais eu tinha tido contato até então. Era uma nova linguagem, com uma nova abordagem. Dessa forma, pouco a pouco fui me familiarizando com a linguagem e as posturas adotadas pelos inspetores para criar proximidade com o público a cada novo Papo. Era preciso conhecer a variedade de espaços em que o trabalho era desenvolvido para perceber a plasticidade como a ação era mostrada, em ambientes ora mais receptivos ora mais hostis.

De acordo com o que nos disse Foote-Whyte²³, é por meio do contato constante que passamos a conhecer os códigos, os sinais, os valores e os significados próprios e os processos constituintes de cada grupo. Não podemos olhar de fora e perceber apenas um caos completo, mas compreender a estrutura sob a qual se levantam essas expressões, seus dilemas, conflitos e relações que se fazem, se desfazem e se refazem continuamente. Para Bourdieu, o ofício de pesquisador “é um trabalho de fôlego que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série correções, de emendas”²⁴. Algo como um material inicialmente bruto, com o qual se vai tomando contato e que progressivamente vai se tornando mais inteligível, forjado a partir do diálogo entre o método e as questões que o observador apresenta com aquilo que o próprio objeto revela no percurso de aproximação e conhecimento.

A metodologia aplicada consistiu fundamentalmente em acompanhar as atividades uma vez por semana no período de janeiro a setembro de 2011, de segunda a sexta feira, ainda que visitas e entrevistas esparsas e complementares tenham acontecido posteriormente. Nesta

²¹ DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. Rio de Janeiro: Cadernos do PPGAS, Museu Nacional, 1974.

²² MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Zahar, 2009.

²³ WHYTE, Willian Foote. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. Ofício do sociólogo: metodologia de pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

etapa, a opção metodológica adotada foi a de observação participante, onde mesmo discreta, minha presença era apresentada a todos os presentes, como alguém que estava “fazendo uma pesquisa sobre o projeto”. Esta metodologia tornou possível a mim enquanto pesquisador, presenciar as experiências cotidianas do objeto, aprender seus códigos e apreender os significados e valores que eram atribuídos pelos integrantes do Projeto às suas práticas. Convém destacar que não houve sinal em momento algum de que minha presença alterou a dinâmica seja das falas ou o comportamento do público. Para com este, ainda que minha presença despertasse curiosidade inicial, não era diferente daquela provocada pelos inspetores ou pelos membros do AfroReggae, já que, de certo modo, ainda que eu não utilizasse o uniforme da polícia, acabava passando por um membro da equipe, enquanto alguém externo ao ambiente. Não obstante, sempre que possível, de acordo com a lotação do ambiente, procurei sempre me vestir discretamente e sentar em um local onde pudesse ter uma visão ampla. Para com os membros do AfroReggae, a constância da minha presença no campo fez desaparecer qualquer tipo de constrangimento que porventura tivesse havido no início. Em alguma medida, e guardando o distanciamento necessário, também para seus integrantes, fui como um membro honorário do Projeto durante os meses de campo. Estar presente nesses momentos foi essencial, uma vez que o contato empírico proporcionou a percepção de falas e gestos que somente as entrevistas do projeto não dariam conta captar.

Nessa época, em termos de estrutura organizacional, o Papo contava com três inspetores: Roberto Chaves, Wagner Ricardo e Marco Pedra; e quatro agentes de núcleo do AfroReggae: Norton, Chinaider, Zico e Dongo. Não havia duplas fixas e estas eram formadas a cada atividade, de acordo com a disponibilidade de cada um, inclusive para viagens. Muitas vezes em agendas no interior do Estado, era preciso ficar até três dias fora. A agenda semanal era estabelecida pelo idealizador e coordenador Roberto Chaves e comunicada a todos por e-mail a cada domingo ou por telefone. Os convites, feitos pessoalmente ou por telefone, são direcionados ao inspetor Roberto Chaves, que centraliza as informações e se encarregava de realizar os contatos posteriores para compatibilização de horários com os compromissos já existentes. Essa dinâmica é aplicada também os convites registrados através do endereço eletrônico na internet.

Foi na dinâmica do trabalho sendo desenvolvido na prática que foi possível capturar expressões, reações e sentimentos e onde o material coletado nesta pesquisa foi sendo composto. Um traço distintivo e peculiar, por exemplo, é o uso de gírias e expressões que são do cotidiano da juventude. As reações do público e sua interação com os membros do projeto que constituem um manancial de informações preciosas para a análise sociológica a ser

empregada. O resultado foi um material impregnado de informações resultantes de audiências bastante heterogêneas entre si, fruto dos diferentes lugares visitados.

Como metodologia de aproximação com o público juvenil, a linguagem adotada é bastante heterodoxa, pois busca falar a linguagem do jovem, estabelecer familiaridade e empatia²⁵. Roberto Chaves, em entrevista, comenta sua importância:

“o cara que está ali na frente deve tentar ao máximo utilizar uma linguagem que o aproxime dos jovens, deve falar gírias e até alguns palavrões leves de uso comum. Se eles falam em rosa, a gente tem que falar em rosa. Se eles falam em azul, a gente fala em azul. Se eles falam em preto e a gente fala em azul, a gente não estabelece comunicação alguma. Se a gente não utilizar os mesmos códigos e alguns jargões que façam sentido pra eles, a gente não se aproxima”.

Foram realizadas entrevistas com os três inspetores que integravam o Projeto durante a pesquisa, por meio de roteiros semiestruturados, além do registro de relatos obtidos por meio de conversas informais ocorridas no acompanhamento do campo, tanto nas instituições visitadas quando no deslocamento. Em muitas oportunidades eu pegava carona com os inspetores, pois além de um facilitador para o meu deslocamento, representou uma oportunidade de registrar algum dado ou alguma informação. Foram fonte de pesquisa também os sites da Polícia Civil, do Papo de Resposta, do AfroReggae e da Natura.

É importante destacar o apoio irrestrito que recebi de todos os membros do projeto desde o começo, na figura dos inspetores Marco Pedra, Wagner Ricardo e Roberto Chaves. Ao longo de toda a pesquisa, tive acesso também irrestrito não só aos Papos, assim como também às reuniões de equipe e a todo tipo de evento em que estivessem presentes.

Tive acesso também a entrevistas individuais com cada um dos inspetores membros do Projeto e pude consultar livremente documentos, ofícios e relatórios produzidos para a instituição. A recepção de todos foi sempre generosa e acolhedora, tendo todos sempre se colocado à disposição para colaborar no que fosse possível com o desenvolvimento da pesquisa; em momento algum me foram impostas restrições de qualquer natureza. Essa receptividade foi determinante para o desenvolvimento da pesquisa, que primou pela utilização de um estudo de caso por meio da observação participante. Estive presente semanalmente em pelo menos um encontro do Papo ao longo de nove meses, entre janeiro e setembro de 2011, tomando contato com a dinâmica dos espaços visitados e as estratégias de comunicação, atentando para os discursos adotados e para as reações que eles provocam.

²⁵ DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. Rio de Janeiro: Cadernos do PPGAS, Museu Nacional, 1974.

Destaco também o entusiasmo dos inspetores envolvidos no Projeto, que sempre mostraram profundo otimismo com o trabalho que realizam, sem que isso signifique estarem atentos aos desafios presentes, seja no campo de trabalho com a sociedade com a qual dialogam, seja dentro da própria instituição, enfrentando e superando a indiferença e descrédito de setores mais conservadores. A experiência que o Papo de Resposta proporciona, para além de alcançar objetivos sistematizados e definidos, põe em movimento sentimentos e emoções muito singulares, que merecem ser mais bem conhecidos e compreendidos.

Um ponto importante foi que, com pouco mais de 30 anos, eu tinha estado há pouco mais de uma década nas fileiras das salas de aula, aquelas mesmas onde eu estava ali agora como pesquisador. Percebi que já não dominava alguns dos códigos daquele ambiente, *locus* principal da atividade do Papo. Não obstante, em empresas ou em públicos adultos, como, por exemplo, professores, estar presente foi importante, o discurso apresentado pelo Papo é distinto do que é encontrado em palestras de outros profissionais nesses ambientes, geralmente dotadas de caráter formal e eminentemente técnico.

Uma das comparações que inadvertidamente se pode fazer é comparar o Papo de Resposta ao Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd). Uma iniciativa federal, com base em uma metodologia aplicada em escolas dos Estados Unidos, cujo objetivo é levar informação aos jovens das escolas sobre a questão das drogas. A respeito dessa distinção do Papo de Resposta para com o Proerd, pode-se estabelecer três objetivos principais:

- 1) não ter objetivo usar um linguajar técnico, como mencionado anteriormente;
- 2) não pretender se apresentar como uma disciplina formal, integrante da grade curricular;
- 3) propor reflexões acerca de diversos assuntos que dizem respeito ao universo do jovem e da sociedade em geral, de maneira articulada.

Posto isso, em vez de uma disciplina regular, o Papo pretende ter como conceito de trabalho estabelecer contatos e difundir ideias, fazendo com que quem participe de uma sessão se torne uma espécie de cuidador capaz de contribuir para o seu desenvolvimento enquanto multiplicador de ideias junto aos amigos e a família, seja ele o aluno de uma escola, um morador de uma determinada localidade, o membro de uma Igreja ou um adolescente cumprindo medida socioeducativa. Segundo Roberto Chaves, em entrevista concedida,

“o Papo não é um projeto engessado onde se pretende apresentar verdades, mas sim propostas de discussão, assumindo os problemas que a polícia possui, como a corrupção, a violência e a arbitrariedade. Nossa ideia é que o Papo funcione como uma provocação indutora de questionamentos. Quando se fala de violência, bullying e drogas, por exemplo, também se está falando de comportamento, de vida e de sonhos”.

Fala ainda da necessidade da compreensão, por exemplo, do trajeto decorrido até o ponto em que um adolescente chega a portar um fuzil da fabricação estrangeira, das etapas que envolvem corrupção embutidas nesse percurso e propõe que imaginemos o longo percurso que faz um fuzil russo até ir parar nas mãos de um jovem de uma comunidade aqui no Rio ou qualquer outro lugar do país. Argumenta que, historicamente, sempre que um sintoma da violência aparece, o aparelho de segurança pública é acionado – no caso, a polícia, é chamada para resolver, em uma medida que é sinônimo de confronto, prisão, morte. Em geral, após ausências sucessivas e sistemáticas na vida de um indivíduo, como família, escola, saúde, moradia e emprego, é a cargo da polícia que se espera a solução, sempre repressiva. Se por um lado, a polícia e tampouco o Papo têm capacidade e sequer a pretensão de dar conta dessas ausências, existe o intuito de fazer um convite a reflexão e colocar as vozes para se escutarem mutuamente.

Considerando que além de um policial, fazem parte da equipe membros do AfroReggae egressos do sistema prisional, a aposta do trabalho é investir no potencial que o contato entre atores outrora antagônicos estimule o surgimento de outros espaços com princípios semelhantes, onde venham a ser colocados em pauta a superação de estigmas e o trabalho cooperativo na construção de novas perspectivas em termos de estratégias de prevenção da violência. Minha pesquisa buscou compreender esse esforço inovador em matéria de segurança e contribuir, a partir de um arcabouço sociológico, para sua sistematicidade e seu aprimoramento.

Seguindo a perspectiva de Wright Mills, minha tarefa foi a de escultor, lapidando o material bruto de forma a ganhar contornos definidos de acordo com a perspectiva que ia sendo proposta. Notei que a cada investida o texto ia tomando contornos que se mostravam às vezes análogos, nem sempre harmônicos, porém jamais simétricos às minhas premissas iniciais. Apoiado em referências teóricas e tendo como base a conjuntura em que se situa o Projeto, meu objetivo foi o de construir uma teia de compreensão que ligasse a teoria sociológica às práticas desenvolvidas no trabalho do Papo de Responsa, dialogando com a relação historicamente constituída entre polícia, egressos do sistema prisional e sociedade civil, diálogo este que é marcado pelo estigma e por episódios de violência e conflito. “Os

projetos de cunho prático que usam a reintegração de ex-infratores na sociedade requerem a compreensão das causas da criminalidade inscritas em um território vasto”²⁶. É nesse território, de forte densidade cultural de cada grupo em questão, policiais, criminosos e jovens, com códigos, valores, visões de mundo próprios, que “rola o Papo”.

2.1 Civilzinho: da tragédia do cotidiano à intervenção

No ano de 2003, dois anos após sua entrada nos quadros da Polícia Civil, o inspetor Roberto Chaves participou de uma operação em que houve o óbito de três jovens, todos com menos de 19 anos. Sobre esse momento afirma ter visto expressões de orgulho e indiferença no rosto de seus companheiros; satisfação, pela sensação de dever cumprido, porque eram menos três criminosos e menos três fuzis nas mãos da criminalidade; indiferença, porque não eram os três primeiros, tampouco seriam os três últimos. Relata que o episódio o marcou muito e o fez refletir. De uma inquietude com a realidade da violência cotidiana, Roberto decidiu tomar a iniciativa de fazer algo diferente, que produzisse ações distintas das que conhecia para lidar com a violência à qual estava sujeita a juventude, segundo suas palavras, “onde vidas vinham sendo perdidas dos dois lados sem que ninguém ganhasse de fato”. Para ele:

“a sociedade como um todo é que está perdendo e muito. Em uma realidade em que falta saúde, educação, moradia, emprego e cultura a uma determinada parcela da população, é a polícia que tem que ir lá dar conta do fato de um jovem portar um fuzil fabricado noutro país. Em uma operação, se dermos sorte, o indivíduo será preso e levado às penas da lei, mas em muitas ocasiões perdem-se vidas, o que é algo irreparável”.

Foi então que, em uma conversa com o também inspetor Luiz Cláudio (seu colega de turma, que permaneceria no Projeto até o fim de 2005) e com sua esposa à época, pedagoga de profissão, que, em 2004, tem a ideia de atuar de uma maneira diferente daquela da que vinha tendo na Polícia Civil. A ideia começa a ganhar contornos concretos com a visita a escolas. A primeira atividade foi na Escola Particular chamada Soldadinho de Chumbo, localizada no bairro de Olaria, na zona norte do Rio de Janeiro, área conhecida como subúrbio de Leopoldina. Esse fato não se deu por acaso, mas pelo fato de ainda não contar com apoio institucional naquele momento, precisou lançar mão de relações pessoais para dar o primeiro passo. É essa escola, em que o próprio Roberto estudara anos antes, quando criança, que ele visita, só que agora trajado de calça jeans, camisa da polícia civil e pistola no coldre.

²⁶ PASTORE, José. Trabalho para ex-infratores. São Paulo: Saraiva, 2011.

Da experiência inicial nesta escola, que carrega no nome um termo que remete à segurança de maneira lúdica, em que afirmou ter se sentido à vontade e “em casa”, pelo fato de reconhecer o espaço e o ambiente, sugeriram convites que visitasse três outras escolas, por indicação de professores da primeira escola. Foi assim, com uma prospecção por meio de indicações diretas, que as atividades foram crescentemente se desenvolvendo²⁷. Um fato a destacar é que nesta época, diferentemente de hoje, não estavam sendo colocadas em prática pelas forças de segurança pública medidas baseadas em conceitos de pacificação, policiamento comunitário e de proximidade, o que torna ainda mais peculiar a iniciativa do Projeto. As operações policiais nos morros e a lógica do confronto eram o tom da política de segurança na cidade.

Nos primeiros momentos do Projeto, o tema abordado era basicamente o das drogas²⁸, com foco na questão legal e na questão da saúde. Posteriormente, começaram a considerar crimes pela internet, a partir de uma demanda do próprio público. Com o desenvolvimento do trabalho, passaram a focar temas como a importância dos sonhos e da vida. Desde o princípio, o propósito sempre foi o de lançar mão de uma linguagem que fosse próxima a do jovem em geral, acreditando que esse método possibilita uma empatia maior por parte da juventude, que reconhece em seus interlocutores termos e formas de abordagem que lhes são familiares.

Nesses primeiros momentos, o então Civilzinho recebeu da Chefia de Polícia um espaço no prédio da sede da instituição e uma viatura, para que realizasse as visitas às escolas em suas horas folga, uma vez que não foram dispensados de suas atividades regulares. Nesse sentido, mesmo sem contar com a institucionalização do Projeto, esse apoio possibilitou a continuidade e o amadurecimento do trabalho por algum tempo, que seguia como uma prática perpetrada voluntária e espontaneamente por dois policiais, que nas horas em que não estavam de serviço, tocavam adiante uma ideia em que acreditavam. O ponto é levar um policial real para desempenhar atividades que não são as de abordar e prender, mas de conversar e aprender. Segundo Roberto Chaves: “o início de tudo foi que a gente percebeu

²⁷ Em um episódio na sequência da primeira atividade do Civilzinho, Roberto foi até uma escola sem ter recebido um convite prévio da instituição (convite que com o tempo tornou-se parte da metodologia, não prospectar contatos e apenas ir mediante um convite). Isso ocorreu na escola em que sua esposa e seus cunhados haviam estudado (novamente lançando mão de relações pessoais), o Instituto Helvas, localizado em Ramos, próximo à Olaria. Quando se apresentou à Diretora e mostrou sua proposta de trabalho, recebeu desta a informação de que não seria necessário, visto que um mês antes ocorrera uma palestra sobre a temática das drogas naquela escola.

²⁸ Nessa época, Roberto Chaves cursava uma Pós-Graduação *Lato Sensu* em Direito e Processo Penal, onde apresentou um trabalho final sobre o tema das drogas.

que a polícia trabalhava muito e se comunicava mal. Se a gente se abrisse, a gente ia ter a oportunidade de aprender”.

Logo, os meses foram passando e a experiência de Olaria, em uma escola privada para crianças do ensino fundamental, tomou proporções maiores. Além de ensino fundamental, naquele momento, já tinham alcançado o ensino médio e as escolas públicas por toda a cidade do Rio de Janeiro. Não havia intermediação alguma para que o Civilzinho fosse a qualquer lugar para onde fosse convidado. Os contatos eram feitos diretamente do interessado com os próprios inspetores por telefone.

É nesse ritmo que seguem as atividades até o ano de 2006, quando o inspetor Luiz Claudio deixa o Projeto por motivos pessoais, e o suporte institucional representado pela concessão de um espaço físico e de uma viatura é suspenso. Iniciou-se um período em que para seguir em frente, Roberto passou a usar recursos próprios, utilizando seu veículo particular e custeando o combustível para os deslocamentos. Esse foi o ritmo dos anos de 2006 e 2007, em que as atividades são mantidas, mas, dadas as condições materiais, com fôlego reduzido. Só no fim de 2007, com uma reaproximação com a Chefia da Polícia Civil, a mudança do nome e a parceria do Grupo Cultural AfroReggae é que o cenário ganharia novos contornos. O AfroReggae, por ser uma marca identificada com o jovem e conhecida pela atuação em áreas de vulnerabilidade social e ligada à arte, à música e à cultura, chegou para contribuir com o sinal de que a polícia também possui atores que pensam na mesma perspectiva. A ONG representou, naquele momento, uma chancela importante de legitimação das intenções do Papo. Nesse sentido uma fala do inspetor Wagner Ricardo, em entrevista, é representativa acerca desse momento:

“o benefício dessa ação para as crianças e os adolescentes é indiscutível, pois elas têm capacidade de absorver muito. Quando eles veem o AfroReggae, passam a enxergar como um exemplo. As crianças de áreas menos favorecidas muitas vezes têm como exemplo o criminoso como uma pessoa dentro da comunidade que tem uma melhor condição de vida. Há um referencial a esse respeito que precisa ser mudado”.

Ao mesmo tempo, em outro momento, o mesmo Wagner relatou uma experiência em que, certa vez, ao chegar para trabalhar em uma delegacia em que estava lotado, percebeu olhares curiosos de colegas policiais. Em dado momento, um inspetor perguntou o que ele estava fazendo metido com o AfroReggae, pois “viviam” em comunidades e eram amigos de bandido. Nesse sentido, desde os primeiros momentos, o objetivo foi o de criar canais de diálogo que possibilitem, por um lado, a desestigmatização do policial, por outro, uma

mudança na forma como a polícia de comporta e se comunica com a sociedade, com ênfase no jovem.

3.2 A mudança do nome

Ainda no fim de 2007, ocorre o encontro entre o inspetor Roberto e o AfroReggae, por meio da inspetora Cláudia Otília, que assistira uma entrevista do Coordenador do AfroReggae José Júnior no programa televisivo de entrevistas “Programa do Jô”, com o apresentador Jô Soares, em que este falou sobre o Projeto Juventude e Polícia²⁹, realizado em Minas Gerais pela Polícia Militar em parceria com o AfroReggae e o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, da Universidade Candido Mendes. Cláudia, que tinha o desejo de algo semelhante, ligado à prevenção da violência com jovens no Rio de Janeiro, entrou em contato com José Júnior e foi a Minas Gerais visitar aquele Projeto. Na volta, ao comentar com um inspetor lotado em sua delegacia, toma conhecimento de existência do Civilzinho e entra em contato com Roberto Chaves, pondo-o em contato com José Júnior. Roberto convida a inspetora Cláudia a ir conhecer um Papo ao vivo, o que acontece poucos dias depois em uma atividade em São Gonçalo.

Nesse mesmo período acontece um encontro entre Roberto Chaves e José Júnior, em que José menciona a existência de Norton, recém-saído da prisão, como alguém com potencial de contribuir na perspectiva a que o Papo se propunha, o que leva Roberto ao Departamento Geral de Medidas Socioeducativas (Degase) assistir a uma palestra de Norton Nascimento, naquele momento um agente de projetos do AfroReggae, que desenvolvia oficinas de percussão e teatro na unidade. O inspetor conta que chamou sua atenção o fato de que ao subir no palco, o agente de projetos conseguiu atrair a atenção da plateia, que até então estava inquieta e dispersa, recebendo inclusive aplausos ao final. Sobre esse fato, Roberto disse, em entrevista: “naquele momento, eu vi que aquele cara tinha algo diferente que poderia complementar o trabalho que eu desenvolvia”. Em 2010 ele diria: “se por um lado podemos ser vistos como contraditórios, por outro, temos uma complementaridade imensa”.

Ainda com dificuldades em levar sozinho o projeto adiante, o inspetor Roberto faz nova tentativa de reconquistar apoio institucional. Em suas palavras:

²⁹ CESeC – Boletim de Segurança e Cidadania nº 12, ano 5, outubro de 2006. Juventude e Polícia.

“eu levei o projeto para lá na tentativa de fazer com que a chefia comprasse aquela ideia da prevenção e a ideia de uma polícia mais próxima dos jovens, afinal de contas a gente tinha que falar com os jovens e a gente acreditava que falando como jovem a gente estava formando uma nova geração”.

A nova chefia de polícia, a cargo do Dr. Gilberto Ribeiro, trazia consigo a ideia de que era necessário fazer algo diferente na instituição e sempre que se falava em elaborar um projeto com jovens, ouvia-se quase que em uníssono que já existia (novamente) um “policia maluco” fazia um trabalho nesse sentido. Isso faz com que no fim de 2007, o oficial de cartório Fábio Erick, em nome da chefia de polícia, procure o inspetor Roberto com a atribuição de apresentar o interesse oficial de conhecer as atividades desenvolvidas pelo projeto, anunciando com a possibilidade da retomada do apoio institucional.

Norton viria a ser seu futuro parceiro de trabalho no Papo, no qual ficaria até 2010, quando passou a dedicar-se exclusivamente à coordenação do projeto Empregabilidade, do AfroReggae. É nesse período também que a Chefia de Polícia volta a procurá-lo para reiterar o interesse de oferecer apoio.

Nesse mesmo ano, um fato decisivo ocorre em uma atividade do Projeto, já com a presença de Norton, na Escola Amaro Cavalcanti, no bairro do Engenho de Dentro, em que comparecem, a convite de Roberto, Fabio Erick e a chefe de gabinete do chefe de polícia na ocasião, a delegada de Polícia Civil Dra. Patrícia Alemany. Deste encontro, nasce a perspectiva real de o Projeto se inserir como uma das iniciativas de um projeto maior da Polícia Civil chamado Escola Segura. Alguns meses depois, no início de 2008, o Civilzinho (naquele momento já reconhecido, do lado da Polícia Civil com conceitos como os de polícia comunitária, polícia de proximidade e solução pacífica de conflitos) passa a se chamar, por sugestão de Fabio Erick, de Papo de Resposta.

Ao longo do resto deste ano, já de nome novo, a parceria com o AfroReggae começa a se consolidar. A entrada de Norton e posteriormente de outros membros do AfroReggae fez com que se iniciasse uma abordagem diferenciada da que vinha sendo adotada antes. Além das falas divididas entre as duas instituições, os relatos destes novos integrantes, egressos do sistema prisional, inserem a questão prisional na dinâmica de trabalho. Em uma entrevista de 2010, Roberto Chaves colocou que “o AfroReggae acredita que é preciso construir pontes para diminuir as distâncias, sejam geográficas, religiosas ou de classe, apostando no diálogo”. Ele sintetizou o significado da chegada do AfroReggae nas seguintes palavras:

“a despeito dos inúmeros problemas pelos quais passa, a polícia civil trabalha muito, mas como se comunica mal com o público e deixa de tornar conhecidas uma série de ações positivas, nas quais desempenha seu papel da forma que se espera. A gente

aprendeu com o AfroReggae, porque ele se comunica muito bem. A polícia trabalha muito, faz muito, mas isso não consegue ser repercutido na mídia. O AfroReggae conecta fortemente as pessoas e as instituições. É isso que a polícia precisa fazer. É com o diálogo e com a comunicação que a gente começa a resolver coisas”.

Em outubro de 2008, Roberto e Norton compareceram a um evento promovido em conjunto entre o AfroReggae e o Itaú Cultural, denominado Seminário Internacional de Zonas de Conflito, para dar uma palestra, quando conhecem Suze Yoshimura, da Fundação Natura, braço social da empresa Natura Cosméticos S.A. Meses depois, antes do fim do ano, a Natura se converte em patrocinadora do Projeto, tendo como um dos primeiros frutos o patrocínio de um Seminário na cidade de Búzios, que será tratado no item 3.4.

Em 2009, acontecem dois outros seminários importantes, agora dentro da Academia de Polícia Civil: o primeiro com a presença de todos os delegados titulares do Estado do Rio de Janeiro; e o segundo com os chefes de investigação de todas as delegacias do Estado. Nesses encontros, além de ter sido contada a trajetória do Papo de Resposta, que remonta o ano de 2003, com o projeto Civilzinho, o foco dos debates foi a abordagem de estratégias de prevenção à violência. O sentido foi tentar fazer com que o projeto se tornasse mais conhecido dentro da Polícia Civil, sensibilizando seus membros para a importância do exercício de novas práticas e de uma maior integração da polícia com os outros atores sociais. Para os inspetores do Papo, os encontros deste seminário foram muito significativos também simbolicamente, dado o caráter hierárquico marcante entre inspetores e delegados na instituição. A questão era, e continua sendo nos dias de hoje, buscar meios de utilizar as informações e as demandas advindas da sociedade, de forma a revertê-las em ações que melhorem a relação com a sociedade civil e produzam uma conscientização que colabora com a prevenção da violência.

No mesmo ano, o Papo de Resposta participa da conferência da Rede Latino-Americana de Policiais, na Nicarágua, onde representaram o Brasil ao lado de outros 11 países. É fornecida uma viatura exclusiva para as atividades do Papo de Resposta e dois inspetores, o próprio Roberto e dois novos integrantes, Marco Pedra e Wagner Ricardo, são dispensados de suas atividades regulares para ficar integralmente à disposição do Projeto. Em julho deste ano, o governador Sérgio Cabral, em cerimônia no Palácio Guanabara, apresenta o Papo de Resposta como uma política pública, elencando-o como um projeto de destaque no campo da prevenção da violência³⁰. Neste momento, o Chefe de Polícia era o Dr. Allan

³⁰ Como destaque deste ano, a participação, em Brasília, na feira de conhecimento em segurança pública na I Conseg, onde o Papo de Resposta foi uma das 41 ações escolhidas para expor o seu trabalho na feira. No evento, os integrantes do Projeto tiveram a oportunidade fazer um Papo com mães de vítimas letais de violência policial;

Turnowski, que deixou registrado no endereço eletrônico do Projeto um depoimento bastante representativo sobre sua percepção acerca do trabalho do Papo:

“É maravilhoso ver policiais entrando em comunidades pra falar com crianças e serem bem recebidos. Essa junção de pessoas que expõem experiências vividas fez do Papo um sucesso. Essa chefia apoia o trabalho desses policiais e agradece tudo o que eles têm feito pela imagem da Polícia Civil”.

2.3 O primeiro contato

Em 2009 o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, da Universidade Candido Mendes³¹, localizado no Rio de Janeiro, promoveu um concurso intitulado Prêmio Polícia Cidadã. Inspirado em um projeto homônimo, já realizado nos 4 anos anteriores em São Paulo, pelo Instituto Sou da Paz, o concurso tinha por objetivo tornar conhecidas as iniciativas e práticas não institucionais de policiais civis e militares do Estado do Rio de Janeiro, cuja premissa fosse a redução da violência baseada em princípios de eficiência, legalidade, preservação da vida e valorização do policial, pautadas pelo respeito aos Direitos Humanos.

A metodologia do concurso consistiu em uma análise prévia dos projetos inscritos via internet, entre os quais, após uma avaliação segundo os critérios estabelecidos no escopo do concurso, 41 foram selecionados para receber uma visita presencial de um pesquisador, com a finalidade de que este produzisse um relatório detalhado a partir de uma entrevista semiestruturada com um representante do projeto. Nessa época, como pesquisador do CESeC, fui incumbido da tarefa de visitar 8 projetos finalistas, entre os quais estava o Papo de Responsa. Ao fim do processo de seleção e de escolha dos premiados, o Papo de Responsa não foi um dos vencedores, todavia fez jus a uma menção honrosa da banca de seleção, composta por profissionais da segurança pública com trabalho amplamente reconhecido, e por pesquisadores nas áreas de segurança pública e direitos humanos.

A visita ocorreu em 3 de março de 2009, no edifício da sede da Polícia Civil, situado na Rua Gomes Freire, esquina com a Rua da Relação, no centro do Rio de Janeiro, em que

com o grupo Mulheres da Paz, que é um projeto do Governo Federal, com investimento do Pronasci; e com jovens do Protejo, composto por jovens de 18 territórios de paz aqui no Rio de Janeiro, todos moradores de favelas.

³¹ www.ucamcesec.com.br

estiveram presentes inspetores membros do Papo, além do representante da chefia de gabinete da instituição.

O momento mais marcante desta tarde, no final de entrevista e que despertou meu interesse em conhecer mais detalhadamente o Projeto, foi um depoimento do inspetor Roberto Chaves, quando questionado acerca das potencialidades do Projeto. Considerando que é difícil mensurar a eficiência do alcance dos objetivos propostos, como a produção de uma cultura de paz, superando estigmas e contribuindo para a prevenção da violência, um inspetor relatou uma experiência ocorrida meses antes em uma escola particular da cidade de Niterói, cujo público-alvo era os responsáveis dos alunos. Ao fim das atividades, uma senhora, avó de um aluno, dirigiu-lhe a palavra dizendo que quando seu neto a convidou para estar presente na escola em uma atividade com policiais, ficou muito resistente em ir, pensando no que um policial estaria fazendo lá e o que poderia ter para aprender com ele. Em seguida, mostrou grata satisfação com o que ouvira e perguntou-lhe “o que um jovem inteligente fazia como inspetor de polícia civil, uma vez que certamente poderia estar em em uma profissão melhor, menos arriscada e melhor remunerada?”. O inspetor, sem saber ao certo o que dizer, devolveu a pergunta questionando-a: se alguém com tais qualidades não deveria estar na polícia, quem então deveriam ser os policiais?

2.4 A entrada do AfroReggae e o encontro de Búzios

A aproximação com a chefia da polícia civil continuou e o início do processo de institucionalização do projeto era uma expectativa concreta naquele momento. Nesse sentido, ponderou-se sobre a necessidade de aumentar o número de policiais envolvidos e oferecer uma formação para o desempenho das atividades do Projeto, que se traduziu em um evento ocorrido nos dias 15 e 16 de março de 2009, patrocinado pela Fundação Natura³². O Seminário de Búzios contou com a presença de policiais civis e membros do AfroReggae indicados cada qual por sua respectiva instituição, além dos pesquisadores Sílvia Ramos e Luis Flavio Saporì, dos policiais Cel. Luciene (da Polícia Militar de Minas Gerais, que trabalhou no projeto “Juventude e Polícia”), Gilberto Ribeiro (então o Chefe de Polícia Civil) e o Cel. Ubiratan Ângelo (ex-comandante geral da polícia militar do Estado do Rio de

³² <http://picasaweb.google.com.br/papoderesponsa/IEncontroPapoDeResponSABuzios15DeMar#>

Janeiro). A partir deste momento, somando-se a Roberto Chaves e Norton, passam a fazer parte do Papo de Resposta, pelo AfroReggae, os agentes de projeto Chinaider e Zico; e pela Polícia Civil, os inspetores Wagner Ricardo e Marco Pedra. De acordo com Roberto Chaves:

“apesar do trabalho acadêmico intenso, o maior objetivo era a integração daqueles atores. Como integrar ex-bandidos com uma ficha criminal enorme com policiais da ativa? É difícil juntar seres humanos tão antagônicos. Era preciso essa integração com uma sensibilidade muito grande, porque todos os atores que estavam envolvidos naquele momento olhavam na mesma direção; simplesmente não se conheciam, mas olhavam na mesma direção”.

Acerca do patrocínio institucional da Natura, Suze Yoshimura, gerente de marketing da empresa, apresenta que a proposta é uma parceria de longo prazo. Comparando o apoio a uma relação afetiva, ela ilustra metaforicamente com a expressão: “nossa proposta com o Papo de Resposta é a de um amor como aqueles à moda antiga, sólido e duradouro”.

Em entrevista concedida por telefone, Suze afirmou que a Natura já era parceira do AfroReggae desde 2006, tornando-se patrocinadora institucional em 2007. Já naquela época a Natura queria investir em áreas carentes, de exclusão social, marcadas pela violência e pela falta de oportunidades, assim, o caminho foi se aproximar de parceiros que compartilham a proposta. A Natura tinha uma parceria com o Banco Itaú, em um projeto sobre mediação de conflitos chamado Seminário Internacional de Zonas de Conflito. Neste, após assistir um vídeo do Programa Conexões Urbanas em que era abordada a ação do Papo de Resposta, se deu o primeiro contato com o Roberto Chaves. Ela afirma que naquele momento se sensibilizou e passou a enxergar a polícia também como um agente de construção da paz. Após assistir ao vídeo, escolheu participar de uma atividade do Projeto. Segundo Suze, os valores compartilhados com o Papo são complementaridade, sinergia e interação entre antagonismos:

“a questão é desenvolver a perspectiva da produção da sinergia e da complementaridade dos atores sociais em ação. Não é pensar igual, mas se abrir para refletir e pensar junto. O fato de cada um falar a sua história faz com que haja uma conexão de indivíduo para indivíduo, de pessoa para pessoa”.

Ela relata que, nessa experiência, após a fala do Norton, perguntou a si mesma por que alguém como o Roberto era policial³³. Para ela, era esperado que um egresso do sistema fizesse um trabalho destes, por meio de depoimentos e experiência de transformação de conduta, mas não um policial, abrindo um debate sobre questões polêmicas da própria

³³No mesmo sentido da experiência relatada no item 3.3, passado em uma escola em Niterói.

instituição, como comunicação inadequada com a população, violência, corrupção. Assim, a expectativa da empresa com o apoio financeiro é: “contribuir para disseminar significados podem fazer com que as pessoas reflitam sobre suas convicções pré-estabelecidas e as ponham em movimento”.

Do ponto de vista dela, naquele momento, o trabalho do Papo era uma iniciativa, mas não ainda um projeto. Sua ideia foi a de colaborar para despessoalizar a atividade, para que esta se transformasse em algo institucional, saindo do personalismo e rumando para a instituição como um todo. Para isso, a Natura ofereceria o suporte que lhe coubesse. De acordo com as palavras de Suze Yoshimura:

“a perspectiva do apoio institucional para com o Papo desde o começo foi a de ajudar o Projeto a ‘chegar lá’, para que, entre outras coisas, a própria polícia reconhecesse o valor do trabalho”.

Além disso, ela afirmou que o contato com o Projeto proporcionou um maior conhecimento da empresa sobre o Rio de Janeiro, sua realidade social e suas demandas, dizendo que:

“o Papo se inscreve na política institucional na empresa no tocante a valores como desenvolvimento humano, desenvolvimento de consciência, mudança comportamental e corresponsabilidade. Esses são valores que a Natura já tem em seu escopo e é neles que se baseia para o desenvolvimento de sua linha de produtos”.

O contato inicial, convertido em apoio institucional, foi, no entanto, fruto de um processo de negociação inclusive junto à chefia da Polícia Civil na época. Suze colocou que a aproximação foi difícil porque as duas instituições não têm histórico de parcerias. Questionada sobre a existência de riscos à marca a empresa, ao associá-la a uma instituição policial, ela explica que:

“lidar com a polícia envolve um risco, porém a Natura tem como filosofia lidar com questões contemporâneas e de vanguarda, mas o que é novo é sempre um risco. Foi um desafio lidar com a imagem que a polícia tem, mas o processo de aproximação foi feito de forma responsável e planejada. Não só pelo fato de ser com a polícia, mas pelo fato da instabilidade política do poder público, à medida que as empresas operam com previsibilidade. Para com o Papo, nosso valor-força é disseminar”.

Para o futuro, além da continuidade da parceria, um dos objetivos é patrocinar a produção de um material sistematizado do Papo para divulgação entre os policiais. Além

disso, fortalecer o Projeto, para que cresça como uma referência inspiradora para a implantação de políticas públicas de prevenção à violência:

“A gente enxerga que nossa relação hoje não é só o aporte financeiro, mas também a construção de um projeto coletivo do qual participamos também. Se há um propósito comum, a gente entende que as diferenças nos farão crescer. A natura só estabelece parcerias quando vê sentido nelas”.

Em relação ao AfroReggae, por meio de entrevista realizada na sede do Grupo, Reginaldo Lima, assessor-executivo, afirmou que a ONG entrou para contribuir principalmente com sua trajetória de trabalho com os jovens, sua capilaridade em locais de vulnerabilidade social, associando sua experiência com a mídia e com a linguagem do jovem. Para ele, a tecnologia social instrumentalizada em recursos artísticos e culturais do Grupo opera com a perspectiva de colocar em contato partes que rivalizam o tempo inteiro. Isso vai ao encontro da visão para com o Papo:

“o Papo de Resposta expõe tensões que permeiam a sociedade, seus conflitos e dificuldades de relacionamento, transformando duas histórias em uma só história. É um Papo com a sociedade”.

Nesse sentido, segundo ele, o ingresso do AfroReggae propiciou, em relação ao Projeto, dois ganhos: qualitativo, a partir da contribuição do contato com o jovem, da linguagem e da mídia; e quantitativo, pois levou visibilidade ao Projeto por meio dos eventos que promove. Sobre riscos, Reginaldo esclarece que:

“o AfroReggae vive de riscos e cercados por riscos. Mantê-la no nível em que está é em si um risco. Os conflitos vão continuar acontecendo, não serão erradicados, mas podem acontecer de maneiras diferentes. O Papo gera tecnologia para lidar com esses casos, dada a heterogeneidade dos locais em que se insere. Isso vai ao encontro das perspectivas do AfroReggae”.

2.5 Grupo Cultural AfroReggae: “da favela para o mundo”

O AfroReggae nasce do esforço voluntário de pessoas de origem simples, que carregam histórias de vida muito parecidas com aquelas que desejam transformar³⁴.

Criado em janeiro de 1993, a partir de um grupo de amigos que se dedicava a organizar festas pela cidade do Rio, em um período da cidade marcado por episódios

³⁴JOSE JUNIOR, Amadeu. Da favela para o mundo: a história do Grupo Cultural AfroReggae. Rio de Janeiro: Ediouro. 2006.

violentos, como as chacinas de Vigário Geral e da Candelária, o Grupo cultural AfroReggae tem pautado sua trajetória pela atuação com projetos e oficinas em locais de vulnerabilidade social, com a proposta de intervir na realidade a partir de iniciativas nas áreas de educação, arte e cultura e colaborando com a superação de preconceitos e com a integração dos diferentes segmentos da sociedade. Hoje, a ONG, com atividades no Brasil e no exterior, conta com uma sede no centro do Rio de Janeiro e dos núcleos localizados em Vigário Geral, Parada de Lucas, Nova Iguaçu, Complexo do Alemão, Morro do Cantagalo e na Vila Cruzeiro. No endereço eletrônico da instituição pode-se ler que a missão do Grupo é:

“promover a inclusão e a justiça social, utilizando a arte, a cultura afro-brasileira e a educação como ferramentas para a criação de pontes que unam as diferenças e sirvam como alicerces para a sustentabilidade e o exercício da cidadania”.

Ao longo de 18 anos de existência, o AfroReggae firmou parcerias com muitas empresas privadas, além de setores das três esferas do poder público: municipal, estadual e federal. A lista é extensa, em que se destacam: Petrobras, Vale, Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, SESC-RJ, Fundação Itaú Cultural, Rede Globo, Fundação Ford, Grupo Arco-íris, Conexão G da Maré, Natura Cosméticos, Prefeitura do Rio de Janeiro, Secretaria de educação do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas Gerais, Comitê Olímpico Brasileiro, Banco Santander, Cirque du Soleil e Jeneusse du Monde.

À parte das iniciativas na área de cultura, onde mantém oficinas de circo e teatro e música, como a Banda AfroReggae, fundada em 1995, hoje com 2 álbuns gravados, o grupo Afrolata e a trupe de teatro, entre outras, o AfroReggae tem mostrado capilaridade e se expandido na mídia, como é o caso do programa Conexões Urbanas. Nesse programa são abordadas de forma integrada questões diversas como meio ambiente, violência armada, drogas e preconceito de cor e de classe. Surgido em 2001 em uma atividade no Morro da Formiga, ao ar livre, o Programa estreou no rádio em 2005, lançou uma revista em 2007 e contou com exposições na televisão em 2009 e 2011, com séries de 26 e 18 episódios, respectivamente.

O grupo também tem se envolvido em iniciativas de conscientização, como nas campanhas do Dia Mundial de Luta contra a AIDS, em apoio à Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual (CEDS) da prefeitura do Rio; a campanha contra a dengue em Nova Iguaçu, desenvolvido pelo seu próprio núcleo local; e a campanha contra a homofobia, em parceria com os grupos Arco-Íris e Conexão G da Maré. Todas em 2011.

No exterior, além das apresentações da Banda AfroReggae, com turnês pelos Estados Unidos, Canadá e Europa, indo até a China, o grupo também esteve presente em mobilizações e promovendo oficinas. Em 2000, em Ottawa, Canadá, participou da campanha *stop Racism*. Em 2007, esteve na Colômbia para conhecer iniciativas de redução da violência³⁵; na Índia, com o projeto Conexão Shiva, em que ofereceu oficinas de dança, capoeira, percussão e grafite; e na Inglaterra, com oficinas de música e também de percussão.

O Grupo aparece com força em Projetos em áreas de violência e confronto armado no Rio de Janeiro desde 2000. Neste ano, o Projeto Rompendo Fronteiras leva cursos de informática aos moradores de uma área conhecida por confrontos armados intensos desde 1983, provenientes da rivalidade entre facções diferentes em disputa pelo comércio de drogas, as vizinhas Vigário Geral e Parada de Lucas. Dessa iniciativa, surge em 2006 a Orquestra de Cordas AfroReggae. Em 2002, em uma parceria com o SESC-RJ, o grupo inicia o Projeto Locais de Rivalidade, em uma área conflagrada entre os morros do Adeus e do Alemão, com aulas de teatro, dança e circo.

Outra frente de atuação importante do AfroReggae tem sido a questão prisional. Em 2009 é lançado o Projeto Empregabilidade, cujo foco principal é proporcionar oportunidades para egressos do sistema. Segundo dados institucionais³⁶, centenas de pessoas são encaminhadas ao mercado de trabalho por meio deste Projeto, que conta com o apoio de empresas parceiras. No mesmo ano e no ano seguinte, tiveram início, respectivamente, os Projetos Rebelião Cultural e Sinal de Mudança, em que foram ministradas oficinas de capacitação profissional a detentos em unidades prisionais do Complexo Penitenciário de Gericinó, em Bangu.

No campo da parceria com as forças policiais, estas remontam o ano de 2004, quando começam as atividades do Projeto Juventude e Polícia³⁷, com a Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

Em Minas, o AfroReggae atuou dentro dos próprios batalhões da Polícia Militar, com oficinas de percussão, dança de rua, basquete, teatro e grafite para policiais. O objetivo foi o de estabelecer um campo aberto de linguagem comum por meio do qual jovens e policiais

³⁵ Mais tarde essa experiência deu origem ao DVD *O veneno e o antídoto: uma visão da violência na Colômbia*.

³⁶ No site www.AfroReggae.com consta que até 2010 esse número chegou a 680.

³⁷ Na coordenação, juntamente com o AfroReggae, participou o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes, o CESeC. Os resultados deste trabalho podem estar publicados no Boletim de Segurança e Cidadania ano 5, nº 12 – outubro de 2006. O Projeto Juventude e Polícia também originou, em 2005, o documentário “Polícia Mineira”.

pudessem se aproximar. Os policiais, depois de adquirir as técnicas ministradas nas oficinas, promoveram aulas em favelas para o público local.

As atividades com o tema da polícia prosseguem em 2011 com o lançamento do programa Papo de Polícia, uma série de cinco episódios com modelo de uma espécie de “reality show social” na favela do Alemão, onde o inspetor Roberto Chaves viveu por uma semana e registrou conversas com os moradores e andanças pelo local. Neste mesmo ano, tendo em vista os eventos internacionais que o Rio de Janeiro sediará em 2014 e 2016, o AfroReggae firma um convênio com o Banco Santander, onde está prevista a ida de cinco policiais civis e militares à Universidade de Salamanca por três semanas para estudar em um curso de espanhol.

Com o Papo de Resposta, o contato ocorre em 2008, com o ingresso de agentes de cultura do AfroReggae no Projeto. O AfroReggae chega com a experiência com os jovens e com as trajetórias de seus agentes de núcleo, egressos do sistema prisional, que passaram a formar duplas com inspetores da polícia. A Natura, que já era parceira do AfroReggae desde 2006 e patrocinadora institucional desde 2007, inicia um movimento de aproximação com o Papo também, em um processo que culminará com o patrocínio também do Papo de Resposta a partir de um evento promovido pela empresa no município de Búzios em 2009, tratado no item 3.4.

2.6 Natura Cosméticos S.A.

A Natura Cosméticos S.A.³⁸ é uma empresa brasileira de capital aberto que atua no ramo de cosméticos e higiene pessoal. No endereço eletrônico na internet, a empresa informa que tem sua atuação pautada por “criar valor para a sociedade como um todo, gerando resultados integrados nas dimensões econômica, social e ambiental”. Em seu ramo de atuação, a empresa procura vincular sua marca a conceitos como os de sustentabilidade e harmonia com a natureza, associando seu negócio a iniciativas que contribuam para a transformação das relações humanas e da vida das pessoas.

Tendo suas atividades iniciadas em uma pequena loja na cidade de São Paulo no ano de 1969, hoje está instalada em um moderno complexo industrial na cidade de Cajamar/SP, e

³⁸ <http://scf.natura.net/>

possui atividades em outros oito países além do Brasil: Argentina, Chile, Peru, México, Venezuela, Colômbia, Bolívia e França. Depois de abrir seu capital em 2004, no ano seguinte as ações da empresa foram incluídas no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa).

Conceitos de transparência, empreendedorismo, comunicação, ética e responsabilidade social podem ser observados por todo lado nas informações dispostas no site da empresa, com a afirmação de valores como a busca por resultados que comportem as dimensões econômica, social e ambiental, de forma sustentável.

A importância de estabelecer e ampliar canais de comunicação e contribuir para mudanças pautadas pela elevação do nível de consciência social vão ao encontro de algumas das propostas do Papo de Resposta, que a Natura passa a patrocinar institucionalmente a partir de 2007. Adotando políticas nesse sentido, a empresa liga seu nome e seus produtos às tendências do mercado e torna-se mais conhecida e reconhecida nos locais onde atua, ampliando também seu mercado.

Em 2010 foi criado o Instituto Natura³⁹, com a pretensão de ampliar e consolidar a atuação social da empresa, com ênfase no apoio e na realização de projetos ligados ao ensino público não só no Brasil, como em outros países da América Latina.

Algumas das principais iniciativas da empresa são, na área cultural, o projeto Natura Musical, cuja primeira edição foi em 2005, com o objetivo de dar suporte a artistas brasileiros de todas as regiões do Brasil⁴⁰; e na área de desenvolvimento sustentável, o patrocínio, desde 2004, à organização não governamental Ashoka⁴¹, atuante no campo da inovação social, com oferta de apoio a empreendedores locais. Com o Afroreggae, a parceria teve início em 2006, com o patrocínio da turnê “Nenhum Motivo Explica a Guerra”. Desde 2007, o patrocínio tornou-se institucional.

³⁹ <http://www.institutonatura.org.br/>

⁴⁰ <http://www.naturamusical.com.br/>

⁴¹ <http://www.ashoka.org.br/>

3 DE PAPO COM O PAPO

Minha intenção foi a de conhecer o que o Projeto Papo de Resposta significa e o que pode vir a significar para representar uma ressignificação para a polícia, contribuindo para uma reflexão acerca da segurança pública no Estado do Rio de Janeiro. Estão em jogo processos de relação de alteridade entre policiais, egressos da criminalidade e jovens, uma trama importante para entender dimensões como a pobreza, a criminalidade, a violência e a vulnerabilidade de determinados grupos sociais. Nesse contexto, o Projeto cumpre bem esse papel, pois se pauta em uma esfera de expectativas de desconstrução de mitos e estereótipos.

Esse período, herdeiro de uma época política de simples confronto com a criminalidade, tem apresentado algumas alternativas, que no âmbito institucional da Polícia Civil estão traduzidas em iniciativas de modernização⁴², sobretudo a partir do Programa Delegacia Legal. Sobre o Programa, Marco Pedra afirma que:

“antes a polícia funcionava em estado precário. Ambiente, pessoal e instalações. O policial tinha que levar seu próprio equipamento de trabalho, seu mobiliário e sua máquina de escrever. Hoje em dia a situação mudou um pouco”.

O Papo trata da construção de uma interação bastante peculiar a partir do encontro das perspectivas de um indivíduo que já esteve organicamente ligado à criminalidade com um agente de segurança pública. É o encontro de duas trajetórias distintas que em outros momentos, em outros espaços, poderiam estar praticando gestos de violência mútua, pelo simples fato de representarem lados antagônicos. Em um Papo em que estava o inspetor Wagner Ricardo, este disse ao público: “o Papo é um inspetor e um ex-criminoso olhando para o mesmo lugar”. Seguindo a perspectiva durkheimiana⁴³ da relação entre indivíduo e sociedade, e ao encontro das palavras do sociólogo Luis Flavio Saporì, em depoimento registrado no endereço eletrônico do próprio Projeto, a “combinação entre o AfroReggae e a Polícia Civil produz um todo maior que a soma das partes”⁴⁴. Reginaldo Lima, do AfroReggae, vai no mesmo sentido, quando comenta o fato de policiais civis e egressos do sistema prisional dificilmente estariam atuando do mesmo lado em outro contexto: “o Papo

⁴² A implantação, há alguns anos, da Delegacia da Mulher e mais recentemente, em 2011, das Delegacias de Dedicção Integral ao Cidadão (DEDIC), que, embora ainda não atendam todas as regiões do Estado, também apontam para mudanças nesse sentido.

⁴³ DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁴⁴ www.papoderesposta.com.br

hoje em dia é constituído por um homem da lei e um ex-criminoso que não estariam sozinhos nos lugares onde hoje estão chegando juntos”.

Sobre esse processo interativo entre aparentes contrários, Simmel⁴⁵ nos mostra que a interação entre indivíduo e sociedade ocorre por meio de processos de conflito e associação, afastamento e aproximação. Nada mais apropriado para compreender o convívio entre os atores que compõem o Projeto, desde suas “vidas pregressas” até o ponto de se tornarem “companheiros de trabalho”, em um percurso permeado de tensões. O que se produz dessas interações, que Simmel⁴⁶ denomina sociabilidade, em certo momento passa a ter um valor em si, e é esse valor produzido, resultado de uma síntese de opostos, que produz um resultado de caráter inédito, composto pela experiência pessoal e profissional de cada um dos envolvidos⁴⁷. Sobre esta relação, ainda que às avessas, Zico, em um Papo no Colégio Pedro II, afirma: “se do outro lado da vida o cara assume o compromisso e cumpre, aqui não pode ser diferente, o cara que firma um compromisso também tem que cumprir”.

Percebemos então que tocamos em um ponto importante, já que não está em questão um mero colaboracionismo de um “bandido arrependido” para com as forças de segurança, mas de indivíduos marcados de ambos os lados por um cotidiano de violência e dotados do desejo de contribuir voluntariamente para a transformação da realidade, em um processo construído dialeticamente e estruturado pelo aprendizado e pela prática cotidiana, inspirados pelo passado e com os olhos no futuro.

Para o desempenho das atividades, contam desde 2009 com uma *pick up* Nissan Frontier, modelo daquele ano, cedida pela Polícia Civil, utilizada para o deslocamento das equipes. Esse único veículo, apesar de facilitar a logística e poupar os inspetores, em parte, de despender recursos próprios com combustível, não é suficiente para suprir a demanda das atividades, já que diariamente são pelo menos duas equipes trabalhando em lugares distintos. Isso faz com que muitas vezes os inspetores tenham que utilizar seus veículos particulares. Como material de divulgação, o Projeto conta com uma produção ilustrada de 30 páginas

⁴⁵ SIMMEL, Georg. Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Aqui, esta modalidade criminosa está considerada como profissional, na falta de outro termo que o substitua. Considerando que, a despeito da violência que produz, no tráfico de drogas há funções definidas, horários definidos, hierarquia e uma economia que o sustenta, é possível que a consideremos como uma atividade laborativa, ainda que fora dos padrões aceitos legalmente; o que a faria não ser considerada um trabalho seria apenas em sua acepção histórica. Segundo Marcia Feffermann, pesquisadora do instituto de Saúde de São Paulo, “o tráfico de drogas é um trabalho que embora informal e ilegal, tem regras, obrigações e um contrato a ser cumprido”. Em Folha *on-line* de 15/12/2006, seção Social.

batizada de “O livro de todas as vozes”⁴⁸ em dois tamanhos diferentes, concebida no início de 2009, que contém no seu interior, ao invés de um texto, uma série de imagens salteadas com parágrafos e travessões, representando o diálogo entre diferentes pessoas e expressando os princípios e os valores do Projeto; que, segundo a parte intitulada ‘manifesto’, são a igualdade, a resposta, a escolha e a esperança. O sentido da produção deste material encontra-se sintetizado na penúltima página, em que se pode ler:

“este livro nasceu da vontade de concretizar e dar força a essa súplica. Tem como objetivo da voz ao “Papo” e aos seus sonhos. Mas como tangibilizar as angústias e, acima de tudo, a vontade de mudar? Como concretizar por meio de palavras, frases, símbolos e imagens, os valores perdidos a serem resgatados?”

Sobre o conceito, a estrutura com que o livro é apresentado, Roberto Chaves, em entrevista, esclarece que:

“o formato foi livro pretende uma linguagem baseada no princípio do jogral, onde quando um fala, os demais ouvem. Cada travessão representa a voz de uma pessoa a partir de sua própria fala, do lugar de onde está falando. Nossa intenção foi a de propor um formato que tornasse possível qualquer pessoa se reconhecer em ao menos uma das falas presentes. A aposta é justamente que a soma de diferentes vozes, trabalhando em cooperação, contribua para a transformação da realidade”.

A valorização da fala como ferramenta é a referência no logotipo do Projeto, criado no mesmo momento do livro. O sinal de exclamação, em formato de gota com uma espiral no final que toca uma superfície, simboliza a fala proferida, que ao entrar em contato com um determinado ambiente se espalha, alterando um estado de repouso e provocando movimento⁴⁹.

Para potencializar os canais de divulgação e contato com o público, o Papo está presente, além deste endereço na internet, que conta com fotos, vídeos, depoimentos e textos diversos de autoria dos próprios inspetores, em uma página de relacionamentos Facebook⁵⁰ e um perfil no Twitter⁵¹. Estas são formas de interatividade que proporcionam conhecer novas linguagens de comunicação virtual e estreitam o contato com o público, possibilitando a divulgação das atividades do Projeto, seja por fotos postadas por seus integrantes seja por depoimentos daqueles que participam de um Papo.

⁴⁸ O Anexo VI contém a capa anterior e posterior do livro. As ilustrações são fotos do fotógrafo Severino Silva, especialista em cobertura de ações policiais. Em entrevista, Roberto Chaves, que já conhecia o trabalho de Severino ao observar fotos de matérias de jornal sobre ações policiais, relatou que chegou até o profissional ao procurá-lo após uma operação em que participou na Rocinha, quando apresentou-lhe a proposta de utilizar seu trabalho na produção do livro do Papo. O fotógrafo prontamente colocou duas mil imagens à disposição.

⁴⁹ O logotipo está disposto no Anexo V.

⁵⁰ <http://www.facebook.com/papoderesponsa>

⁵¹ <https://twitter.com/papoderesponsa>

Nos locais de trabalho, cada sessão dura em média 90 minutos, sendo iniciada, após uma saudação inicial, com a exibição de um vídeo com temas afins àqueles que serão abordados, visando principalmente, “quebrar o gelo” inicial e oferecer elementos para o debate subsequente⁵². A seguir, apresentam-se, por vez, um inspetor da Polícia Civil e um membro do AfroReggae. Cada um fala por volta de 30 minutos, momento em que contam suas trajetórias, destacando como exemplos momentos de suas vidas em que o contato direto com a violência os fez refletir sobre formas possíveis de transformação da realidade. O policial fala sobre a rotina de um policial civil e suas atribuições legais, citando episódios de violência e corrupção policial, apresentando a questão do consumo e do tráfico de drogas, tanto na perspectiva da saúde pública quanto da produção de violência e de confrontos com a polícia. Esse membro do AfroReggae destaca a dinâmica de sua entrada para a criminalidade, o modo como, do seu ponto de vista, alguém envolvido com o crime vê a polícia, as leis e a sociedade, elenca aspectos da vida no cárcere, da perda da liberdade e da importância do egresso receber apoio ao ganhar a liberdade como forma de inserção social e prevenção da reincidência. Apesar das diferenças marcantes, chega um momento em que as falas tomam contorno semelhante, é quando tocam na questão das mortes de jovens e dos sucessivos anos em que os índices desse tipo de violência permanecem altos.

Durante a apresentação, é comum que haja certa agitação entre os presentes, que em geral são adolescentes. Não obstante, a própria forma de como a questão da segurança pública é apresentada causa surpresa nos ouvintes, já que propõe reflexões que pretendem escapar do senso comum dos meios de formação de opinião. Em seguida, abre-se espaço para perguntas e colocações, a partir das quais se desenvolve uma proximidade maior entre todos. Vale destacar que não são raras as reações de surpresa quando o membro do AfroReggae relata que tem um passado de envolvimento em práticas de crimes⁵³.

Os policiais valem-se do *status* de autoridade pública que detêm para tentar trazer o jovem para mais perto da instituição policial, fazendo com que sua referência seja diferente daquela que remete à violência ilegal e corrupção. As referências da polícia são negativas, principalmente para o público jovem oriundo de comunidades pobres e dominadas pelo crime, pois, ainda que na relação do traficante com suas respectivas comunidades o limite do

⁵² São dois os principais vídeos utilizados: o clipe da música “Tô bolado”, do Afroreggae, que fala da chacina de vigário geral em 1995 e o documentário Falcão: Meninos do tráfico, que aborda a entrada de adolescentes na estrutura do tráfico de drogas em várias cidades do País.

⁵³ Um fato curioso é que em uma das duplas de trabalho, o membro do AfroReggae foi preso pelo policial com quem hoje trabalha lado a lado.

assistencialismo seja o uso da força, há certa identificação de muitos moradores com pessoas ligadas ao tráfico e à criminalidade e muitas vezes há inclusive grau de parentesco.

A tentativa é a de colaborar para a construção de outra imagem do policial, mais humanizada e dissociada daquela ligada ao medo e ao afastamento. Se o policial ainda ocupa um lugar perverso no imaginário desses jovens, a fala de uma adolescente de um projeto voltado para jovens em situação de vulnerabilidade social retratou exemplarmente este argumento em um Papo: “o bandido está presente quando o morador precisa, porque a polícia é corrupta e rouba o que o morador tem”.

Ao fim de cada fala, os policiais costumam ressaltar a importância dos conceitos de reconhecimento e pertencimento mútuos. Em suas palavras, após cada encontro, cada um dos presentes passa a pertencê-los e por eles devem ser cuidados. Da mesma forma, cada membro do projeto passa também a pertencer a cada um ali presente, de modo a que deva também ser cuidado. O que querem dizer é que é o Papo de Resposta, representado pelo conjunto de ideias que porta, se torna algo a ser cuidado por cada um dos presentes daquele momento em diante, entendendo esse cuidado como sendo uma multiplicação de princípios. Para Roberto Chaves: “a polícia é incapaz de lidar sozinha com a complexidade da questão da violência e da criminalidade, pois estes são problemas muito maiores, de caráter social”.

Sem negar o papel do poder público, Roberto acredita que uma mudança na consciência das pessoas, inclusive no sentido de cobrar o Estado por suas prerrogativas, é fundamental. Em muitos Papos, a fala de encerramento utilizando vale-se do conceito do cuidado pelo reconhecimento, como no exemplo adiante, em que Roberto Chaves diz:

“a gente cuida de algo quando sente que de alguma forte aquilo nos pertence. A gente tem de sentir que as pessoas nos pertencem, que o mundo nos pertence, e que, portanto, devemos cuidar de todos e do mundo. De agora em diante o Papo pertence a vocês também, portanto, a partir de agora vocês, também são responsáveis por cuidar dele”.

Esse discurso está calcado na concepção de que se uma pessoa reconhece em outra um semelhante seu, deve enxergá-la como portadora das mesmas necessidades e anseios. Assim, em vez de simplesmente imputar a um terceiro a culpa e a responsabilidade por determinado ato, todos se tornam convidados a refletir sobre formas de pactuação e solução coletiva para as questões do cotidiano. À medida que um inspetor de polícia e um ex-criminoso conseguem desenvolver um trabalho juntos, superando diferenças e encontrando propósitos em comum, estão criadas possibilidades para que muitos outros atores sociais, distanciados por contingências diversas que a vida apresenta, deem as mãos e produzam ações de integração e

solidariedade. Roberto coloca que “se a polícia hoje cuida mal das pessoas, as pessoas também cuidam mal umas das outras”. Em suas falas no Papo, Wagner Ricardo adverte sobre a importância dessa visão:

“simplesmente colocar a culpa em alguém por determinado fato não resolve o problema, pode no máximo aliviar a consciência de alguém. O problema e sua causa vão permanecer. Trazendo pro nosso contexto, o fato colocar a culpa na polícia pela existência da violência e da corrupção é encontrar um responsável e delegar o problema, não é resolvê-lo”.

Um discurso recorrente, que já virou jargão e é largamente utilizado pelos inspetores nos encontros é aquela que diz que o policial não veio de “poliçópolis”, um lugar imaginário de onde viriam os policiais prontos e formatados, mas da mesma sociedade da qual todos fazem parte. Ao mesmo tempo que há inúmeros problemas de violência e de corrupção na polícia, na sociedade também há. Segundo eles, além de perguntarmos que tipo de polícia nós queremos, devemos perguntar antes que tipo de sociedade nós queremos. Marco Pedra conclui dizendo que “a polícia pertence à sociedade e é reflexo dela”, ponto que será retomado posteriormente no item 3.6: ‘a metáfora do espelho’.

3.1 Um Papo preventivo

No tocante ao caráter de prevenção a que se propõe o Projeto, reconhecido por seus integrantes e por atores na polícia e fora dela, já apresentados no texto, é possível identificar, com base em preceitos da criminologia moderna, pontos de encontro destas com estratégias adotadas pelo projeto. Ao passo que a criminologia clássica atua com foco no ator que transgredir a lei e pratica o delito, impondo-lhe sanções que funcionem como um fator dissuasório e neutralizador, apelando para o cálculo entre a oportunidade de êxito e o risco de ser flagrado, a criminologia moderna centra sua concepção de prevenir o delito buscando suas causas e não apenas a sua expressão mais aparente.

São três as formas de prevenção com que opera a criminologia moderna: primária, secundária e terciária. Em geral, elas se diferenciam pelo momento em que são aplicadas tendo como perspectiva a incidência da prática de uma transgressão da lei:

1) A prevenção primária privilegia questões como a educação, o trabalho e o ambiente social em que o indivíduo está inserido como elementos fundamentais na prevenção à criminalidade. São perspectivas de médio e longo prazo, destinadas à comunidade como um todo.

2) A prevenção secundária é desenvolvida em áreas específicas e com grupos específicos, em geral de vulnerabilidade social, onde há incidência de práticas delituosas. Tem caráter mais urgente em relação à prevenção primária, atuando geralmente a curto e médio prazos.

3) A prevenção terciária tem lugar no momento em que o crime já foi praticado e seu objetivo é evitar a reincidência. Seu foco está no detento e no egresso.

Nesse sentido, é possível identificar traços das práticas do Papo de Resposta nesses três níveis de prevenção elencados. Estas podem se relacionar com a prevenção primária já que abre diálogo com diferentes setores da sociedade e sobre diferentes assuntos, inclusive estruturais, como meio ambiente e saúde. Com a prevenção secundária, as atividades em favelas, em projetos sociais, em unidades prisionais e socioeducativas os credenciam. Já para com a prevenção terciária, a relação constitui-se na própria composição do Projeto, já que os membros do AfroReggae são eles próprios egressos do sistema prisional, que além do trabalho regular que desenvolvem no AfroReggae, têm no Papo um espaço importante de resgate de autoestima e de reconectar laços sociais importantes em espaços e com atores diversos. Zico, integrante do Papo, membro do AfroReggae, em uma de suas falas, afirma que tanto com as atividades do Projeto quanto com a vida fora da criminalidade, está tendo a oportunidade de conhecer lugares que antes só conhecia de ouvir falar ou pela televisão, muitos deles perto de casa, mas aos quais não podia ir devido à restrição de circulação imposta pela vida que levava na criminalidade:

“noutros tempos eu não podia sair da favela, mas agora eu vou a muitos lugares. Com a vida que eu tenho hoje, pude ir conhecer a praia de Copacabana, que ficava a poucos quilômetros da minha casa. Antes eu não podia ir lá, agora eu posso, mas já tenho 41 anos”.

Sobre o resgate da autoestima e a abertura de oportunidades, Chinaider Pinheiro, estudante do curso de Direito, fala sobre a oportunidade que teve no AfroReggae e sua experiência no Papo, do auditório do SESI, na Tijuca:

“se não fossem a oportunidade de estar trabalhando e de estar aqui hoje fazendo esse trabalho eu hoje seria parte das estatísticas. Digo isso para que sirva de esperança pra vocês que estou me ouvindo. A mudança é possível, basta ter vontade e oportunidade”.

O Papo aposta no discurso de que é preciso ter consciência e coragem para conceber novas atitudes diante da construção do futuro e suas mais diversas configurações sociais. O futuro nem sempre depende das respostas buscadas diariamente, mas sim das perguntas e dos questionamentos que a vida impõe a todo o momento. Duas perguntas estão em questão nos objetivos do Projeto: qual o futuro que quero para mim e para o mundo onde vivo? Qual o meu papel na construção desse futuro?

O Projeto tem como valor a crença de que todo indivíduo tem a capacidade de sonhar, compreendendo o sonho como um planejamento, uma meta. Por meio dessa postura ele se torna capaz de construir o futuro. Dessa forma, escolher o futuro é como sonhar de olhos bem abertos, tornando-se responsável pelo lugar onde se quer estar. O futuro, a realização de projetos, configura-se como um sonho, um ideal a ser alcançado, ao invés de um acaso. O poder público é um ente que tem responsabilidades e prerrogativas, mas cabe ao indivíduo e à sociedade civil fiscalizar e promover iniciativas que dialoguem com este e que contribuam para a produção da realidade social.

3.2 Onde o Papo aconteceu em 2011

Em 2011 ocorreram 217 atividades do Projeto, entre reuniões de planejamento e apresentação do projeto e Papos, distribuídos principalmente entre instituições de ensino públicas e privadas, mas também em encontros de juventude, instituições religiosas e eventos ligados a discussão sobre drogas e vulnerabilidade social. O total estimado de público, segundo controle interno do projeto, é de aproximadamente 19.000 pessoas⁵⁴.

No período, foram visitados vinte municípios em todas as regiões do Estado do Rio de Janeiro, além de uma apresentação no município de Vitória, no Espírito Santo, em um evento chamado Pacto pela Paz, e outra em Tel Aviv, em Israel, em um evento chamado Seminário Brasil. A distribuição foi de 141 Papos na capital, 76 em outros municípios do Estado, um em outro Estado e um em outro país.

⁵⁴ Esses dados se baseiam em uma planilha enviada pelo Projeto, de controle interno.

Municípios (ordem alfabética)	Número de visitas
Barra Mansa	3
Búzios	2
Cantagalo	2
Duque de Caxias	10
Itaboraí	1
Itaguaí	1
Laje do Muriaé	1
Macaé	10
Maricá	1
Miguel Pereira	1
Nilópolis	2
Niterói	5
Nova Iguaçu	2
Nova Friburgo	7
Resende	1
Rio Bonito	1

*Nesta distribuição não estão incluídos os Papos no Espírito Santo nem em Israel.

No município do Rio de Janeiro, também estiveram presentes em todas as regiões, em um total de trinta e cinco bairros e 141 Papos. Na zona central da cidade, em três bairros, ocorreram 13 papos; na zona sul, em cinco bairros, foram 14 Papos; na zona norte, em vinte bairros, foram 94 Papos; e na zona oeste, em sete bairros, foram 20 Papos. Abaixo, a distribuição dos bairros, por zonas da cidade:

Bairros (por zona da cidade)	Visitas
Zona Central	
Centro	9
Cidade Nova	1

Lapa	3
Total	13
Zona Sul	
Botafogo	1
Gávea	4
Lagoa	1
Laranjeiras	6
Urca	2
Total	14
Zona Norte	
Abolição	2
Anchieta	4
Benfica	10
Bonsucesso	6
Colégio	5
Del Castilho	4
Honório Gurgel	1
Ilha do Governador	12
Irajá	1
Madureira	1
Maracanã	3
Marechal Hermes	1
Méier	1
Penha	2
Riachuelo	1
Rio Comprido	2
São Cristóvão	1
Tijuca	33
Vaz Lobo	1
Vicente de Carvalho	3
Total	94

Zona Oeste	
Bangu	2
Barra da Tijuca	1
Campo Grande	2
Jacarepaguá	7
Realengo	6
Recreio dos Bandeirantes	1
Santa Cruz	1
Total	20

Em cada região, central, sul, norte e oeste, percebe-se que há uma moda, representada, respectivamente pelos bairros do Centro, Laranjeiras, Tijuca e Jacarepaguá. Essas coincidem com a existência de unidades do SESI/Senai, em que foram realizadas quantidade concentrada de encontros do Papo, que ensejaram esse destaque em relação aos outros bairros.

O registro do Presença em todas as áreas do município do Rio de Janeiro e em diversos municípios do Estado vai de encontro à crítica interna que por vezes recebem de colegas, que argumentam que “o projeto só vai aonde quer ir”. Quanto ao tipo de instituições, estão contempladas as de natureza pública e privada, sem qualquer sinal aparente de distinção que possa denotar algum tipo de seletividade⁵⁵.

Analisando a distribuição ao longo dos meses, percebemos uma correlação positiva com o calendário letivo. Há um número reduzido de Papos nos meses de janeiro, fevereiro, meses de férias escolares, um número um pouco maior nos meses de março, julho e dezembro, nos quais ou as aulas estão começando, como no caso de março, ou há parte do mês destinado às férias, como em julho e dezembro. A concentração de atividades pode ser observada, portanto, nos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro.

Meses	Atividades
Janeiro	4
Fevereiro	7

⁵⁵ O item 3.5.1 apresenta uma análise da agenda do Projeto em 2011 baseada na lista disposta no Anexo III desta dissertação.

Marco	15
Abril	23
Mai	24
Junho	25
Julho	11
Agosto	22
Setembro	24
Outubro	30
Novembro	23
Dezembro	9
Total	217

Como foi abordado anteriormente a respeito da inexistência inicial de qualquer tipo de registro da presença de público, em 2011 foi tomada a decisão de introduzir um livro de assinatura, a ser portado por cada um dos policiais. É um livro grande e espesso, que o inspetor Marco Pedra diz fazer lembrar os antigos livros-tombo das delegacias, onde se registrava tudo o que acontecia nos plantões. A esse respeito, os inspetores esclareceram que anteriormente nenhum tipo de registro era requerido, pois se partia do pressuposto de que se as pessoas já possuem um estigma negativo da polícia, não era desejado transmitir a impressão de que o Projeto tinha por finalidade identificar quaisquer indivíduos ou grupos. Nesse sentido, no livro, cada presente deve voluntariamente escrever seu nome. Mesmo considerando esse esforço, dado o caráter não obrigatório do registro pessoal, permanece aberta a possibilidade do sub-registro de presentes, que podem simplesmente não registrar sua presença. Os inspetores, entretanto, acreditam que, com o ganho de visibilidade e credibilidade do Projeto, essa sub-registro tende a reduzir-se progressivamente.

No momento em que esta pesquisa foi realizada, havia apenas um único livro, fazendo com que apenas um policial pudesse portá-lo por vez, causando prejuízo no registro dos presentes em atividades que ocorressem de forma simultânea. Para remediar essa condição e não perder registros de presença, os demais policiais passavam uma lista de presença na audiência, para depois passar os nomes a limpo de forma consolidada no livro de registros. Segundo os próprios policiais, esse processo traz um problema para um registro fidedigno do número de presentes a cada encontro, que a introdução de um livro individual para cada

policial irá sanar, à medida que o nome de cada um passará a ser registrado definitiva e diretamente pela própria pessoa. Esse procedimento minimiza, em tese, que ocorra, por exemplo, a perda de nomes registrados em folhas soltas ou mesmo que alguém faça uma rasura.

3.3 Um Papo com a instituição

No tocante ao Papo de Resposta, além do movimento externo que naturalmente ele provoca na execução das atividades nos diversos espaços em que visita, há também um movimento interno, que é parte do escopo do próprio Projeto, cuja finalidade é contribuir para uma mudança na concepção do trabalho policial.

Se para a opinião pública a polícia é sinônimo de abuso de autoridade e violência – uma herança, segundo os inspetores do Papo, da época da ditadura militar, em que era frequente o desrespeito aos direitos civis e o uso discricionário da força –, é importante que haja iniciativas institucionais, por parte do Estado, representado por seus agentes, de não só reformular as práticas, mas investir em estratégias que façam chegar essa concepção às pessoas, ao público em geral. Segundo Wagner Ricardo:

“quando nas palestras as pessoas tomam contato conosco e com o trabalho que propomos, percebem que nem todos os policiais são truculentos e entram nas favelas atirando a esmo”.

Em entrevista, ele afirma que em vinte anos na Polícia Civil participou de muitas prisões e cada vez os cárceres estão mais cheios:

“se o remédio que tem sido usado não tem resolvido a situação, temos que mudar o remédio. Assim, deve-se mudar a mentalidade do policial. Temos que mudar a dose do remédio. A quantidade de pessoas que vem morrendo e sendo presas é muito grande e isso requer que pensemos em alternativas. Não fomos feitos para matar e morrer”.

Nesse sentido, Roberto Chaves complementa afirmando que o objetivo é mudar a cultura interna, a identidade da Polícia Civil. Antes de mudar a forma como o policial é reconhecido externamente, é preciso mudar a forma como ele mesmo se reconhece, para que ele se valorize e acredite no seu trabalho. A polícia tem que se reconhecer no discurso dos Direitos Humanos, mas para reconhecê-lo, precisa ouvi-lo e internalizá-lo. Resgatar a autoestima do policial. Para ele, “o horizonte é contribuir para mudar o *ethos* da polícia”.

Quando perguntado sobre o caráter potencial de relações públicas que o Papo contém, Roberto responde positivamente. Na estrutura dos quadros da Polícia Civil, existe a Assessoria de Comunicação (Ascom), encarregada de elaborar os informativos da instituição, assim como notícias sobre operações e atividades rotineiras executadas. A cargo da Ascom, ficam as tarefas burocráticas e formais, de produção de boletins e informativos institucionais, sem a capilaridade e a plasticidade requeridas por atividades como as do Papo, que têm ação proativa de ir até a comunidade.

Nesse campo, de conter a função de relações públicas da Polícia Civil, indo até o público, abrindo-se e convidando-o, o horizonte é colaborar para a desestigmatização da instituição (marcada, como eles mesmo assumem, pela expressão popular representada pela trinca “tiro, porrada e bomba”) e mostrar à sociedade uma face da instituição que deseja e tenta se comunicar melhor. Mesmo que até o momento de conclusão desta pesquisa o Projeto não tenha estrutura própria estabelecida nos quadros da instituição, já a representa em eventos e realiza suas atividades de forma oficial. Isso faz com que nas atividades, a impressão desejada é a de que é a Polícia Civil que está falando. No site do Projeto, há uma mensagem institucional que diz:

“por meio do Projeto Papo de Resposta, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro concretiza a crença de que a troca de experiências se torna fundamental no processo de ressignificação social”.

É nesse contexto que se inscreve projeto Papo de Resposta, que nasce da vontade e da necessidade de transformar a realidade, com a proposta de colaborar para a construção de um novo tipo de relações das pessoas com a polícia e das pessoas umas com as outras; no caso específico do Papo, por meio do contato com jovens. Reconhecendo o jovem como segmento estratégico nas políticas públicas, é importante frisar que no Brasil e no mundo, o jovem representa historicamente a faixa etária mais vulnerável à vitimização, seja como autor ou como vítima. Tanto em pesquisas de vitimização quanto em pesquisas feitas exclusivamente com policiais, os resultados mostram que os jovens são em geral os que demonstram mais dificuldades na relação com a polícia; da mesma forma que para os policiais, são os jovens aqueles com os quais eles mais têm dificuldades de diálogo e os que apresentam mais problemas de distúrbios e prática de crimes.

Essa perspectiva se encontra com o depoimento do atual secretário de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro, registrado do endereço eletrônico do Papo, em que diz que “a perspectiva nos jovens é a chave para o sucesso da segurança pública”. Em um

apontamento que parece inverter a lógica da representação de uma tropa de elite para a Segurança Pública do Rio de Janeiro, onde a Polícia Militar conta com o Batalhão de Operações Especiais e a Polícia Civil com a Coordenadoria de Recursos Especiais, sendo ambas tidas como equipes de elite, por atuarem em ações pautadas por incursões em ocasiões de confronto, ele prossegue, no mesmo depoimento:

“e o Papo proporciona isso para nossa juventude e isso me deixa muito orgulhoso. Esses policiais dão uma perspectiva para esses jovens além daquelas em que eles vivem. Vocês são a tropa de elite da Polícia Civil, porque tocam o coração e oferecem um colorido para a vida deles. Vocês são heróis, pois agem e se portam como transformadores”.

Para ilustrar os entraves que requerem superação da polícia para com o jovem, segue abaixo um exemplo vivido empiricamente no campo de pesquisa, quando de uma entrevista com o inspetor Roberto Chaves, em que fui à delegacia em que ele estava lotado à época, a Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis (DRFA) em um domingo trajando uma camiseta de malha com manga, bermuda e sandália fechada. No meio da entrevista, quando tocamos na importância da comunicação, ele me disse:

“você não reparou, mas quando você entrou aqui de sandália e bermuda, os caras ficaram te olhando (referindo-se a outros policiais que estavam sentados próximos a nós). Eles devem ter se perguntado “quem é esse cara de bermuda e chinelinho?” Agora não, eles estão te vendo conversando comigo aqui e tá beleza. Há um espaço que foi aberto, agora existe algum tipo de comunicação, de linguagem estabelecida e reconhecida por todos, coisa que de início não havia. Esse é o ponto”.

Isso vai ao encontro do que nos disse anteriormente Roberto Chaves, para quem as palestras levam informação para a comunidade, mas também para o policial:

“a Polícia Civil não se comunica bem, a polícia em geral não se comunica bem. O que a gente quer é criar canais de comunicação. Abrir espaços antes fechados ao contato, ao diálogo. Abrir campos para que as coisas aconteçam. Mudar a imagem é o passo seguinte do estabelecimento do contato. A síntese do projeto é abaixar o bico do fuzil e levantar a voz do cidadão”.

Marco Pedra argumenta que a resistência muitas vezes é um sinal também do resquício de que anos atrás aqueles que realizam serviços cartorários, na linguagem interna, aqueles que buscavam atividades burocráticas, ou queriam fugir do trabalho de polícia ou buscavam uma vantagem pessoal. Por isso, há episódios em que se manifesta certo desdém por parte dos outros policiais para com eles, que sob sua ótica não estariam fazendo trabalho de polícia. Ele enxerga que esse é um desafio a enfrentar, ao mesmo tempo em que Roberto

Chaves faz questão de enfatizar sempre que pode que todos os três inspetores do Papo são operacionais⁵⁶. Para os próprios inspetores do Papo, é fundamental para o contato com a rotina da polícia, com a realidade vivenciada pelo policial civil no exercício de sua atividade-fim. Segundo eles, isso funciona como combustível para desenvolverem seu trabalho no Projeto, mantendo-os em contato com a atividade operacional da polícia, além de possibilitar um trabalho pedagógico mútuo com seus pares, divulgando ideias, ouvindo críticas e debatendo as questões discutidas no papo.

O próprio inspetor Wagner Ricardo relatou que, no começo da parceria com o AfroReggae, por vezes trajava uma camisa do Grupo para ir trabalhar na delegacia, o que provocava piadas e brincadeiras por parte dos colegas, com insinuações acerca do fato de um policial andar com artigos de organizações que trabalham em favelas. Outras vezes, eram citados, de forma pejorativa, como fazendo trabalho de psicólogos, assistentes sociais ou pedagogos. Sobre isso ele concluiu:

“é importante mudar a lógica de que a polícia é somente um agente de repressão, assim como foi em toda sua história. Sobre o Papo, antigamente me perguntavam como é que estava aquele bagulho? Hoje me perguntam como é que está o Projeto? Como é que está o Papo? Isso indica alguma mudança”.

Sobre a mudança na concepção da ação policial, cujos princípios são defendidos pelo Papo, Marco Pedra, com 23 anos na instituição, enxerga a exigência do nível universitário completo para o ingresso nos quadros da polícia civil, instituída no concurso público de 2002, como um fator importante que contribuiu para mudar o perfil do atual inspetor:

“em outra época, o perfil do Policial era diferente. Em geral, quem entrava para a polícia era aquele indivíduo que tinha disposição para ir direto para o confronto. Na maioria das vezes, eles só possuíam o ensino fundamental e médio, mas hoje esse perfil mudou. Atualmente, muitos dos policiais civis quando ingressam na corporação ou possuem o ensino superior completo ou estão em vias de conclusão”.

Roberto Chaves afirma que o fato de, naquele momento, o Projeto estar passando pela 5^a chefia de polícia diferente desde a criação do Papo de Resposta representa a longevidade e capacidade de êxito sobre desafios. Para ele, essa constatação ganha ainda mais relevo, pois veio da base da instituição, dos próprios inspetores. Para avançar, a tarefa é a de fazer com

⁵⁶ Esse termo representa policiais que atuam na linha de frente, efetuando apreensões, prisões e participando de operações de ocupação de áreas. Esse discurso também aparece na Polícia Militar atualmente na relação entre os policiais lotados nas UPP. A pesquisa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania mostrou que estes policiais, por atuarem em uma perspectiva de policiamento que se pretende diferente daquela praticada nos Batalhões, sofrem críticas de seus próprios pares por não fazerem trabalho de polícia.

que os outros policiais civis entendam a dimensão e a amplitude do projeto. Sua ideia é conseguir a institucionalização do Projeto dentro da Polícia Civil, para que possa ter sua sobrevivência garantida em meio às mudanças políticas, passe a ter previsão orçamentária definida e integre o planejamento estratégico da instituição. Para os inspetores do Projeto, esse passo é fundamental para que o policial passe a reconhecer o Projeto e se sentir motivado a integrá-lo e apoiá-lo. O processo de institucionalização está em processo de concretização, como será visto no item 3.9.

Foi na atual gestão da Polícia Civil que o Projeto passou por momentos de tomadas importantes de decisão em sua estrutura. Foi considerada, por parte da Chefia de Polícia, a lotação do Papo de Resposta na Acadepol, passando aos delegados distritais a tarefa do agendamento das atividades junto a instituições sob sua jurisdição. Se, por um lado, estar na academia de formação dos inspetores da polícia seria positivo, no entendimento dos inspetores do Papo, delegar aos delegados o agendamento das atividades e a prospecção do trabalho junto à sua área de jurisdição, além de onerar o tempo daqueles profissionais, ocasionaria um distanciamento indesejado para com o público, burocratizando o processo e fazendo-os perder autonomia sobre seu planejamento.

Outra possibilidade que se abriu foi a ida para a Secretaria de Segurança, em que preservariam a estrutura organizacional intacta, com a desvantagem, sob seu ponto de vista, de perder contato com a base da instituição, como dito antes, com o “cheiro da delegacia”. A questão foi equacionada com a previsão da ida do Projeto para a Delegacia de Combate às Drogas, onde há a expectativa de ganho de uma estrutura maior, e onde integrará o núcleo de prevenção.

3.4 “Entre nós” ou entre muitos

Embora visite espaços que não se resumem a escolas, conforme mencionado, é nesses espaços que se concentram o maior número de suas atividades. Não obstante compreendam que a educação formal é apenas um componente formador, entre outros, como a família e os espaços sociais em geral, a escola cumpre papel fundamental. É com esse ambiente que o indivíduo dialoga durante as etapas mais importantes da formação de sua subjetividade. Para ilustrar a importância dada pelo Projeto a este espaço, Roberto Chaves recorre à taxionomia de Lineu ao dizer que: “educação é gênero, e as demais dimensões são espécie”.

Na metodologia utilizada pelo Papo em escolas, crianças e adolescentes são colocados em espaços distintos, ou seja, no caso de escolas, trata-se de alunos de ensino fundamental

com ensino médio, por exemplo. De acordo com o nível de maturidade de cada idade, assim como os interesses que são próprios de cada etapa da vida, a linguagem utilizada e alguns dos temas mudam. Com crianças são abordados em geral temas como respeito, amizade, solidariedade e família. Com os jovens, além destes, aparecem questões como drogas, polícia, sexualidade e encarceramento. De acordo com o inspetor Roberto Chaves, um fator que contribuiu muito para o entendimento do Projeto acerca do trabalho que desenvolvem, foi a percepção de que não é o público que tem que falar a linguagem deles, mas o contrário. É o projeto que precisa conhecer os códigos e a linguagem com a qual se relaciona:

“a gente tem que falar na linguagem deles e por isso a gente sabe que se, por exemplo, se a gente falar em uma escola pública da Baixada Fluminense, terá que utilizar um nível de linguagem, e se for em uma escola particular, terá que usar outro. Isso porque as experiências pessoais de cada um desses jovens são diferentes e a gente tem que atentar para isso; os valores, as famílias, a religião, a escola como um todo”.

Atualmente, o ciclo de trabalho compreende seis passos, cujo planejamento visa atingir um ciclo de três meses de duração:

1) Com a direção e a orientação pedagógica, para alinhar o trabalho ao projeto político-pedagógico da instituição a ser visitada. Além, busca-se conhecer se a escola apresenta alguma questão específica que possa ser trabalhada, em especial nos encontros.

2) Com os professores, por respeito aos profissionais, sem passar do acordo com a direção direto para a sala de aula. É importante que os docentes também compreendam a proposta. Do ponto de vista dos inspetores, isso facilita a compreensão do trabalho por parte do corpo discente e estimula que o trabalho com os estudantes não se reduza apenas aos encontros pontuais nas salas de aula, de modo a que os valores abordados sirvam de referência em outros momentos entre alunos e professores.

3) Papo de Resposta: seção expositiva, falas mais concentradas dos membros do Projeto, com o intuito de sensibilizar o público para as propostas abordadas.

4) O Papo é um papo: caráter de mediação, com foco no protagonismo do público, para que relatem suas experiências e reflexões a partir do que foi apresentado previamente.

5) Papo de chão: momento considerado como “inspirador”. O espaço é preparado com almofadas e todos são convidados a tirar os sapatos com o intuito de que fiquem mais à vontade. Nessa modalidade são utilizadas referências de trajetórias de pessoas de vulto na história da humanidade, pautadas por intervenções práticas de luta por direitos, liberdade, emancipação e direitos. Alguns exemplos dados foram Madre Tereza de Calcutá, Dalai Lama e Martin Luther King.

6) Papo em família: após as etapas três, quatro e cinco, para este momento os jovens devem convidar os respectivos responsáveis para comparecer à escola para uma atividade com o Projeto.

Essa dinâmica de trabalho, que prima pela perspectiva de criar canais de interlocução entre diferentes atores mesmo dentro dos ambientes que visita, alunos, professores, diretores e pais, dando voz a todos, modela as apresentações⁵⁷, conforme descrito por Rodrigues (2001), para quem:

“A alternância dos falantes, numa situação específica, dentro dos seus propósitos discursivos, constitui-se pelo fato de que o falante conclui o que objetiva dizer, termina seu enunciado, e, assim, cede a palavra ao outro, o interlocutor (imediatamente ou não), para dar lugar a sua compreensão ativa, a sua postura de resposta. A troca de sujeitos discursivos emoldura o enunciado, estabelece suas fronteiras e cria sua corporeidade específica em relação aos outros enunciados vinculados a ele”.

Em relação ao público heterogêneo, que embora predominantemente jovem, também comporta crianças e adultos, Roberto Chaves, em entrevista, reafirmou que:

“é necessário falarmos com todo o mundo, pois percebemos que poderíamos aliar outras pessoas e outros atores sociais, não só os que tivessem histórias no crime. A gente fala com os inspetores em escolas e fala acima de tudo com os pais, porque muitas vezes a gente percebe que o jovem age da maneira que age, por conta de uma má comunicação, de uma falta de entendimento entre aquela pessoa grande e aquela pessoa que está em desenvolvimento. Às vezes a gente consegue unir famílias em reuniões de pais, pelo simples fato de ser uma pessoa diferente a falar”.

Assim, é na alternância do protagonismo das falas e na construção possível de sínteses a partir de teses e antíteses apresentadas, em que se espera, surja o novo, a partir de um reconhecimento que só pode ser produzido pela expressão de cada um.

3.5 Um Papo com a arte

O objetivo de abrir canais de comunicação com a sociedade transbordou para a arte e inspirou a composição de duas músicas que fazem referência ao Projeto, uma em ritmo de Rap e outra com apenas violão e voz, chamadas de *Rap do Papo* e *Pérolas*⁵⁸. As duas composições, entretanto, de autoria de diferentes compositores, ambos ligados à música, que

⁵⁷ RODRIGUES, R. H. A Constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo., 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica – São Paulo.

⁵⁸ As letras estão dispostas na íntegra nos Anexos I e II desta dissertação.

curiosamente, pela idade, não são de jovens. Obtive os endereços eletrônicos de ambos junto ao inspetor Roberto Chaves, e após um contato com os próprios compositores, obtive seus telefones, meio pelo qual as entrevistas foram realizadas.

Paulo Cesar Telles, 50 anos, morador da localidade de Tamoios, segundo distrito do município de Cabo Frio, na Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro, é músico e professor de música. Em entrevista por telefone, informou que conheceu o Projeto de forma despreziosa, quando trabalhava como atendente no bar do hotel em que se realizava o seminário promovido pela Natura em Búzios, em 2009. Nos intervalos do evento, quando alguns participantes frequentavam o bar em que trabalhava, pode ouvir conversas e comentários que despertaram sua atenção. Como não podia deixar de lado suas tarefas no hotel, pois seu horário de trabalho coincidia com o horário das atividades, limitou-se a refletir sobre tudo aquilo que ouvira. Algo, segundo suas próprias palavras, era diferente de tudo o que já vira até então.

Ele destaca duas pessoas em especial: Suze Yoshimura, da Natura, e Roberto Chaves, da Polícia Civil, de quem, em uma das primeiras conversas com quem teve informalmente, após revelar que era músico, recebeu o convite para fazer uma apresentação no encerramento do seminário. Naquele momento, ainda sem saber que estava diante de um inspetor da Polícia Civil, respondeu: “mas para a polícia?”. Roberto calou-se e Suze respondeu: “você pode se surpreender”. Paulo Cesar, no entanto, faz questão de enfatizar que nunca teve uma visão negativa a partir de uma experiência concreta com a polícia, mas que possuía uma imagem generalizante construída por relatos de pessoas próximas e pela mídia de que polícia era algo de que é mais prudente manter distância do que proximidade.

Sobre a composição da música, Paulo Cesar informa que acordou com a “letra na cabeça” no penúltimo dia do seminário. Ao fim do dia do evento, portanto, mostrou a letra já musicada ao inspetor Roberto, que renovou o convite para que Paulo se apresentasse no evento, agora com sua mais nova música, batizada de Pérolas. O refrão da música, que tem forma de poema, fala sobre a necessidade da esperança para a construção de um mundo melhor para todos, ideia que vai ao encontro do princípio norteador da própria idealização do Papo de Resposta, em 2003, que é intervir na realidade para transformá-la. Paulo manteve contato com o Roberto Chaves e esteve presente em alguns Papos que ocorreram posteriormente na região em que mora.

Ele conta que a experiência com o Projeto lhe deu motivação para converter em prática o desejo latente até então de atuar em uma iniciativa de caráter social em que pudesse contribuir de alguma forma para a sociedade, tanto através da música, seu ofício, quanto com

outros temas importantes na atualidade. Quando concedeu a entrevista, estava realizando visitas a instituições como orfanatos e asilos, em que levava a música como instrumento de conscientização e sensibilização aos internos destas instituições. Em outra frente de atuação, ingressara no Núcleo de Educação Ambiental da Bacia de Campos, o NEA/BC, na seção de controle social e políticas públicas. A região vive um crescimento populacional muito intenso e os impactos nas questões ambientais e de segurança pública são visíveis. Para ele, o cidadão precisa estar atento às questões que o cercam, se associar, intervir e cobrar. Segundo suas palavras:

“a experiência com o Papo o fez abrir os olhos para fazer algo pra melhorar a sociedade e não só ficar esperando acontecer. O poder público tem suas atribuições e sua responsabilidade, porém o cidadão também deve procurar fazer sua parte e participar dos assuntos que estão sua volta, que dizem respeito à sua comunidade”.

Um pouco mais jovem que Paulo Cesar, o autor do *Rap do Papo* é Willian Ducontra, pseudônimo de Willian dos Anjos, morador do município de São Gonçalo, região metropolitana do Estado Rio de Janeiro. Conheceu o Papo de Resposta em uma apresentação no Sesi de São Gonçalo em maio de 2011, onde era estudante do curso profissionalizante de eletricista de rede. Willian, compositor e cantor de rap desde muito jovem, tem em sua trajetória um episódio de violência policial, sofrido por ele, juntamente com amigos, anos atrás. Essa experiência contribuiu para que tivesse uma impressão ruim da polícia e não se sentisse à vontade na presença de policiais. Essa sensação se reproduziu no momento em que recebeu, na sala de aula, um policial uniformizado e armado. Suas palavras sobre este momento são:

“foi irreal assistir um policial na minha frente falando aquelas coisas e ainda mais, trabalhando de forma cooperativa com um ex-criminoso. É algo com o que eu não estava acostumado e nem em sonho eu imaginava acontecer. Proximidade entre os dois até então, eu só imaginava em situações de prisão”.

O mote para a composição da música foi um pedido feito pelo inspetor Roberto Chaves ao fim da apresentação. Todos os presentes foram incentivados a produzir um texto escrito sobre o tema ali tratado, a prática do Bullying. Com o texto em mão, Willian não só concorreu a um concurso promovido pelo próprio Sesi chamado Magia da Criação e venceu na categoria texto, como teve base para compor o *Rap do Papo*, que tem uma letra extensa e engajada, que dialoga diretamente com o jovem e faz jus ao estilo que abraça. A surpresa que Willian declara ter tido no primeiro momento encontra-se expressa no próprio refrão, que diz: “parece mentira, acredite se quiser”. Generalização e preconceito também são temas

abordados, convidando o ouvinte à reflexão e à crítica por meio do contato com a realidade, do diálogo, como no trecho “é o lado com que cala que generaliza” e “vamos mandando um Papo aberto sem muro e sem medo, sem lado, sem divisão e sem preconceito”. Utilizando do recurso das rimas, característica marcante do estilo rap, propõe trocar o combate pelo debate, como um instrumento capaz de produzir estratégias de prevenção, em:

“mentes e corações, gente cansada do combate, estão cessando fogo e partindo pro debate. Complemento social, projeto que previne o mal”.

O Rapper diz que na época da experiência com o Projeto, e, por conseguinte, da redação do texto que ensejou a composição da música, passava por um período em que estava com dificuldades de compor novas canções: “o Rap do Papo foi a primeira música que eu fiz depois de um tempão”. Na sequência, fez mais quatro músicas, que inclusive estão para ser lançadas em um compacto ainda em 2012. Ele diz que:

“vendo um policial e um ex-criminoso fazendo um trabalho desses, contando suas experiências ali e ouvindo as pessoas, eu voltei a acreditar em mim mesmo. Eu recuperei minha autoestima e o prazer que eu tinha perdido pra compor. Além disso, o Papo ajuda a romper com o senso comum e o paradigma de que todo policial é violento e corrupto. A gente sabe que tem, mas há quem faça diferente e tente mudar”.

Em sua opinião o Projeto deve se expandir não só geograficamente, mas também em direção às famílias do público com quem conversa nas escolas e demais instituições. Assim, de acordo com Willian, além de levar o Papo a mais pessoas, estariam garantindo a produção de um debate contínuo em outros ambientes partir de uma linguagem reconhecida por todos. Com a bagagem que o projeto lhe despertou, nos deixa, nos versos de sua música, uma mensagem para o futuro: “boto fé e contribuo para o futuro magistral, mantendo a palavra seguindo a esperança”.

3.6 A metáfora do espelho: “qual polícia a sociedade quer?”

Partindo da convicção de que é preciso provocar reflexões acerca da realidade, como forma de produzir possibilidades de transformação, em todas as seções do Papo, os exemplos de episódios de violência e corrupção social são utilizados como mote para que em seguida seja feita uma pergunta ao público: o que vocês acham da polícia? Essa estratégia é proposital e busca colocar os inspetores em uma posição aberta ao debate, em uma tentativa de colocar

em diálogo a posição de autoridade que detém enquanto policiais uniformizados e armados, com a iniciativa de abertura de diálogo a partir da assunção de problemas. Sobre esse ponto, em entrevista, Roberto Chaves diz:

“eu sei que vou levar pedrada, não vou ouvir coisa boa, mas é uma forma de ‘quebrar o gelo’ e mostrar que a gente está ali pra pensar junto. Pra ouvir críticas e tentar construir possibilidades juntos. Eu digo pra eles duvidarem de tudo o que a gente fala e pensarem sobre isso. Assim a gente garante o pensamento, não só a repetição do que se ouviu. Pensando, o indivíduo entrará em contato com ideias. Refletindo, a distância entre a teoria e a prática torna-se menor”.

Em uma das falas comuns nos Papos, os inspetores provocam:

“o papo quer dizer a vocês: Duvidem! Estranhem! As coisas não são naturais e é preciso entendê-las em sua dinâmica e em seu processo histórico, ou seja, em relação com as várias dimensões da vida.”

Ao ouvir esse depoimento, foi inevitável a lembrança da célebre sentença de Bertold Brecht acerca da compreensão da realidade social e sobre perspectivas de transformação⁵⁹. Isso faz sentido se pensarmos a partir da perspectiva que dá conta de que se o que temos constituído em sociedade é produto da ação humana, o investimento em ações de acordo com os interesses dos atores é o que poderá produzir resultados. Estas que serão produto da intervenção humana nos espaços e nas práticas do cotidiano. No endereço eletrônico do Projeto, na parte intitulada metodologia, há um esclarecimento donde se pode apreender também uma interlocução que recupera uma possível comparação com o Proerd, em que está disposto que:

“o Papo não é uma explanação ou uma imposição de informações, não tem como missão a realização de palestras sobre lei, direitos e deveres. Tem como objetivo reconstruir e reformular cada ser, por meio do ato de pensar”.

Ao falar sobre a corrupção e a violência policial, as falas vindas da audiência são sempre acompanhadas de exemplos do cotidiano, que permeiam rotineiramente os meios de comunicação e a vida cotidiana do cidadão do Rio de Janeiro, seja por meio de experiências próprias ou de relatos de terceiros. Reafirmando a proposta de reconhecimento da legitimidade de argumentos dessa natureza e em uma tentativa de mostrar-se aberto à

⁵⁹“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois o tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural. Nada deve parecer impossível de mudar”. Brecht, Bertold. A exceção e a regra. Volume V. Em: Teatro completo. 12 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

construção de propostas de mudança, em geral os inspetores pedem a palavra e afirmam categoricamente que, de fato “para a polícia ficar ruim, tem que melhorar muito”. O propósito é, tendo por base a perspectiva do incentivo a novos olhares e novas práticas, falar de uma realidade violenta que precisa ser transformada. Esta se remete, entre outras coisas, à ação policial, sobretudo nos grandes centros urbanos, onde os problemas com a criminalidade são mais intensos.

Essa assunção gera uma reação atônita na audiência, pois é incomum ouvi-la de um policial em público, ainda mais quando este ocupa o papel de representante da instituição. Entretanto, em uma abordagem que tenta apresentar o policial como alguém oriundo das fileiras da própria sociedade, seguem-se exemplos em que são ilustrados episódios de corrupção passiva perpetradas pelos cidadãos, como na aplicação de uma multa, por exemplo, onde é oferecida “uma cervejinha” ou um “café” em troca da não aplicação da penalidade pela infração.

Essas posturas remetem ao conceito de cordialidade, em que Sergio Buarque de Holanda discorre sobre como o brasileiro acaba por enxergar o espaço público como a extensão de seu ambiente privado e, por muitas vezes, pauta sua conduta burlando regras pactuadas que deveriam ser seguidas por todos; estabelecendo relações pessoais em ambientes onde deveriam ser formais, apelando sempre para relações de caráter pessoalizado, pela simpatia e para o “jeitinho”⁶⁰.

Nesse sentido, segundo os inspetores do Papo, a despeito da questão das especificidades do fazer policial, em que muitas vezes a aplicação da força é necessária, ao passo que se questiona a respeito do perfil do policial que se quer, deveria de se questionar também que tipo de sociedade se deseja: aquela que segue as leis estabelecidas ou aquela que prefere lidar com pequenas brechas para pequenos acertos pessoais quando conveniente? Os inspetores costumam lançar mão de um jargão bastante ilustrativo sobre esse ponto, que porta a mensagem de que é preciso uma concepção estrutural de transformações que ultrapasse a instituição policial:

“ninguém nasce policial, algumas pessoas se tornam policiais. Os policiais vêm da própria sociedade. Se a polícia é corrupta, a sociedade muitas vezes também é”.

⁶⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque, Raízes do Brasil. 26. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

3.7 O poder simbólico do uniforme: aqui o Papo é outro

A primeira impressão de tomar conhecimento sobre as atividades que são desenvolvidas com o uso de um uniforme todo preto, aliado ao porte de uma pistola no coldre, é de surpresa. Pode-se questionar como um trabalho que se pretende de aproximação, de criação de canais de diálogo, na maioria das vezes em ambientes escolares, pode ser realizado por meio de profissionais lançando mão de uma aparência ostensiva.

Ao contrário da Polícia Militar, em que o uso é obrigatório, o uniforme nunca foi algo comum na Polícia Civil, que não a enxerga como necessária às suas atividades, que são eminentemente judiciárias e investigativas. Seu uso pode, inclusive, ser prejudicial no caso de uma investigação de campo, em que qualquer caracterização, inclusive de uma viatura, pode dificultar a aproximação do policial com o objeto da investigação, comprometer a coleta de informações ou expô-lo a uma situação de risco. A discricção, nesse caso, o traje comum, é fundamental. Apenas em operações é que o uniforme ganha importância, como signo de reconhecimento e proteção mútuos. Historicamente, a polícia do Rio de Janeiro utilizava um colete preto de pano com o símbolo da instituição nas costas. Mais recentemente, o uniforme mudou para uma camisa cor cinza com o emblema.

No desempenho das atividades do projeto, os inspetores portam seu próprio armamento, uma pistola no coldre preso à cintura, e vestem-se com um uniforme composto de calça e camisa pretas, semelhante ao utilizado pelos policiais lotados na Coordenadoria de Recursos Especiais da própria Polícia Civil, conhecida como CORE. Este uniforme é chamado de gandola, e contém uma série de insígnias, cuja disposição remete tanto às medalhas de condecoração utilizadas em fardas militares, quanto às tarjas representativas de cursos realizados, dispostas tal uma medalha de honra recebida. Esses símbolos trazem consigo os valores apregoados pelo Projeto e são assim dispostos: braço esquerdo: a bandeira do Brasil e a inscrição Direitos Humanos; no braço direito: mediação pacífica de conflitos e a bandeira do Estado do Rio de Janeiro; no peito: cultura da paz; juventude, polícia comunitária e o nome do instrutor; nas costas, em letras grandes: Polícia Civil e Papo de Responsa.

A ideia da gandola nasceu após uma situação vivida entre um inspetor integrante do Projeto e o Coordenador Geral do AfroReggae, José Júnior. Em uma ocasião de gravação do Programa Conexões Urbanas⁶¹, em 2008, José Júnior pediu uma gandola tradicional da polícia ao inspetor. Em um encontro subsequente, quando do lançamento de um livro do

⁶¹ Programa que vai ao ar pelo canal Multishow.

AfroReggae, o mesmo inspetor, devidamente uniformizado, entregou ao Júnior uma gandola customizada, em um molde próximo ao atual. Nesse momento começou a se pensar na introdução de um uniforme para usar no “Papo”.

A indumentária tem por finalidade mostrar que o profissional que está ali diante deles é um policial “comum”, que segue o mesmo código profissional e porta o mesmo armamento. O uniforme opera como um referencial que mexe com o imaginário das pessoas e ao mesmo tempo em que remete ao policial tradicional por um lado, seus valores recuperam o policial que se deseja promover. Ao invés de reforçar o caráter distintivo daqueles inspetores que participam do projeto, a tentativa é resgatar a credibilidade da Polícia como um todo, e tentar refutar uma possível apreensão, por parte da audiência, de que aqueles ali são policiais diferentes⁶². Em entrevista, Marco Pedra afirma que:

“o uso do uniforme no Papo é importante, pois transmite a imagem de que o policial da operação é o mesmo que está ali dialogando, estabelecendo um aparente paradoxo que produz reflexões”.

Tomando como base o histórico de violência e arbítrio das polícias no Brasil, que povoa a experiência e o imaginário das pessoas, essa tarefa mostra-se árdua, tanto que em um Papo no Colégio Pedro II, uma fala aparentemente contraditória foi dita pelo inspetor Marco Pedra, que, ilustrativamente, em tom jocoso e em segunda pessoa do plural, remetendo-se à instituição, disse: “eu posso garantir a vocês que se nos encontrarem aí fora trabalhando o negócio será diferente”. Pode-se apreender desta fala que, o “aí fora” ainda é entendido como o espaço do confronto e da violação da lei, onde polícia, supostamente viciada em práticas violentas, agiria de forma distinta àquela apreendida pelo Projeto, com diálogo e busca pela solução pacífica dos conflitos. Lança-se o desafio para todos, público e policiais, da necessidade da rigorosa aplicação da lei dentro da perspectiva de que o policial que deve reprimir quando for necessário deve ser o mesmo que protege e garante direitos.

Essas falas despertam curiosidade, uma vez que no mesmo momento em que assume a perspectiva de ser portador de uma mudança de *ethos* na polícia, parece reconhecer que fora daquele espaço em que acontece o Papo, é improvável um encontro nos mesmos termos em outros ambientes, onde a impressão que fica é a retificação da lógica da autoridade.

Marco Pedra cita um episódio em que ao final de um Papo, alguns meninos manifestaram o desejo de vestir um colete da polícia civil. Ele disse ter se sentido alegre ao

⁶² Com seus próprios pares ocorre certo estranhamento com relação ao trabalho desenvolvido no Projeto. Não foram poucas as vezes em que ouvi menção piadas manifestadas por policiais ou mesmo perguntas como “para que serve o que vocês fazem”, questionando se de fato sua atuação era um trabalho policial.

ver que, sob seu ponto de vista, de alguma forma a imagem da polícia poderia se transformar. Ao ver crianças de origem social humilde, lembrou-se de sua infância e se sentiu como uma espécie de herói naquele momento, como sendo uma referência positiva. Em entrevista, ele falou a respeito de episódios em que jovens manifestam gestos de proximidade:

“os meninos às vezes perguntam sobre como entrar para a polícia. Historicamente a polícia foi vista como adversária e não como parceira e as pessoas aprendem a temer a polícia. Isso gera um afastamento que não deveria existir”.

Considerando o conceito de Bourdieu acerca do poder simbólico, que se expressa em uma forma legitimada e transformada das outras formas de poder, produzindo os efeitos sem dispêndio de energia⁶³, o policial ali presente utiliza seu status de policial, de representante da lei, para se afirmar e fazer proposições acerca de rotinas da vida comum de todo cidadão. Sua finalidade é estimular a reflexão sobre o comportamento que cada um adota na tomada de decisões cotidianas que implicam não só no respeito aos códigos legais estabelecidos, mas também à sociabilidade, ao respeito e ao reconhecimento do próximo. Assim, o policial se transmuta em instrutor, em um agente que se pretende transformador, só que sem o uso da coerção formal, que aparece de forma subliminar para produzir convencimento. Sobre essa questão, no entanto, confirmada pelo uso frequente de operações das quais participaram como exemplos dos temas abordados, Marco Pedra adverte, em entrevista:

“a gente também não pode deixar de fazer o trabalho policial, senão eu vou ficar me referindo às minhas experiências de atividade-fim precedidas pelo termo ‘antigamente’. Quero continuar falando de coisas que eu vejo e das quais eu participo pra trazer pro Papo”.

Ao encontro desse argumento, Roberto Chaves, sobre a ida do Papo de Resposta para a Delegacia de Combate às Drogas (DCOD), prevista para o fim de 2012, avalia que é importante permanecer na base da instituição para que os inspetores do projeto não percam “o cheiro de delegacia”.

Em minhas experiências de campo, o que pude observar é que há certo estranhamento por parte do público quando da entrada de um policial trajado conforme o descrito acima, sobretudo em um ambiente escolar, onde não é comum a presença de policiais. Marco Pedra, em entrevista, relatou que, certa vez, em um Papo no município de Magé, um jovem, ao vê-lo, perguntou: “você está com essa arma aí, vai matar quem?” Para o inspetor, a imagem da

⁶³ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. – 2ª edição. – Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1998.

polícia sofre danos com a educação que se dá às crianças, já que, segundo ele, muitas vezes pais e mães ameaçam chamar a polícia para prender a criança caso ela se comporte mal ou se recuse a comer. Atitudes como essa contribuem, para Marco Pedra, para construir a imagem do policial repressor. “É importante que não só o jovem, mas toda a sociedade passe a ver o policial como um parceiro e não como um adversário”, conclui.

Em geral, a percepção que se tem é que quando há um policial presente em um ambiente, é porque algum crime foi cometido no local ou alguma investigação em curso. Nesse sentido, se um policial se apresenta para conversar, bater um papo, algo que por si só, seria incomum, porque iria armado e vestido como se estivesse em uma operação? Um estudante do Colégio Estadual Antônio Prado Junior disse certa vez, em entrevista:

“pô, a gente tá aqui na sala, tranquilão e de repente entra um cara armado e todo de preto, igualzinho àquele que a gente vê na televisão em operações dando tiro”.

É importante a fala do Roberto Chaves, em entrevista concedida, acerca de um episódio em que o uso do uniforme foi desestimulado por um anfitrião de um Papo com jovens de diferentes favelas, no diálogo transcrito abaixo⁶⁴. Nesta fala, ele reafirma a importância que o Projeto reputa ao uniforme como expressão da identidade policial:

“a gente já fez também em outros ambientes, como por exemplo, quando a gente trabalhou segurança pública com os jovens do Protejo de 18 comunidades muito carentes aqui do Rio, escolhidas como Territórios da Paz pelo Pronasci. A gente não fez dentro do Complexo do Alemão, da Vila Kennedy ou da Maré, mas em ambientes diferentes, a pedido da Secretaria de Assistência Social. No entanto, houve um pedido muito curioso dessa Secretaria, quando começou a trabalhar com a gente, que era pra gente ir sem uniforme, embora eles confiassem muito na gente. Eu falei que o nosso uniforme faz parte da nossa essência, que ele foi concebido para ser um uniforme da polícia, porém com toda uma história diferente. Ele tem o logotipo do Papo atrás, os nossos breves de cultura de paz, de direitos humanos e de mediação pacífica de conflito e de juventude na frente, ou seja, a gente entende que é um uniforme apropriado para aquilo. Com aqueles jovens a gente tem que trabalhar com uma verdade tão grande para eles, que se eu fosse sem o meu uniforme, ele iam me olhar e tudo, mas qual a verdade que eu ia passar para eles, já que amanhã eles iam saber que eu em outra escola estava fazendo uniformizado? Porque eu iria desrespeitá-los dessa forma? Aí eu falei: A gente tem que agir com toda a honestidade. Os jovens têm que saber que nós somos policiais”.

Houve, entretanto um Papo em que o uniforme não foi utilizado. Foi na Penitenciária Talavera Bruce, evento que será tratado no item 3.8.

⁶⁴ No item 3.7.2 está registrada a experiência do evento de encerramento deste trabalho, ocorrido na UERJ.

3.7.1 Encontro de discursos: o carisma como estratégia

A história de cada indivíduo é constituída a partir de uma narrativa sobre eventos ocorridos em nossas vidas e que de alguma forma deixam marcas, o que é diferente do conjunto de todos os eventos que experimentamos. São coisas das quais nos recordamos acerca de fatos e experiências que tivemos, pelas quais passamos, que é o que nos constitui enquanto indivíduo e compõe nossa visão de mundo. Esse conjunto de eventos se torna a forma pela qual nos relacionamos com o meio social. Aquilo que guardamos sobre nós mesmos e sobre nossas experiências contribui para compreender quem somos e qual o lugar em que nos encontramos. O encontro de diferentes histórias tem a importância de propiciar um diálogo que pode se revelar complementar, em uma troca de histórias mútuas, logo, de formas distintas de perceber as experiências.

No Papo de Resposta, ao passo que, enquanto indivíduos, cada componente, policial ou membro do AfroReggae carrega consigo memórias de vida que lhes são únicas, há ainda a memória que guarda relação com os valores e códigos dos grupos que representam: os policiais civis, de um lado; e os egressos do sistema prisional, com trajetória de ligação com grupos armados de traficantes de drogas, de outro. Postos em relação em um ambiente que não o do confronto, em que quase não há trocas possíveis, exceto a da violência, brota um espaço em que essas experiências que lhes fazem sentido, de um lado e do outro, guardadas, portanto, seletivamente em suas memórias, podem produzir encontros de perspectivas.

Em suas atuações pregressas, suas concepções acerca um do outro não eram as mesmas do momento em que se propuseram a interagir, se escutar e trocar memórias, ou seja, trocar leituras pessoais acerca de eventos vividos. Se no passado estavam, policiais e membros do AfroReggae, em situações antagônicas, muitas vezes de confronto, a partir do papel que ocupavam a partir da leitura que faziam de sua inserção na estrutura social, no Papo de Resposta esses mesmos atores encontram-se mais próximos, complementando-se mutuamente na memória que constroem e reconstróem.

As apresentações do Papo de Resposta carregam consigo um aspecto de teatralidade. Não se trata de um conteúdo produzido com a inspiração de uma determinada realidade social, em que se usem metáforas ausentes desta realidade para expressá-la e torná-la tangível aos ouvidos do expectador. O conteúdo também não é constituído por parábolas que objetivem transmitir princípios norteadores, que ambicionem produzir reflexões pessoais acerca de determinadas questões. Seja na linguagem utilizada, no uniforme que os policiais utilizam ou nas trajetórias e experiências relatadas, o que se passa não é uma produção a partir

do real, mas o próprio real. A linguagem é a mesma utilizada no dia a dia da polícia, o uniforme é o mesmo que a polícia utiliza em operações e as experiências são aquelas já vividas em suas rotinas profissionais. Do lado dos profissionais do AfroReggae, a linguagem é a mesma com a qual lidam no cotidiano e as experiências são aquelas pelas quais passaram em suas trajetórias, seja enquanto ligados a ações delituosas, seja no cárcere.

Há, no entanto, alguns contrastes nas apresentações do Projeto que merecem destaque:

- 1) um policial comparece a uma instituição voluntariamente para desenvolver uma iniciativa que presente estabelecer o diálogo;
- 2) esse policial vai acompanhado de um egresso do sistema prisional, que cumpriu pena por tráfico de drogas associado à violência armada;
- 3) o policial vai trajado com um uniforme semelhante ao utilizado pelo grupo especial da instituição, encarregado eminentemente de operações;
- 4) o policial vai armado com uma pistola no coldre.

Essas expressões que causam reações de surpresa nos primeiros momentos vão se dissipando à medida que as falas vão acontecendo e fica mais nítido o papel que cada ator assume no Projeto. Fica claro que, se por um lado, o policial e o membro do AfroReggae são os mesmos de outrora, são os mesmos dos exemplos que encarnam, naquele momento são, de outro modo, outros, dotados de outros propósitos.

Por vezes, os depoimentos remetem àqueles vistos em instituições religiosas pentecostais e em instituições de recuperação de pessoas com problemas com álcool e drogas, fortemente calcadas em depoimentos pessoais sobre um passado de enganos e sofrimento, sublimado mediante transformação da conduta e da forma de encarar a realidade. Assim também, como acontece em eventos de determinadas empresas que operam com vendas a partir de representantes autônomos, que utilizam depoimentos de esforço e sucesso para encorajar suas plateias a seguir o mesmo curso. A estratégia de sensibilização por meio do discurso pessoal de cada integrante pretende chamar a atenção para a importância da responsabilização pessoal de cada um por suas próprias ações.

O tom descontraído, associado ao uniforme austero, opera como um meio de marcar a posição da autoridade presente, ainda que de forma distinta, não violenta. Outra estratégia que fica clara é a tentativa de construir um carisma que capture a atenção e a consideração do público. Não se trata, entretanto, da dominação carismática weberiana, na qual a autoridade é

tolerada por meio de uma devoção afetiva, de cunho pessoal, intransferível e baseada na fé⁶⁵. Embora a proposta seja a criação de vínculos de reconhecimento e pertencimento, não está em questão o reconhecimento pela fé como algo dogmático e isento de críticas. No oposto disto, a reflexão é um ponto considerado e estimulado para o aprimoramento e o desenvolvimento pelo Projeto. Vale registrar que estar sensível aos relatos do público e aos temas relevantes em debate na sociedade, falando a partir deles, é estratégia fundamental na construção dos canais de comunicação a que o Projeto se propõe. Também não se pode observar que haja valorização da personalidade como forma de monopólio e manutenção da posição alcançada. Ao contrário disto, os esforços que vem sendo envidados são para se que consiga a institucionalização do Projeto, inclusive com a ampliação de número de inspetores.

3.7.2 Superando estigmas, para dentro e para fora

O conceito de estigma é central para pensar a dinâmica sobre a qual se assenta o desenvolvimento das falas dos atores em questão, a polícia, os egressos do sistema prisional e o público em geral. Segundo o dicionário Aurélio⁶⁶, a palavra estigma representa uma cicatriz, marca, sinal, aquilo que marca, assinala, envergonha.

Em geral, os estigmas sociais dão conta de que todo policial é violento e corrupto, todo aquele que cometeu um crime doloso não tem recuperação e todo jovem não gosta da polícia. Com o trabalho do Papo, em que um policial e um egresso podem produzir juntos em sintonia, a reflexão proposta acerca das relações entre as pessoas de modo geral se amplia. São lançadas perguntas como: por que não posso agir assim com as pessoas com as quais eu tenho um problema? Por que não escolher o diálogo para me aproximar, conhecer as coisas e enfrentar os problemas?

O próprio Roberto Chaves admitiu, em entrevista, que havia ressalvas dentro da polícia ao trabalho do AfroReggae, que muitos ainda cultivam:

“a polícia, por não conhecer o AfroReggae, dentro daquela lógica da falta de diálogo, impunha uma barreira. Na polícia, se dizia que se eles estavam atuando na favela, tinham algum vínculo com bandidos e não serviam pra gente”.

⁶⁵ WEBER, Max. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

⁶⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Atento a essas questões, o folder de divulgação do Projeto apresenta pensamentos tais quais:

“vivemos um tempo de intolerância e violência, o relacionamento entre as pessoas, comunidades e sociedade tem sido tenso”.

“precisamos superar os estereótipos, evitar classificações e rótulos carregados de preconceito e reconhecer que todas as pessoas, de todas as cores, credos, raças, culturas e classes sociais contribuem para enriquecer a humanidade”.

A esse respeito, Goffman adverte que “o estigma não é um atributo pessoal, mas uma forma de designação social e a análise da sua relação com a identidade social de cada um”. Na obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”⁶⁷, são analisados os sentimentos daquele que sofre de determinado estigma, assim como sua relação com as pessoas tidas como “normais”. Ele trata de como se dá a interação entre estes e aqueles (normais e estigmatizados) nos chamados contatos mistos, ou seja, aquelas ocasiões em que ambos estão diante um do outro. Esse é um conceito interessante para ser utilizado na observação do comportamento dos ouvintes ao longo da evolução das falas dos componentes do projeto, pois ali estão os normais e os estigmatizados cumprindo cada qual um duplo papel, um em relação ao outro.

Isso pode ser observado tanto em relação ao policial para com o jovem, deste para com aquele e da polícia com os egressos do sistema prisional e vice-versa. Tem-se, portanto, expressa pelo Papo de Resposta uma dinâmica que põe em debate um estigma intergrupos. Wagner Ricardo, em um Papo no Colégio Estadual Prado Júnior, ilustra essa observação da seguinte maneira:

“para a polícia, a sociedade não sabe nada. Para a sociedade, a polícia é violenta e corrupta. Para a sociedade e para a polícia, o jovem é problemático e a as pessoas que cometem crimes devem ficar na cadeia, pois são irrecuperáveis”.

Nessa mesma linha, Roberto Chaves, em entrevista, afirma que:

“o policial não sabe a trajetória dos que estão cometendo um ato criminoso, tampouco conhecem a trajetória daqueles. Ambos, policial e criminoso, pela condição em que se encontram e pela imagem que têm um do outro, se odeiam. Nessa lógica, todos perdem, individualmente e em conjunto”.

Os elogios com que geralmente são contemplados ao fim de cada apresentação denotam a posição diferenciada que ocupam, à medida que nas falas e nos gestos do público

⁶⁷GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

em geral, fica claro que aqueles atores ali são vistos como exceções à regra. São comuns falas do público como “quem dera se todo policial fosse assim”. É um policial que não é igual aos outros policiais e um ex-criminoso que é diferente dos outros ex-criminosos. Cabe investigar se o que temos então não seria um tipo ideal do sujeito estigmatizado, que veste uma roupagem que o redefine naquele momento, funcionando como uma espécie de identidade virtual, uma vez que no imaginário da audiência o que permaneceria de fato, para além daquele encontro, seria a identidade “real” do que cada um simboliza enquanto categoria, ou seja, criminoso ou policial com práticas violentas e ilegais.

É preciso, portanto, que aquele que cometeu um delito não seja visto como um indivíduo cujas ações em todas as dimensões de sua existência sejam pautadas pela transgressão. Faz-se necessário refletir sobre os aspectos históricos e sociais que contribuíram para determinadas práticas em determinados momentos, o que é diferente da homogeneização da conduta a partir de eventos circunscritos e certas dinâmicas específicas.

Nos grupos envolvidos no Papo, cada qual, em princípio, é normal em relação a si e estranho em relação ao outro. Ao fim das atividades, o que se percebe com regularidade é que ocorrem mudanças significativas no ambiente. De início, a audiência nunca sabe de antemão se haverá um “ex-criminoso” entre eles, apenas quando este mesmo se apresenta já com a fala do policial concluída e, assim, com o “gelo quebrado”. Quando o policial, trajado “à caráter” – como exposto anteriormente – entra na sala, os ânimos se agitam e comentários de pé de ouvido correm por todo o ambiente.

Assim, vemos que, ainda segundo categorias utilizadas pelo mesmo Goffman, o símbolo de estigma contrasta com o símbolo de prestígio. Tanto o egresso quanto o policial carregam consigo, respectivamente, os predicados inerentes ao de um traficante de drogas e ao de um profissional corrupto. Em contrapartida, por integrarem um projeto como o Papo de Resposta e apresentarem, portanto, outra face daquilo que povoa o imaginário das pessoas a respeito de um bandido e um policial, adquirem status diferenciado, nobre. Importante observar que se enquanto símbolo de estigma o julgamento prima pela generalidade, o símbolo de prestígio pauta-se pela exceção.

Em regra, os egressos carregam o estigma de um conjunto de comportamentos e práticas que os definem como maus e violentos; da mesma forma, o policial é visto como corrupto e arbitrário. Porém, quando esses atores se encontram como referências de símbolos de prestígio, são tomados como exceção, ou seja, enquanto representantes de uma minoria envolta em um universo diverso daquilo que são. Na relação de egressos e policiais do Papo

com egressos e policiais em geral, o que temos são pessoas dotadas de prestígio em meio a grupos de estigmatizados.

Outro ponto da obra é quando o autor se ocupa do Controle da Informação e Identidade Pessoal. Começa por salientar a diferença entre o indivíduo desacreditado e o desacreditável, isto é, entre aquele que apresenta aos normais um “gap” visível entre a sua identidade social real e a sua identidade virtual e entre aquele cujo estigma ou “defeito” não é imediatamente visível nem ainda conhecido pelos outros (antes dos alunos saberem que se trata de um ex-presidiário, por exemplo). A informação social é transmitida pela própria pessoa a quem se refere, através de símbolos (uniformes, por exemplo). Goffman (2002) divide os símbolos em três tipos: símbolos de prestígio, símbolos de estigma e desidentificadores (símbolos que tendem a quebrar uma imagem lançando sérias dúvidas sobre a validade da identidade virtual).

Sobre desvios e comportamento desviante, Goffman mostra ainda que um conceito relevante que é o de comportamento desviante, que significa que um membro do grupo não adere às normas analisando a relação entre os estigmatizadores e os comportamentos desviantes, sugerindo em conclusão o estudo dos casos desviantes como um campo específico da disciplina. Ele faz aos indivíduos estigmatizados que sofrem preconceitos por parte da sociedade na qual vivem. O estigma é motivo de exclusão social, olhares desconfiados e fala às escondidas. Os ditos “normais” se acham no direito de apontar o dedo e julgar essas pessoas de acordo com os seus valores de normalidade. A partir da criação de uma expectativa sobre que determinadas pessoas sigam um tipo de comportamento programado.

De qualquer modo, esses fatores causam muito sofrimento ao indivíduo estigmatizado, que acaba por se isolar da sociedade e, assim, perdendo a motivação para modificar seu estilo de vida e sua forma de se relacionar socialmente. O Papo de Resposta se pauta também por contribuir no resgate da autoestima de seus membros, sobretudo os do AfroReggae, com passagem pelo sistema penal, uma vez que sentir-se valorizado e capaz de realizar práticas construtivas é parte de seu trajeto de afirmação enquanto cidadão. Em Pastore⁶⁸, vemos que:

“pesquisas recentes demonstram que, para desistir do mundo do crime, os infratores precisam desenvolver uma imagem positiva de si mesmos, capaz de refletir o que marca as pessoas de bem”.

⁶⁸ PASTORE, José. Trabalho para ex-infratores. São Paulo: Saraiva, 2011.

Segundo dados do Projeto Começar de Novo, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a reincidência no Brasil chega a 70%, no entanto, o Mutirão Carcerário de 2009 aponta que esse percentual cai para 48% quando os egressos contam com apoio para sua reinserção no mercado de trabalho.

Sentir-se valorizado e capaz de realizar práticas construtivas é parte de seu trajeto de afirmação enquanto cidadão. Convém destacar aqui que no discurso dos membros do AfroReggae a presença de elementos distintivos fortes, de cunho moral, de uma vida reta, é recorrentemente reafirmada. A mudança em suas vidas é sempre ilustrada com o fato de agora serem homens casados, com emprego e residência fixa, em oposição ao passado em que moravam em lajes, tinham várias mulheres e viviam da venda de drogas. A tentativa dos outrora criminosos é justamente preencher as lacunas entre eles e a sociedade com as condutas aceitas e reconhecidas como sendo as de um indivíduo reconectado com os valores sociais que se espera de um homem de bem.

É recorrente que os membros do AfroReggae se refiram não apenas a pessoas que continuam “na vida do crime”, mas também a si próprios em suas vidas pregressas como vagabundos. Reproduzem, assim, sem se dar conta, a observação de John Tobias na obra *Crime e Sociedade Industrial no século XIX*⁶⁹, quando este argumenta que:

“criminosos habituais não devem confundir-se com a classe trabalhadora ou outra classe qualquer, pois são pessoas que fazem do crime o objeto e a atividade de suas vidas. Cometer crime é o seu negócio e eles deliberadamente escarnecem dos meios honestos de ganhar a vida e devem, conseqüentemente, ser considerada parte de uma classe de caráter separado e distinto do resto da comunidade”.

Tendo em vista o papel que os meios de comunicação representam hoje na formação de opinião e seguindo o conceito de identidade deteriorada, é fácil compreendermos seus motivos, já que:

“a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidades de serem encontradas neles e certamente não se espera encontrar um policial em uma sala de aula ou em uma associação de moradores. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexo particular”.⁷⁰

⁶⁹ GUIMARÃES, Alberto Passos. *As Classes Perigosas: banditismo urbano e rural*. Editora Graal, 1982.

⁷⁰ GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Esse pequeno estrato nos faz refletir sobre o comportamento inicial de uma audiência de jovens ao receber um policial, à medida que estão habituados a receber professores e no máximo têm a expectativa de receber um profissional de saúde, um esportista ou quem sabe um urbanista, mas nunca um policial e quiçá um “ex-criminoso”. Não se espera que um policial vá conversar com as pessoas a não ser se tratar de uma investigação ou da repressão de um delito em curso. A introdução desse ator convida a audiência à reflexão e desnaturaliza o comportamento automático e, muitas vezes passivo, em uma palestra com um visitante. Com relação aos jovens, com ênfase nos oriundos de favelas, o projeto alerta para a perpetuação da lógica da violência. Nas palavras de Roberto Chaves:

“na favela jovem cresce e escuta que seu pai foi morto ou por um policial ou por um integrante de uma facção rival àquela que domina a área em que mora. Nessa lógica o jovem cresce reproduzindo o círculo de vingança, como em uma ‘vendetta’. É preciso agir para mudar isso”.

Zico, do AfroReggae, em um Papo no Colégio Pedro II, afirmou:

“hoje eu enxergo, pois do outro lado da vida eu não enxergava nada. Hoje eu quero salvar vidas, pois muitos jovens que consumiram drogas e morreram na vida do crime”.

Se o objetivo de contribuir para a prevenção da violência e para uma mudança de mentalidade da polícia civil será alcançado ou não, é o desenvolvimento do projeto que poderá dizer, entretanto é importante um depoimento registrado no site do projeto por uma jovem universitária, filha de um traficante de drogas e que morou a vida inteira em uma favela:

“conheci o Papo no ano em que saí do morro, odiava a polícia e fiquei com medo deles, mas com a conversa entendi que a polícia também ama e que a função deles é proteger”.

Também no site uma aluna da fundação Bradesco vai no mesmo sentido:

“desde o dia em que teve a palestra na Fundação Bradesco, penso em cada palavra sua com muito carinho e lembro de cada detalhezinho daquele dia! É curioso porque, quando se fala que vai ter palestra na escola já é chato rs, ainda mais quando se fala em Polícia Civil, a qual as pessoas têm tanto preconceito, como você mesmo já ouviu dizer ‘policial é tudo safado, ladrão e blá blá blá...’. Mais graças a Deus

“você é do tipo de pessoa que consegue mudar esse pensamento em um simples sorriso e simpatia! Carisma é a palavra certa. Só tenho a te agradecer e acho importante te dizer isso: obrigada, por ter me feito pensar diferente sobre a vida em apenas algumas horas. As vezes os sonhos parecem tão distantes, mais basta alguém chegar e dizer que acredita neles e parece que tudo muda. Quero um dia poder ter a oportunidade de te dar um abraço”⁷¹.

A esse respeito, em entrevista, Roberto Chaves ilustra com uma passagem ocorrida em um evento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em julho de 2009, em que compareceram a convite da Secretaria Estadual de Assistência Social. O objetivo do encontro era preparar e fornecer subsídios a jovens do Protejo formularem propostas a serem levadas a I Conferência Nacional de Segurança Pública, em agosto daquele mesmo ano:

“a gente ia estar em uma com a secretária de assistência social a Benedita da Silva, representantes do Governo Federal, do Pronasci e do Protejo. Ao chegarmos, a mesa estava composta, pois estávamos atrasados devido ao trânsito, e os jovens se levantam e começam a bater palmas para a gente. Aqueles jovens do Protejo, de 18 comunidades, se levantam, interrompem a reunião quando nos virem e começaram a bater palma e a gritar o nosso nome, pedindo que sentássemos à mesa. A secretária Benedita da Silva, que é de comunidade, não entendeu nada e depois falou com a gente: Eu hoje realizei um sonho. Eu nunca esperei ver jovens de comunidade, que sofrem com a ação da polícia, aplaudindo a polícia”.

Em todas as ocasiões em que abordei, junto aos membros do AfroReggae, o delicado tema de uma eventual represália pelo fato de hoje eles ingressarem as fileiras de Projeto com a Polícia, todos foram unânimes em dizer que não, que nunca houvera qualquer tipo de pressão externa, fosse direta, fosse por meio de recados, de indivíduos ainda na criminalidade. O mesmo vale para com os inspetores do Papo, em que também não houve relatos de qualquer tipo de incômodo, seja por capitanearem um projeto que contribui para “tirar” indivíduos da criminalidade, o que poderia ser interpretado por aqueles ainda ligados a atos ilícitos como um exemplo negativo para outros, seja em qualquer lugar em que tenham ido para realizar o trabalho.

3.8 No cárcere: a experiência no Talavera Bruce

O Projeto Curso de Direitos Humanos e Cidadania: Mulheres no Cárcere ocorreu de agosto de 2010 a julho de 2011, na Penitenciária Talavera Bruce. Financiado pela Secretaria Especial de Política para Mulheres, o projeto teve por objetivo oferecer uma formação, como o nome sugere, com noções de Direitos Humanos e Cidadania, destinadas a mulheres

⁷¹ www.papoderesponsa.com.br

cumprindo pena de privação de liberdade na Penitenciária Talavera Bruce, no complexo penitenciário de Gericinó, em Bangu, no Rio de Janeiro. Foram ao todo dois módulos de 60 horas cada, divididos em 15 encontros de 4 horas de duração. Foram dois Papos com as internas do Talavera, um em cada módulo, o primeiro encontro ocorrendo em novembro de 2010 e o segundo em maio de 2011, em que compareceram a ambos os inspetores Roberto Chaves e Wagner Ricardo.

Considerando que aqueles que estão em regime de cumprimento de pena foram em algum momento presos por um policial, a proposta de fazer uma atividade do Papo de Resposta dentro de uma unidade prisional revelou-se bastante desafiadora, mesmo porque para o Projeto, a experiência de estar presente dentro de uma unidade prisional era inédita⁷². Muitas perguntas causavam inquietação à coordenação do curso desde que a decisão de realizar o convite, prontamente aceito, foi tomada. Algumas questões se impuseram, tais como: a reação das internas se depararem com dois inspetores da polícia civil como instrutores em um ambiente de sala de aula; a reação do coletivo como um todo ao saber que dois policiais estariam ali em uma sala falando de forma reservada para um grupo reduzido de internas; o impacto provocado pela presença do uniforme preto e do porte ostensivo de uma pistola em um ambiente marcado por memórias de violência; a forma como a direção da unidade e os inspetores de segurança penitenciária lidariam com a presença de policiais civis dentro de sua jurisdição.

A apreensão com essas questões perdurou durante a chegada à unidade prisional e permaneceu até o início das atividades. Diante de todas as questões elencadas no parágrafo anterior, somadas à vida intramuros, baseada no silêncio e no controle totalizante e absoluto de todas as condutas, de exercício do poder disciplinar de docilização e despersonalização, conforme elencadas respectivamente por Foucault⁷³ e Goffman⁷⁴, atravessamos os longos corredores, passando por galerias e chegando até o auditório, local em que ficaríamos. A equipe do curso tinha enfrentado alguns desafios ao longo das sessões semanais, como o de sensibilizar os inspetores de segurança penitenciária sobre a importância do trabalho, entretanto levar dois inspetores da polícia civil a uma unidade prisional se revelou para o Curso até aquele momento, assim como para o Papo, ímpar.

⁷² Em entrevista, Roberto Chaves relatou que em maio de 2010 houve contatos do Papo com o Degase para o desenvolvimento de atividades do Projeto com os internos e agentes, porém a ideia não chegou a se concretizar.

⁷³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

⁷⁴ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, conventos e prisões*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

Mesmo já tendo sido comunicadas na sessão anterior do Curso sobre o perfil dos instrutores na semana subsequente, em que estariam presentes policiais, certa apreensão permaneceu entre a coordenação do Curso. Além do que já foi colocado anteriormente, uma nova questão havia surgido: a possibilidade de que um dos inspetores fosse reconhecido por alguma interna, inscrita no curso ou não, pela participação na prisão de alguma delas. A repercussão de uma ocorrência dessa natureza certamente repercutiria na dinâmica das atividades, porém não foi o que aconteceu.

Para esta atividade, não compareceu o integrante do AfroReggae, sendo substituído por outro inspetor, já que a direção da unidade apresentava um comportamento bastante conservador, o que levou à decisão, por parte da coordenação do Curso, a optar por não requerer autorização para que o representante do AfroReggae, um egresso do sistema, comparecesse à atividade. Outra medida tomada foi a de que os inspetores do Papo não utilizariam o uniforme preto de costume, tampouco uma camisa da Polícia Civil, além de terem que deixar suas armas acauteladas na portaria da Unidade. O Projeto como uma iniciativa que pretende facilitar a produção de meios de entendimento em ambientes com dificuldade de diálogo e de controle sobre gestos e falas. O discurso foi pautado essencialmente pela busca de entendimento em prol de um objetivo comum que seja o da superação das diferenças e de uma cultura de paz, com passagens como:

“o Papo é formado por muitas vozes. Vozes de pessoas que compartilham da mesma inquietude e que lutam por mudanças. Se essas vozes ficarem cansadas, simplesmente estarão fadadas à acomodação, à omissão. Já as vozes inquietas ganham força, ávidas por transformar a realidade e tornando-se, agentes na construção de um futuro onde a palavra e o diálogo sejam as principais armas contra a violência, seja ela de que tipo for”.

Para encerrar a sessão, Roberto Chaves recuperou um trecho da obra “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, agradecendo a presença de todas no encontro, qualificando-o como um privilégio e destacando estar ciente de que para muitas internas ali presentes, a ida àquele Papo tinha representado um desafio muito grande. E concluiu:

“seria uma surpresa agradável nos encontrarmos amanhã aqui ou em outro lugar, somos iguais e nos reconhecemos nas nossas diferenças.”

Ao que uma interna respondeu: “é como as crianças fazem em sua lógica simples de ver o mundo e as pessoas, sem preconceito”. O resultado foi surpreendente, pois ao fim das atividades o ambiente era de gratidão por parte das internas, que agradeceram a presença do Projeto, sem qualquer sinal aparente de receio ou rancor. Todas as questões preteritamente

elencadas como motivos de preocupação se dissiparam já nos primeiros minutos e os inspetores se mostraram à vontade, com a recepção amistosa da audiência. Houve inclusive manifestações das internas no sentido de que houvesse novos encontros do Papo de Resposta no âmbito do Curso, o que se revelou impossível em vista do calendário planejado.

3.9 Outros Papos a caminho

Este item é dedicado aos principais movimentos recentes pelos quais tem passado o Projeto e aqueles que estão no seu horizonte de perspectivas. Um fato de grande relevo a ser destacado é que no início de 2012 foi encerrado o convênio que estabelecia a parceria da Policial Civil com o Grupo Cultural AfroReggae para o desenvolvimento das atividades do Papo de Resposta. Os agentes de núcleo do AfroReggae continuam com suas atividades na ONG, mas deixam de compor as duplas de trabalho com os inspetores da polícia, que seguiram trabalhando ou individualmente ou em duplas de policiais⁷⁵.

Em 2011, com o crescimento vem a necessidade de ajustes. Para o último trimestre de 2012 a intenção é concluir um processo, já em curso, de sistematização, avaliação e replicação do Projeto, com o objetivo de elaborar um material institucional. A expectativa é que em novembro seja promulgada a resolução de formalização do Papo de Resposta como núcleo de prevenção lotado da DCOB, que será uma entre as delegacias especializadas que comporá a Cidade da Polícia, a ser inaugurada ainda este ano pelo Governo do Estado⁷⁶. Com esse processo, a expectativa é que o número de inspetores do Projeto passe para dez, com a disponibilização de mais viaturas e a criação de um espaço físico que funcione como escritório. Nesse incremento quantitativo de policiais, fica a expectativa inclusive de policiais do sexo feminino, já que até o momento em que essa pesquisa foi feita, apenas homens compunham o Projeto. Para os inspetores do Papo, o espaço físico é importante como referencial, um local adequado onde podem ser feitas reuniões internas e com visitantes, além de ser um local que poderá armazenar de forma adequada o material produzido. Nesse

⁷⁵ Após sua saída do Papo de Resposta, o AfroReggae lançou um Projeto chamado Comandos, em que ex-integrantes de facções criminosas atuam promovendo debates para o debate sobre suas trajetórias e suas opiniões sobre a questão das drogas, da violência e da criminalidade. Em uma iniciativa que parece próxima ao que é realizado pelo Papo de Resposta, a definição do Projeto expressa no site do Grupo diz que: “a proposta é apresentar aos jovens de escolas e universidades, visões de mundos opostos, agora unidos pela crença na educação e transformação social. Levar histórias de vida, que contribuem para a formação de uma consciência crítica, e que auxiliam nas suas decisões. Cria possibilidades de discernimento e de perspectiva de futuro”.

⁷⁶ A resolução da Secretaria de Segurança Pública nº 619, de 14 de novembro de 2012, que promulga a criação do Papo de Resposta como um programa Papo de Resposta subordinado à DCOB, está no Anexo VII, no final desta dissertação.

processo, também está previsto que o próprio Projeto possa firmar convênio, inclusive com a iniciativa privada.

Nesse movimento interno em relação à própria instituição, também está prevista uma articulação com a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, a DPCA, que ainda não tem contornos definidos, mas que espera avançar ainda em 2012. Segundo Roberto Chaves, a expectativa é a de trabalhar em conjunto também com outras delegacias especializadas, que tratam de assuntos diretamente ligados aos temas com os quais o projeto trabalha, como a Delegacia de Proteção ao Meio Ambiente e a Delegacia de Proteção Contra Crimes na Internet.

O fato de estar lotado em uma delegacia, ligado à base da instituição e não se descolar dela, tem importância central para os inspetores do Papo. Essa condição retoma a fala sempre presente de que é importante estar junto à base da instituição, não só para garantir legitimidade, quanto para não se deslocar do fazer policial, do que se passa no cotidiano da atividade-fim da polícia. Nas palavras de Roberto Chaves:

“para nós, o entendimento é que ficar lotado em uma delegacia é fundamental para o trabalho do Papo, pois essa condição nos possibilita não perder o ‘cheiro da delegacia’”.

Entre as novas parcerias, estão no horizonte instituições como Unisuam, a Firjan e a Faetec, para o encaminhamento de jovens que o Papo visita com o fim de preencher vagas destinadas para bolsistas em cursos técnicos e universitários. Essas oportunidades vão ao encontro do argumento de que muitos projetos sociais não oferecem alternativas para que os beneficiados escolham uma formação com a qual se identifiquem além de eminentemente proporcionarem a inserção em atividades de menor nível de qualificação. A questão não está com as opções em si, mas com o fato de muitas vezes serem as únicas disponíveis, além de já virem prontas. Nesse sentido, Roberto Chaves diz que:

“a gente espera com essa abertura de oportunidades, ao invés de se tornar garçom, seja um chefe de cozinha; ao invés de eletricista, mecânico ou pedreiro, que possa escolher ser engenheiro eletrônico, engenheiro mecânico ou engenheiro civil. Sem demérito para esta ou aquela atividade, mas é importante a pessoa ter condições livre de escolha e não ficar presa a um horizonte dado”.

Também está em fase de negociação a entrada do Papo nas comunidades ocupadas por Unidades de Polícia Pacificadora, para fazer um trabalho junto aos jovens moradores das comunidades em que as UPP estão instaladas. No Rio, muitas vezes há traços de rivalidade entre a Polícia Civil e a Polícia Militar, por espaço e visibilidade, entretanto Roberto afirma

que o Projeto chega com a perspectiva de trabalhar junto, de contribuir, não tomar o espaço de ninguém. Com a nova estrutura que é esperada, o Papo pretende ganhar mais musculatura, contando com mais inspetores e mais viaturas, para ir com mais frequência aos municípios do interior em que já esteve e ir a outros que ainda não foram visitados.

Em outros Estados, estão em curso negociações para o desenvolvimento de estratégias de sua replicação, adaptada à realidade local, como é o caso do Pará, do Mato Grosso do Sul e do Espírito Santo. Assim, no Ceará o Projeto deverá se chamar Papo de Rocha, já que nesse Estado o termo “rocha”, quando associado a alguém ou a alguma coisa, ganha a condição de um adjetivo que representa um valor que reúne bons propósitos. É o caso de quando se diz que alguém é rocha ou alguma coisa é rocha. Outro ponto previsto com a institucionalização é a possibilidade receber policiais de outros Estados e países para que recebam formação com a metodologia do Projeto. Para os inspetores do Papo, o Rio é como uma vitrine, seja pela questão da violência ou pela tradição turística, o que faz, sob seu ponto de vista, que a chegada do Projeto a outros Estados contribua para a abertura de um espaço de referência importantes para que outros policiais tomem iniciativas de caráter semelhante.

A exemplo de 2009, a intenção é realizar, em 2013, outro seminário destinado a sensibilizar o público interno, delegados e inspetores, apresentando o desenvolvimento das atividades nos últimos anos e contribuindo, para dentro da instituição, na ampliação do debate sobre as questões com as quais ele dialoga. O principal desafio para o próximo ano, segundo Roberto Chaves, é “crescer pra dentro” com qualidade. Aumentar o número de policiais do Projeto, garantindo que, em suas palavras, “tenham consigo a essência e os valores do Papo”.

FIM DE PAPO

Sabe-se que os fenômenos da violência e da criminalidade são complexos e dinâmicos, requerendo uma abordagem integrada que envolva múltiplos setores. São necessárias intervenções que não mais acionem apenas as instituições de forma difusa, o que não garantem resultados duráveis; é preciso uma integração entre setores como os de planejamento urbano, saneamento básico e assistência social. Nos últimos anos, no Brasil, um ponto que vem ganhando espaço é a importância das cidades, dos governos locais e dos cidadãos de cada localidade no diagnóstico e no planejamento de ações mais próximas dos cidadãos. Esses atores trazem consigo um papel fundamental na implantação e no monitoramento de medidas cujo objetivo é prevenir a violência, uma vez que têm condições de conhecer as especificidades da realidade em que vivem por meio do saber local. Os efeitos diários da violência e da criminalidade são percebidos, antes de em qualquer outro lugar, pela comunidade e por seus membros e é necessário ouvi-las, investindo em ações preventivas junto aos atores locais. A participação comunitária é fundamental para o êxito de políticas que se pretendam enquanto preventivas e não meramente paliativas. É fundamental atuar preventivamente sobre fatores como degradação ambiental, desemprego, problemas de saneamento, iluminação pública e lazer da população, segundo o conceito de prevenção primária. Embora a ausência ou a precariedade desses fatores não justifique a violência e a criminalidade, nos ajudam a compreender o ambiente em que elas se manifestam.

O aumento do comércio de drogas e de armas, estas com poder de fogo cada vez maior e aquele com a introdução da cocaína, ambos os fatores associados a problemas estruturais e históricos de ordem socioeconômica, fizeram, principalmente dos grandes centros urbanos, o palco de episódios de violência que marcaram o cotidiano do cidadão. A dificuldade do Estado em lidar com essa situação, à medida que diversos planos, muitas vezes pontuais e desarticulados, foram colocados em prática sem produzir o efeito esperado, fez com que as autoridades constituídas percebessem que era necessária uma revisão nos sistemas de segurança e de justiça criminal no país.

O modo tradicional de lidar com a questão, pautado no autoritarismo e na repressão simples, já não se sustentava para dar conta da realidade. A percepção de que eram necessárias medidas que apontassem para a criação de um novo paradigma de segurança pública tocou em áreas de atuação para além da ação policial pura e simples, ao mesmo tempo em que inaugurou um novo lugar para as polícias na política de segurança pública. Despertou-se para o fato de que a repressão à violência guarda seu valor, mas que abordagens pontuais

são insuficientes. O aumento de repressão não podia continuar a ser, portanto, uma panaceia para o problema em questão. Tomando como exemplo o Estado do Rio de Janeiro nos últimos anos, tem se construído, dentro do governo e na sociedade civil organizada, o discurso do consenso de que as instituições policiais não devem ser os únicos atores em matéria de segurança pública, embora a polícia detenha o monopólio do uso legítimo da força e seja a instituição constitucionalmente investida da função legal de manter a ordem.

Desse modo, a partir da assunção de que a ordem pública democrática demanda uma ampliação dos atores sociais responsáveis pela área de segurança pública para além das organizações policiais, temos o conceito de corresponsabilização, em que se compreende que a segurança é um dever do Estado e uma responsabilidade de todos os cidadãos. Ganhamos com a ampliação dos espaços de debate e do conjunto de atores interessados e envolvidos na formulação de políticas públicas na área de segurança. Mesmo que estejamos no início de um processo longo e difícil, pode-se perceber que gradativamente a segurança pública vai encontrando pontos de contato e colaboração interdisciplinar, por meio do trabalho integrado de agentes dos mais variados setores. Esses são alguns dos desafios com os quais o Projeto Papo de Resposta se propõe a dialogar.

Por inscrever-se em um corte temporal específico, este trabalho não pretendeu apresentar uma fotografia do Projeto, estática e definitiva, mas um curta-metragem, fruto de seu acompanhamento durante um determinado tempo, que pretendeu capturá-lo em movimento, atento à sua dinamicidade. A pesquisa chega ao fim em um momento em que o Papo de Resposta passa por mudanças importantes. Como um trabalhador autônomo que busca a formalização, o Projeto terá que lidar com transformações em sua estrutura e em seu *modus operandi* nos próximos meses, o que poderá provocar rearranjos e adaptações.

Conforme foi dito anteriormente, a saída do AfroReggae e a institucionalização na Polícia Civil abrem caminho para uma nova configuração do Projeto, que somente novos estudos poderão compreender. O desafio de crescer com qualidade, expressão utilizada pelos próprios inspetores, e o hiato deixado pela ausência do contraponto de um egresso, após 4 anos de parceria, algo representativo simbolicamente em suas atividades, enseja ajustes. Algumas perguntas são inevitáveis, como, por exemplo, se há espaço para que outras organizações não governamentais ou para que membros da sociedade civil venham a integrar o Projeto, no mesmo formato de duplas de trabalho ou se os Papos seguirão conduzidos por dois inspetores. No primeiro caso, isso representaria um fôlego novo ao trabalho? E no segundo, este ficará sujeito a um discurso ensimesmado e unilateral? Se a institucionalização anuncia a possibilidade do estabelecimento de parcerias, que estratégias serão utilizadas para

essa prospecção? Que medidas serão tomadas para a sensibilização de novos inspetores? Com a institucionalização, haverá a introdução de metas a serem cumpridas e, contas a serem prestadas sobre resultados esperados?

É preciso refletir ainda sobre o que representará a subordinação institucional a uma delegacia especializada e como se desenvolverá o Projeto tanto para a Polícia Civil quanto para o próprio Papo em termos da prática das atividades. Se até hoje estas são pautadas por um discurso espontâneo, com pouca sistematicidade e grande autonomia, o novo momento abre espaço para que sejam desenvolvidos manuais ou apostilas com conteúdo? Isso daria mais solidez aos seus propósitos ou engessaria o discurso, levando-o para um formato próximo ao do Proerd? A agenda de trabalho será controlada e confeccionada por uma espécie de secretaria ou permanecerão a cargo de um inspetor, conforme tem sido?

A replicação em outros Estados, transformando o Papo de Responsa, pensado para a realidade do Rio de Janeiro, em outros Papos, como o Papo de Rocha, no Ceará, transformaria a ideia em um produto produzido em série, hermético? Nas UPP, no Rio de Janeiro, como será a relação com a Polícia Militar, de integração ou de competição?

É importante estar atento ao fato de que, apesar da dedicação e da boa vontade dos seus integrantes, os objetivos do Projeto encontram dificuldade para se converter em realidade. Prevenir a violência requer mais que a participação de um grupo de policiais envolvidos em atividades de debate sobre temas polêmicos e assunção de erros, mas a produção de dados estatísticos confiáveis, a oferta de estrutura adequada de trabalho, uma remuneração compatível com as atribuições e eficácia na resolução de crimes. É preciso transformar ações pontuais e setORIZADAS, em mudanças de prática efetivas da instituição. Nesses termos, parece que o Papo de Responsa prima muito mais por atuar como um relações-públicas da Polícia Civil do que como uma iniciativa com impacto na prevenção da violência.

A dificuldade de diálogo entre a polícia e a população é um traço que está longe de ser superado. Em relação ao jovem, é preciso que este veja a polícia de forma diferente, mas também é verdade que a polícia precisa enxergar o jovem de outra forma, sobretudo aquele que historicamente é o mais vitimado, o jovem negro, pobre, de baixa escolaridade e morador do subúrbio. No campo de pesquisa, por exemplo, houve vezes em que jovens evitaram ser fotografados junto com policiais, o que denota ou falta de confiança ou receio de uma eventual represália em caso de veiculação do registro. Como garantir o registro de presença das pessoas nesses termos?

É preciso pensar se, nas sessões, a ostensividade representada pela presença de uma arma e de um uniforme que remete ao de uma força de elite, pautada por ações de confronto armado com elevado índice de letalidade, colabora para a transformação da percepção da comunidade sobre o papel policial. O discurso de apresentar no Papo o mesmo policial que aquele que atua na rua pode ser apropriado tanto de um lado como do outro. A despeito de falarmos de dois momentos distintos, com exigências distintas, se o desejo é transmitir ao público que aquele policial do Projeto deve ser o mesmo “das ruas”, há margem também para que enxergue o mesmo policial da operação no Papo. Vale refletir sobre a linha tênue entre o desejo de contribuir para a prevenção e o exercício do autoritarismo, pois embora haja expressões de simpatia e proximidade nos contatos dos inspetores com o público, sabe-se que muitas vezes um interlocutor busca adequar seu discurso de forma coerente com o ambiente em que se encontra. Isso vale para os policiais, mas também para avaliar a reação do público.

Questões como essas permitirão futuros trabalhos a continuar na senda de tentar responder afinal: *que Papo é esse?*

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Tradução Fernando Tomaz. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Ofício do Sociólogo: metodologia de pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRECHT, Bertold. A Exceção e a Regra. Volume V. In: Teatro completo. 12 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CESeC. Boletim de Segurança e Cidadania nº 12, ano 5, outubro de 2006. Juventude e Polícia.
- CESeC. Boletim de Segurança e Cidadania nº 13, ano 8, dezembro de 2009. Meninos do Rio: jovens, violência armada e polícia nas favelas cariocas.
- DA MATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. Rio de Janeiro: Cadernos do PPGAS, Museu Nacional, 1974.
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: uma sociologia do dilema brasileiro. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- DURKHEIM, Emile. As Regras do Método Sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 5. Ed. Petrópolis. Editora Vozes, 1987.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Rio de Janeiro. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. As Classes Perigosas: banditismo urbano e rural. Editora Graal, 1982.
- HOLANDA, Sérgio Buarque, Raízes do Brasil. 26. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- IHA. Índice de Homicídios de Adolescentes. Laboratório de Análise da Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- Ibase. Observatório da Cidadania, 2009. Edição especial.

JOSE JUNIOR, Amadeu. Da Favela para o Mundo: a história do Grupo Cultural AfroReggae. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MALINOVSKI, Bronislaw. Argonautas dos Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1978.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2010: Anatomia dos Homicídios no Brasil. Jacobo Waiselfisz. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

MILLS, C. Wright. Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaio. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Zahar, 2009.

RAMOS, Silvia & MUSUMECI, Leonarda. Elemento Suspeito: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

RODRIGUES, R. H. A Constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo., 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica – São Paulo.

SAPORI, Luis Flavio. Segurança Pública no Brasil: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SIMMEL, Georg. Questões Fundamentais de Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. 5. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WHYTE, Willian Foote. Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Endereços eletrônicos:

<http://www.afroreggae.org>

<http://www.ashoka.org.br/>

<http://www.brasil.gov.br/Pronasci>

<http://www.cidades.gov.br>

<http://www.facebook.com/papoderesponsa>

<http://www.Ibase.com.br>

<http://www.inesc.org.br>

<http://www.institutonatura.org.br/>

<http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=223>

<http://www.lav.uerj.br>

<http://www.mj.gov.br>

<http://www.naturamusical.com.br/>

<http://www.onu-brasil.org.br/>

<http://www.soudapaz.org.br>

<http://www.papoderesponsa.com.br>

<http://picasaweb.google.com.br/papoderesponsa/IEncontroPapoDeResponsaBuzios15DeMar#>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm

<http://www.policiacivil.rj.gov.br>

<http://www.policiamilitar.rj.gov.br>

<http://portal.mj.gov.br>

<http://www.sangari.com/mapadaviolencia>

<http://scf.natura.net/>

<http://www.scribd.com/doc/25098935/Relatorio-Final-1%C2%AA-CONSEG>

<https://twitter.com/papoderesponsa>

<http://www.uppsocial.org>

ANEXO A - Logotipo



ANEXO B - Capa do livro “O livro de todas as vozes”



ANEXO C - Gandola



ANEXO D - Letra de “Pérolas”

Vocês aí na região do universo
Representando as estrelas que brilham
Para vê-las e tornar a vê-las
Um toque de esperança para um mundo melhor
Aquele que a gente quer
Saibam que a luz já dá pra sentir
O amor que vence a passa os caminhos
Abraça o Homem que quer ver a coroa real
Com o brilho de joias universal

Letra: Paulo Cesar Telles

ANEXO E - Letra de “Rap do Papo”

O Papo é de Resposta
 Não se acanhe, chega mais
 Não é jogar conversa fora e sim ideia eficaz
 Fazendo acontecer pra quem busca vocação
 Estimulando a juventude a obter transformação
 É o lado com que cala aquele que generaliza
 Prioridade aqui é o que valoriza a vida
 E se alguém, te convidar pra poluir seu coração
 Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
 Tem Papo na comunidade, na escola e no abrigo
 Somos uma mão na roda deixando o nosso aviso
 Mentes e corações, gente cansada do combate
 Estão cessando fogo e partindo pro debate
 Complemento social, projeto que previne o mal
 Boto fé e contribuo pro futuro magistral
 E se alguém te convidar pra poluir seu coração
 Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
Parece mentira e acredite se quiser
Da água pro vinho só muda quem tem fé
Assim que é, nem inveja faz afronta
Porque aqui o Papo é de Resposta
Parece mentira e acredite se quiser
A água pro vinho só muda quem tem fé
E se quiserem infiltrar em sua mente a podridão
Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
 Ex-criminosos e policiais civis do mesmo lado
 Mostrando que quem quer não segue o caminho errado
 Sem rotulações todo mundo é bem vindo
 Até que provem o contrário, ninguém mais é inimigo
 O jovem do nosso país precisa de muita atenção
 Respeito, carinho e boa orientação
 E se alguém te convidar pra poluir seu coração

Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
Vamos mandando um Papo aberto sem muro e sem medo
Sem lado, sem divisão e sem preconceito
Direitos sim, temos que reivindicar
Mas é fazendo por onde que vamos conquistar
Pois a arma que aqui está a apontar
É a do respeito que dispara o bem-estar
E se alguém te convidar pra poluir seu coração
Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
Parece mentira e acredite se quiser
Da água pro vinho só muda quem tem fé
Assim que é, nem inveja faz afronta
Porque aqui o Papo é de Resposta
Parece mentira e acredite se quiser
A água pro vinho só muda quem tem fé
E se quiserem infiltrar em sua mente a podridão
Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
O beco sempre tem saída quando há alguém
De forma honesta querendo muito ir além
Não importa a cor da pele nem a sua profissão
Seja pai, filho, pessoa ou cidadão
O importante é cada um fazer a sua parte
Pois todo conflito é o vilão da humanidade
E se alguém te convidar pra poluir seu coração
Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
Um mundo plural, menos eu e mais nós
Um Papo inteiro e verdadeiro que escuta a outra voz
Nesse tempo intolerante e nada hospitaleiro
Buscamos o crescimento do povo brasileiro
Mantendo a palavra seguindo a esperança
A escolha é nossa e quiser você alcança
E se alguém te convidar pra poluir seu coração
Seja forte, não se entregue e com coragem diga...
Parece mentira e acredite se quiser

*Da água pro vinho só muda quem tem fé
Assim que é, nem inveja faz afronta
Porque aqui o Papo é de Responso
Parece mentira e acredite se quiser
A água pro vinho só muda quem tem fé
E se quiserem infiltrar em sua mente a podridão
Seja forte, não se entregue e com coragem diga...*

Letra: Willian Ducontra

ANEXO F - A agenda de 2011

Dia	Local	Bairro ou Município	Público
Janeiro			
18	Reunião no Senai	Benfica	5
19	Reunião com escolas locais	Macaé/RJ	30
24	Reunião no CIEP 249 Pastor Waldemar Zarro	São Gonçalo/RJ	5
25	Reunião no C. E. Antônio Prado Junior	Tijuca	5
Fevereiro			
1	Reunião com professores no C. E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	100
2	Papo no Colégio A. Liessin Scholem	Botafogo	80
12	Papo na Assembleia de Deus de Canaã	São Gonçalo/RJ	30
15	Papo no Senac	Campo Grande	100
22	Reunião com professores de escolas locais	Macaé/RJ	40
26	Reunião com pais no C. E. Antonio Prado Jr	Tijuca	60
28	Reunião com professores do Senai	Benfica	30
Março			
14	Papo I Seminário Nacional de Políticas para Juventude e JPMDB	Centro	100
14	Papo no Colégio N. S. Assunção	Niterói/RJ	30
16	Reunião no Colégio Pedro II	Tijuca	5
17	Reunião no C. E. Ministro José de Moura e Silva	São Gonçalo/RJ	10
17	Papo no C. E. Pastor Waldemar Zarro	São Gonçalo/RJ	80
17	Papo no Colégio N. S. Assunção	Niterói/RJ	30
19	Reunião de pais no C. E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	60
21	Reunião no Tribunal de Justiça	Centro	5
21	Papo no Instituto Nacional de Educação de Surdos	Laranjeiras	60
23	Papo no C.E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	250
24	Papo na Unisuam	Bonsucesso	120
24	Papo no C.E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	250
29	Papo no C.E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	250
30	Papo no Senai	Benfica	350

31	Papo no C.E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	200
Abril			
1	Reunião no C. E. L. Norte Shopping	Abolição	5
1	Papo no C.E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	250
4	Reunião no SESI	Laranjeiras	5
5	Reunião no C. E. Jardim Meriti	São João de Meriti/RJ	6
6	Papo no C.E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	450
7	Papo no SENAC	Bonsucesso	100
7	Reunião no Instituto Franca Barroso	São Gonçalo/RJ	6
8	Reunião na Escola Tempo Integral	Búzios/RJ	10
11	Papo no C. E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	60
12	Papo no C. E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	40
13	Papo no C. E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	140
13	Papo no “Conexões Universidade” UFRJ	Urca	50
14	Reunião no SESI/Senai	São Gonçalo/RJ	7
14	Papo no C.E. Antonio Prado Jr.	Tijuca	40
15	Papo com professores no Colégio Pedro II	Tijuca	25
18	Papo no C.E.L.	Barra da Tijuca	30
18	Reunião interna	Búzios/RJ	6
19	Papo no SESI/Senai	Macaé/RJ	365
20	Papo no C. E. Irene Meireles	Macaé/RJ	200
20	Papo no Colégio Exame	Macaé/RJ	200
26	Papo no CIEP 393 Aroeira	Macaé/RJ	590
27	Papo no CIEP 393 Aroeira	Macaé/RJ	120
29	Papo na Associação Beneficente São Martinho/Senai	Maracanã	50
Mai			
3	Papo no SESI/Senai	São Gonçalo/RJ	80
4	Papo no Colégio Pedro II	Tijuca	150
6	Papo no SESI/Senai	São Gonçalo/RJ	70
10	Papo no SESI/Senai	São Gonçalo/RJ	100
10	Papo na Universo	São Gonçalo/RJ	150
11	Papo no Colégio Pedro II	Tijuca	150

11	Papo no C.E.L.	Ilha do Governador	70
12	Papo no Projeto Vira Vida	Tijuca	20
13	Papo no Instituto Franca Barroso	São Gonçalo/RJ	35
13	Papo no C.E.L. Norte Shopping	Abolição	60
17	Papo no SESI/Senai	São Gonçalo/RJ	120
18	Papo no Colégio Pedro II	Tijuca	150
18	Papo no Senai	Laranjeiras	40
19	Papo no SESI/Senai	São Gonçalo/RJ	60
19	Reunião na Cruzada do Menor	Del Castilho	6
20	Reunião no SESI/Senai	Vicente de Carvalho	6
21	Papo com professores no C. E. Jardim Meriti	São João de Meriti/RJ	30
23	Papo no Colégio Faria Brito	Recreio dos Bandeirantes	150
23	Papo no Talavera Bruce	Bangu	15
23	Papo na Audiência Pública sobre Crack	Nova Friburgo/RJ	80
24	Papo no Seminário sobre Crack na Secretaria de Segurança Pública	Centro	60
24	Papo na Universidade Candido Mendes	Méier	100
25	Papo na Universidade Estácio de Sá	Santa Cruz	150
26	Reunião na ONG Causes	Lapa	10
26	Reunião em Art Luz de Macaé	Lapa	8
28	Reunião com professores no SESI/Senai	Vicente de Carvalho	35
30	Reunião	Laje do Muriaé/RJ	10
31	Papo no Colégio Jornalista Álvaro Bastos	Macaé/RJ	300
31	Papo no C. E. Professora Wanilde Natalino Matos	Macaé/RJ	100
Junho			
1	Papo no C. E. Professora Wanilde Natalino Matos	Macaé/RJ	200
2	Papo no SESI	Cinelândia	40
2	Reunião na Faetec	Lapa	10
3	Papo no SESC	Duque de Caxias/RJ	40
6	Papo no SESI	Cinelândia	40
7	Papo no SESI/Senai	Laranjeiras	150
8	Papo com escolas municipais de Resende	Resende/RJ	350

10	Reunião na Secretaria de Educação	Centro	6
14	Papo na Cruzada do Menor	Del Castilho	120
15	Papo no SESI/Senai	Vicente de Carvalho	300
16	Reunião no Colégio Humanitás	Ilha do Governador	6
16	Reunião no CIEP 309 Zuzu Angel	São Gonçalo/RJ	8
17	Papo com jovens do Protejo	Nova Iguaçu/RJ	100
17	Reunião no SESI Senai	Benfica	6
17	Papo na UniverCidade	Maracanã	100
20	Reunião Colégio	Realengo	5
21	Papo no SESI/Senai	Honório Gurgel	360
22	Papo no SESI/Senai	São Gonçalo/RJ	60
22	Reunião na E. M. Conde de Agrolongo	Penha	6
27	Papo no Senai	Laranjeiras	80
28	Reunião no Educandário Nadir de Souza	Itaguaí/RJ	6
29	Reunião no Colégio Alfa Cem	Jacarepaguá	8
29	Papo com professores das redes particular e pública de ensino	Nova Iguaçu/RJ	80
30	Papo com alunos da rede particular de ensino	Nova Friburgo/RJ	250
30	Papo com alunos da rede pública de ensino	Nova Friburgo/RJ	250
Julho			
1	Papo com alunos da rede particular de ensino	Nova Friburgo/RJ	200
1	Papo com alunos da rede pública de ensino	Nova Friburgo/RJ	200
5	Reunião no Colégio Passaredo	Ilha do Governador	8
7	Reunião no SESI	Jacarepaguá	6
9	Papo com professores de escolas	Realengo	20
11	Papo Colégio	Realengo	80
12	Papo Colégio	Realengo	100
14	Papo no Senac Bonsucesso	Bonsucesso	120
14	Reunião na E. M. Almirante Tamandaré	Duque de Caxias/RJ	5
15	Papo Colégio	Realengo	80
15	Papo com professores no CIEP 309 Zuzu Angel	São Gonçalo/RJ	30
Agosto			

2	Papo no Senai	Laranjeiras	50
5	Papo na Fundação Bradesco	Tijuca	100
9	Papo no CIEP 309 Zuzu Angel	São Gonçalo/RJ	160
10	Papo no SESI	Cinelândia	40
11	Papo no CIEP 309 Zuzu Angel	São Gonçalo/RJ	80
11	Papo com professores no Colégio Pedro II	Tijuca	25
12	Papo no Fórum Regional de Juventude	Miguel Pereira/RJ	100
16	Papo no Colégio Humanitás	Ilha do Governador	60
17	Papo no ESIL Educacional	Tijuca	40
18	Papo no Colégio Humanitás	Ilha do Governador	100
19	Papo no Seminário Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas	Volta Redonda/RJ	120
19	Papo no SESI	Cinelândia	40
23	Papo no Senai	Benfica	200
23	Papo com pais no ESIL Educacional	Tijuca	20
23	Papo na Unisuam	Bonsucesso	250
24	Papo na Unisuam	Bonsucesso	200
24	Papo no Senai	Benfica	200
25	Papo no Senai	Benfica	200
25	Papo na Unisuam	Campo Grande	200
26	Papo Senai	Benfica	200
30	Papo com pais no ESIL Educacional	Penha	10
31	Reunião com professores na E. M. Marcus Vinicius Caetano	Maricá/RJ	10
Setembro			
1	Papo no Jovem Aprendiz Ipiranga	São Cristóvão	50
2	Reunião no Colégio Antares	Ilha do Governador	6
5	Papo no Colégio Humanitás	Ilha do Governador	50
6	Papo no Colégio N. S. Assunção	NiteróiNiterói/RJ	40
8	Papo na Unisuam	Bonsucesso	60
9	Reunião no Colégio Bahiense	Ilha do Governador	5
12	Reunião no Colégio Anchieta	Nova Friburgo/RJ	8

12	Papo Senai	Benfica	120
13	Papo na Casa do Saber	Lagoa	40
13	Papo no Colégio N. S. Assunção	Niterói/RJ	60
14	Reunião no CIEP Anibal Machado	Anchieta	6
14	Papo em Conexões Universidade UFRJ	Urca	40
15	Papo na Unisuam	Bangu	180
19	Reunião com professores na E. M. Almirante Tamandaré	Duque de Caxias/RJ	15
20	Papo no Colégio Bahiense	Ilha do Governador	80
21	Reunião na Escola Parque	Gávea	8
22	Reunião no Senai	Jacarepaguá	6
22	Reunião no C. E. Amapá	Colégio	6
23	Papo no SESC	Duque de Caxias/RJ	30
24	Papo na Igreja Nossa Senhora Sagrado Coração – Encontro de Adolescentes com Cristo	Jacarepaguá	120
26	Reunião na E.M. Pereira Passos	Rio Comprido	8
27	Papo no Colégio Veiga de Almeida	Maracanã	120
28	Reunião no C. E. Jovina Amaral de Oliveira	Itaboraí/RJ	6
30	Papo no SESC	Duque de Caxias/RJ	15
Outubro			
3	Reunião na E. M. Mendes Viana	Irajá	5
4	Papo com professores no C. E. Amapá	Colégio	30
4	Papo no C. E. Luis de Camões	Colégio	30
5	Papo no Centro Cultural Vivenda	Jacarepaguá	30
5	Papo com professores no CIEP 195 Anibal Machado	Anchieta	25
6	Papo no C. E. José Matoso Maia Forte	Rio Bonito/RJ	150
6	Papo na Estácio de Sá	Rio Comprido	250
7	Papo no SESC	Duque de Caxias/RJ	20
7	Papo com professores no Senai	Jacarepaguá	40
9	Papo na Igreja Nossa Senhora das Graças	Marechal Hermes	60
10	Papo com professores no Senai	Barra Mansa/RJ	10
11	Papo no Senai	Barra Mansa/RJ	200

11	Papo no Senai	Barra Mansa/RJ	200
13	Papo no Colégio Anchieta	Nova Friburgo/RJ	160
14	Papo no SESC	Duque de Caxias/RJ	15
17	Papo no Colégio Humanitás	Ilha do Governador	50
17	Reunião no Instituto Synthesis	Cidade Nova	5
18	Papo no Colégio Antares	Ilha do Governador	40
18	Reunião na Escola Técnica	Visconde de Mauá/RJ	6
20	Papo na Escola Parque	Gávea	50
20	Reunião no Senai	Tijuca	8
20	Papo na E. M. Almirante Tamandaré	Duque de Caxias/RJ	40
25	Papo no C. E. Jardim Meriti	São João de Meriti/RJ	120
26	Papo no Colégio N. S. Assunção	Niterói/RJ	40
26	Papo na Universo	Duque de Caxias/RJ	80
26	Papo na E. M. Orlando Hungria	Nilópolis/RJ	60
27	Papo no CIEP 249 Pastor Waldemar Zarro	São Gonçalo/RJ	120
27	Papo na Uniabeu	Nilópolis/RJ	150
28	Papo no SESC	Duque de Caxias/RJ	15
31	Reunião no Senai – PSAI	Tijuca	6
Novembro			
01	Papo no Colégio Bahiense	Ilha do Governador	60
03	Papo na Escola Parque	Gávea	60
05	Papo na Universidade Castelo Branco	Realengo	40
07	Papo na Escola Técnica	Visconde de Mauá/RJ	150
07	Papo no Senai	Tijuca	120
08	Papo na Escola Técnica	Visconde de Mauá/RJ	150
08	Papo na PUC	Gávea	35
09	Papo no Instituto Franca Barroso	São Gonçalo/RJ	25
10	Papo no Instituto Synthesis: Projeto Reciclando Vidas	São Gonçalo/RJ	40
10	Papo no Senai	Tijuca	150
11	Papo na UniverCidade	Vaz Lobo	100
16	Papo no Centro Cultural Vivenda	Jacarepaguá	50

16	Papo no C. E. Amapá	Colégio	80
17	Papo no C. E. Luis de Camões	Colégio	100
18	Papo no C. E. Pinto Lima Niterói	Centro	120
21	Papo no CIEP Anibal Machado	Anchieta	100
22	Papo na Cruzada do Menor	Del Castilho	100
24	Papo no Solar Meninos de Luz	Cantagalo/RJ	40
28	Papo no Solar Meninos de Luz	Cantagalo/RJ	40
29	Papo no Senac Riachuelo: Projeto Vira Vida	Riachuelo	25
29	Papo no Senai	Tijuca	120
30	Papo no CIEP Anibal Machado	Anchieta	100
30	Papo no Senai	Tijuca	100
Dezembro			
1	Papo no Senai	Tijuca	200
5	Papo na Cruzada do Menor	Del Castilho	50
5	Papo no Instituto Synthesis: Projeto Reciclando Vidas	São Gonçalo/RJ	20
6	Papo no Senai	Benfica	220
7	Papo no Senai	Tijuca	160
8	Papo no Senai	Tijuca	80
9	Papo no Seminário Brasil	Jerusalém/Israel	50
19	Papo no Projeto Pacto Paz	Vitória/Espírito Santo	50
20	Papo com professores no Colégio Souza Marques	Madureira	30

ANEXO G – Resolução de instituição do Programa na estrutura da Polícia Civil

Secretaria de Estado de Segurança

ATOS DO SECRETÁRIO

RESOLUÇÃO SESEG Nº 619 DE 14 DE NOVEMBRO DE 2012 INSTITUI NO ÂMBITO DA POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO O PROGRAMA PAPO DE RESPOSTA.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA SEGURANÇA, no uso de suas atribuições nos termos do Decreto nº 41.417, de 04 de agosto de 2008, CONSIDERANDO:

- a necessidade de implementar políticas de prevenção à violência no âmbito da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro,
- que é prioridade desta Gestão a atuação, de forma preventiva, das Políticas no enfrentamento às drogas junto aos grupos em situação de vulnerabilidade,
- que essa atuação preventiva aproxima o policial do seu verdadeiro papel, qual seja o de promover a cidadania, e
- o trabalho desenvolvido pela Polícia Civil com a metodologia PAPO DE RESPOSTA,

RESOLVE:

Art. 1º – Fica instituído, no âmbito da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, o Programa PAPO DE RESPOSTA.

Art. 2º – O programa de que trata o artigo anterior tem por finalidade:

- I – promover e articular ações de prevenção à violência, em especial, ao uso de drogas;
- II – promover o diálogo com crianças e jovens acerca da violência;
- III – promover diálogos com outros grupos, tais como lideranças comunitárias, gestores públicos, e educadores em suas mais diversas formas de atuar;
- IV – atuar junto aos Conselhos Comunitários de Segurança;
- V – Compor novas parcerias relevantes com o fim de ampliar e melhorar a metodologia utilizada para alcance de seus objetivos;
- VI – apoiar a inserção da cultura de prevenção no âmbito da Polícia Civil.

Art. 3º – O programa PAPO DE RESPOSTA fica subordinado à Delegacia de Combate às Drogas (DCOD);

Parágrafo Único – O PAPO DE RESPOSTA, de que trata o “caput” deste artigo, contará com uma equipe formada por no mínimo 10 (dez) policiais civis.

Art. 4º – Os recursos para a administração do PAPO DE RESPOSTA correrão à conta do orçamento da Secretaria de Estado da Segurança, facultada a contribuição da sociedade civil para esse fim.

Art. 5º – A Chefe de Polícia Civil deverá editar ato normativo complementar para regulamentação e fiel cumprimento da presente Resolução.

Art. 6º – Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2012

JOSÉ MARIANO BENINCÁ BELTRAME